

Revista

da Escola Normal de S. Carlos

Propriedade e redacção do corpo docente

SUMMARIO

- JOAO TOLEDO** *Os ideaes nacionaes e as escolas elementares*
Da 12a. cadeira
- MARIANO DE OLIVEIRA** *Escolas Normais*
Director da Escola Normal
- CARLOS DA SILVEIRA** *Questões de ensino normal*
Da 11a. cadeira
- EZEQUIEL DE MORAES LEME** *Questões do ensino*
Da 9a. cadeira
- A. PROENÇA** (*A escola e a caserna*
Da 13a. cadeira (*Ensino primario*
- J. & C.** *Pedagogia*
- SEBASTIAO PAULO DE TOLEDO PONTES** *21 de Abril*
Da 7a. cadeira
- MARIO NATIVIDADE** *Um problema de annuidades*
Da 5a. cadeira
- RAPHAEL FALCO** *Fim do desenho nas escolas primarias e normaes*

Expediente

—*Publica-se esta Revista duas vezes por anno.*

--*Só se incluem nella trabalhos inéditos.*

—*A graphia é a dos respectivos collaboradores, unicos responsaveis pelas idéas que emittirem.*

—*Toda a correspondencia deve ser dirigida á Comissão de Redacção da Revista da Escola Normal—São Carlos — Estado de São Paulo — BRASIL.*

OS IDEAES NACIONAES E

AS ESCOLAS ELEMENTARES

Os desejos conscientes de melhora são conquistas da civilização, realizadas pelo homem, através do tempo, graças á sua crescente capacidade de previsão. No seio das sociedades primitivas, as aspirações vão pouco alem do gozo presente: são de ordinário conservadoras, egoísticas, estreitas. Onde, porêem, as sciencias e as artes florescem, illuminando a mente humana e as coisas que a cercam, a perspectiva de uma ventura maior e melhor se apresenta, gerando ideaes amplos, altruísticos e quasi sempre remotos. A esperança os crêa, a razão precisa-lhes o valôr e indica os meios convenientes de realização. A estabilidade relativa, observada nos agrupamentos de homens inferiores, mostra que elles com pouco se contentam; ao passo que as agitações contínuas e mudanças de todo o gênero, que transformam os meios civilizados, denunciam ambições ardentes de melhora, trabalhando a alma de cada um. A coincidência destas ambições, na maioria dos filhos de um mesmo paiz, dá origem á convergencia de esforços conscientes, que são aspectos dynâmicos dos ideaes generalizados e agentes propulsores da vida em commum. Sem estes ideaes, bem definidos e enraizados, a grandeza de um povo nunca passará de um sonho.

Em nossa terra, essa convergencia de esforços ainda não se realizou. Sabem alguns indivíduos o que particularmente aspiram realizar; outros muitos... apenas querem viver: e a grande massa deixa-se arrastar pelas circumstancias, eternamente queixosa, clamando contra o governo, causa efficiente dos ordenados minguados, da carestia da vida, dos gafanhotos, da

sêca, das geadas e das epidemias. Como entidade collectiva, nosso povo, amorfo, sem vontade raciocinada, não sabe articular suas esperanças: seus ideaes elaboram-se agora, lentamente, desajudados de tudo e de todos. Não sabe; mas nem a imprensa, nem a escola têm orientação definida: as opiniões se chocam e os esforços perdem de vigôr. Verdade é, entretanto, que muitas vezes já se fazem ouvir, denunciando um vício, uma falha e indicando um remédio. E neste sentido muita coisa boa, de immensa utilidade, escripta com amôr e consciencia, tenho lido: abordam-se ahi uma ou algumas das nossas exigencias. Não conheço, porém, em nossa literatura, uma synthese enérgica, exacta e clara das necessidades nacionaes, na phase que atravessamos. Nada encontrei que me dêsse uma visão de conjuncto, completa quanto se faz mistér, e que me servisse de guia no pesado encargo de professor, co-responsavel, por isso, na *formação da alma brasileira*. Alguns de nossos patrícios, cujo saber fulgurante se desperdiça hoje em querelas de política partidária, poderiam dar braço forte a esta causa, escrevendo o código da conducta social do brasileiro, tendo em vista o futuro da nacionalidade.

Alem das razões que, no seio de todos os povos, determinam a criação de ideaes próprios, entre nós, aos olhos de quem reflecta sobre o futuro da gente brasileira, ainda outras razões tornam premente a urgencia da definição e propagação de ideaes nossos. Vejamos. Somos uma nação onde «todas as tentativas são possíveis». A vastidão e a fertilidade das terras, o sub-solo inexplorado, as producções naturaes abundantes, o clima variado e geralmente ameno, bôa posição geographica, um povo pacato e grandemente hospitaleiro—tudo a convidar uma larga corrente immigratória que, ha annos, já nos procura e que será enorme dentro de pouco tempo. Somos, porém, quasi analphabetos, não possuimos escolas, nem temos ideaes que sejam os centros de convergencia de nossas actividades. Os estrangeiros, premidos pelas consequencias da guerra, accedem aos convites instantes que lhes dirigimos, e vêm estabelecer-se aqui, trazendo, estratificadas na alma, as lembranças das luctas seculares pela grandeza de suas pátrias respectivas. São elementos sólidos que se não desaggregam facilmente; antes poderão desagregar ainda mais o nosso pobre nacionalismo desarticulado e frouxo. Ambicionamos essa gente, necessitamos della, que já nos auxilia e continuará a auxiliar-nos no movimento progressista que realizamos; mas... não estamos preparados para recebê-la. Como elementos dessa preparação acham-se, entre outros, a definição e a propagação dos ideaes nacionaes que nos indiquem os fins, mais ou menos remotos, da nacionalidade. E' tarefa que atiramos aos hombros das escolas e que deve ser iniciada no

verdôr dos annos, quando a imaginação é rica, a sensibilidade vibratil e o espirito malleavel.

Em nossas escolas primárias, entretanto, os esforços convergem para um fim próximo: ensinar a leitura, a escripta, o cálculo, noções de geographia, de historia e de sciencias naturaes. Tendo executado o programma, o professor realizou o seu ideal educativo. Ensina para que o alumno fique sabendo. A melhora do individuo, porém, como entidade social e como elemento productor, é cogitação de que pouco cuidamos, porque vivemos na ingênua supposição de que saberá, por si mesmo, formar seus ideaes e applicar os conhecimentos adquiridos. Entretanto, para estes fins, as escolas se fizeram. Si lhes tirarmos o intuito de participação na vida social, ellas não têm mais nem orientação nem desígnios. Pois não se educa um individuo para si mesmo, mas para viver em communhão com os outros; para exercer, em certo meio, suas actividades, sem attritos com a actividade alheia. A ideia de isolamento é incompativel com a ideia de educação, e, por isso, com a de escola. Quem diz escola, diz sociedade, pois a primeira é uma phase da segunda. Fóra deste conceito, não a podemos compreender. Si não, vejamos. «Affirma-se que a educação é o desenvolvimento harmônico de todos os poderes do individuo. Não ha aqui referencia aparente á vida social ou á cooperação della resultante, entretanto, tem-se esta como uma definição adequada e precisa dos fins da educação. Mas, si ella fôr tomada independentemente das relações sociaes, nós não teremos nem medida nem critério para dizer o que significam os seus termos. Não sabemos o que seja poder, o que seja desenvolvimento, o que seja harmonia; um poder é um poder em relação ao uso que d'elle se faz, á função que preenche. Nada ha, na formação do ser humano, considerado isoladamente, que forneça fins directores e sirva para designar poderes. Si abandonarmos o ideal decorrente da vida social, nada mais teremos sinão a velha «faculdade psychológica» para dizer-nos o que são poderes específicos e poder em geral. Ficariamos reduzidos a enumerar uma série de faculdades, como percepção, memória, raciocínio, e afirmar que cada um destes poderes deve ser desenvolvido. Mas esta é uma affirmacão estéril e formal. Reduz o treino a uma gymnástica vasia.» Assim pensa Dewey; e Bagley, corroborando este conceito, diz que as escolas devem tanto instruir como inspirar. «A educação clássica do passado, quasi nulla pelo valôr intrínseco das disciplinas de que se occupou, teve um merecimento inestimavel em relação aos ideaes por ella inspirados. Si a educação moderna deixar de desenvolver ideaes semelhantes, fallará inteiramente em seus intuitos, não importa seja completo o successo sob o ponto de vista intrínseco.» Mas hoje entramos em uma escola, como o

barqueiro que entrasse em sua lancha e vogasse á tóa, remandor sempre, manobrando com presteza e habilidade, contente, porém, com vogar, vogar sempre, sem destino e sem bússola. Assim nós vogamos na escola... mas não indagamos para que porto deste oceano social, levamos os passageiros de nossa náu. Os fins, mais ou menos remotos, de nossa nacionalidade não são bússolas que nos orientem, porque não os conhecemos.

Por certo a escola primária não póde construir sozinha o edificio da nacionalidade. Ahi estão os problemas da indústria, da agricultura e do commércio, de extrema complexidade em suas faces qualitativa e quantitativa; os problemas da formação psychica e das relações sociaes internas e externas a reclamar o concurso do ensino complementar—técnico secundário e superior; o concurso da imprensa, da tribuna popular, das igrejas, das associações de todo o gênero, das assembléas legislativas e dos tribunaes. Não podem as escolas primárias a tudo prover. Mas, nóte-se bem que muito lhes compete: quatro quintos ou mais da população do paiz por ellas, tão sómente, passarão: e as lembranças desse curso deverão formar o lastro de toda a sua preparação para a vida. E' bastante este facto para pôr em evidencia os encargos do ensino elementar, único que o povo recebe para guiar-se por si mesmo quanto possivel, mas principalmente para agir com promptidão e proveito e para obedecer com dignidade: os homens, em sua grande maioria, estão e estarão por muito tempo, condemnados a obedecer e agir. O que importa é crear obediencia consciente e voluntária, acção firme, com fins previamente conhecidos, bem como a capacidade de resistencia a excessos de governo, tendentes a destruir conquistas liberaes já realizadas. E' função alta, um pouco mais do que mero assentimento á vontade alheia, e que implica treino cuidadoso para que, nos attritos de cada dia, não se annulle a personalidade de cada um, nem se perturbe a ordem social. Entretanto, o povo é apenas o corpo da nação: o espírito que o movimenta e vivifica é um escol intellectual e moral diminuto. Conduzido, como é, deve elle *aprender a obedecer*, para que a existencia e o trabalho sejam ordenados e productivos. Ora, a infancia e a adolescencia são a phase da vida mais adequada á formação de hábitos e á criação de ideaes: treine-se, pois, a massa popular, durante o apprendizado primário, porque esse é o tempo do treino mais efficiente.

Ao abrir a cartilha, não é uma táboa rasa a alma infantil. Ahi estão os elementos essenciaes da personalidade, implantados pela herança e alimentados por sete annos de vida em familia. De posse desse legado, o mestre impulsiona as forças naturaes em actividade na mente e no corpo da criança, no sentido de desenvolver favoravelmente as que beneficiam a vida e de annul-

lar, quanto possivel, aquellas que a contrariam. E' um longo trabalho de adaptação. E si a vida escolar é, em tudo, semelhante á vida em sociedade, de modo a não ter impressão de mudança radical ao passar da escola para a lufa-lufa do mundo, o indivíduo recebe, no convívio da classe, a melhor iniciação para a existencia ulterior. Até os treze ou quatorze annos, muitos hábitos se radicam e outros se iniciam. Entrando depois para o trabalho e frequentando uma sociedade policiada, os hábitos da meninice e da adolescencia passarão para a juventude e para a mocidade, realizando-se, desse modo, as ambições do ensino.

A primeira quadra da existencia, repitamos, é o laboratório dos melhores hábitos. Na alma da criança, modela-se a conducta do homem. Hábitos de camaradagem, de polidez, de asseio, de disciplina, de discreção, de iniciativa, de economia, de tolerancia, de estudo, de trabalho, de honestidade ahi se formam. Cream-se ahi esperanças de bem-estar, de honra, de alegrias; incita-se, amolda-se e pratica-se a sociabilidade. Estes costumes libertam o povo do jugo dos tyrannos e escravizam-n'o ao império da lei e ás necessidades collectivas. Pois bem, o que a escola primária não póde fazer, concluam os cursos técnicos, os gymnásios, as academias, as universidades, onde os *leaders* se formam. Convenhamos, porêm, que muito ella póde fazer. Não fôra isso, e não se justificaria a larga e segura confiança que tem todo o mundo culto na acção benéfica da educação popular.

Accentuemos aqui, de modo mais preciso e mais vigoroso, que não ha um governo *de todos para todos*. A funcção de governar cabe agora a um grupo de homens que, pela cultura, ou pelas virtudes, ou pelo esforço, ou, sobre tudo, pelas relações de parentesco e de amizade, se puzeram em evidencia no meio em que vivem. Os interesses superiores da nação aconselham, sua passagem aos *melhores*, sob todos os pontos de vista. De-sejar hoje um governo plebeu, de camponeses e operários, sem o treino adequado e indispensavel, com intervenção directa de todos nos negócios públicos, é desconhecer as tendencias humanas e as condições e fórmulas de seu desenvolvimento; é ser visionário e sonhar o impossivel, embalando-se em fantasias. E' preferir aos abusos dos letrados os azares da ignorancia e da imprevidencia. Os *melhores*, que ambicionamos para nossos directores, trazem no sangue a têmpera rija das virtudes, e nos costumes as tradições de honra. Nos laboratórios e gabinetes, aprendem as sciencias; nos museus, nas officinas e nos livros — a arte, a história, a literatura; nas viagens e no convívio dos homens — a geographia, a diversidade do trabalho, as esperanças, os soffrimentos e as necessidades dos povos. Caracterizam-se

principalmente, por um conhecimento intuitivo das conveniências geraes, e por um immenso poder de previsão. Estes são os melhores, são os guias preferiveis do povo que, si obedece com dignidade e age com promptidão, tem assegurado o progresso e a felicidade. Mas, para obedecer e agir conscientemente, com vigôr, com perseverança, com alegria, mais que treinos, os ideaes são indispensaveis. Onde estão elles? A escola primária deve auxiliar largamente sua formação. Quem no-los synthetiza e commenta? Esperemos, e emquanto esperamos --- trabalhemos.

*
* *

Com meus alumnos normalistas, do primeiro ao quarto anno do curso, três vezes por semana, converso amigavelmente sobre coisas de preparação para a vida. Não tenho outros limites de acção que não sejam os do programma. Dentro d'elle, porém, posso mover-me á vontade; e toda a gente conhece a influencia que, em taes condições, póde um mestre exercer. Tracei, por isso, eu mesmo, emquanto espero a voz de commando, máximas, aphorismos ou o que quer que seja, enlaçando as legítimas ambições de melhora de nossa gente, os quaes me servem de princípios directores, na conducta professional. Dou-os aqui, por desengargo de consciencia e para mudar de rumo, si a crítica de meus amigos mostrar que estou em erro. Ei-los:

1.º) Produzam nossas indústrias fabrís o bastante para o consumo interno e, si possível, mais. Dos campos, das terras de cultura e das minas, porém, tiremos todo o necessário—para nós, e para o mundo si podermos.

2.º) As sciencias e as artes facilitam o trabalho, augmentam a producção e barateiam o seu custo: devem, por isso, todos os operários ter conhecimentos especiaes de seu officio.

3.º) Identificados os interesses individuaes com os interesses da nação—todo o trato com o mundo deve ser sério, para que o nome da pátria não perca com a deshonestidade de seus filhos.

4.º) As communicações faceis apressam a irradição das conquistas scientificas, promovem o intercâmbio dos sentimentos, estreitam os laços de sympathia, realizando a unidade da pátria pela communhão dos interesses.

5.º) Não esperemos do governo e dos protectores:—seja nossa a iniciativa. Façamos nós mesmos o que fôr possível, trabalhando perseverantemente, porque isso mais que tudo nos dignificará.

6.º) E' necessária e legítima a luta pela melhora de cada um e de todos, realizada, porém, dentro da ordem. As mudanças bruscas e violentas são perigosas: todas ellas reclamam cuidadosa preparação.

7.º) E' cobarde o homem que não defende seus

direitos, mas é despresivel aquelle que esquec seus deveres e couvulsiona a ordem social por amôr de seus interesses exclusivos ou do grupo a que pertence.

8.o) Nunca houve um povo sem religião; tenhamos, pois, a nossa; mas, não nos esqueçamos de que, respeitadas os direitos communs, podem outros legitimamente divergir de nossas crenças.

9.o) A disciplina é a exigencia máxima da vida em sociedade. A obediencia ás leis e ás autoridades legalmente constituídas, bem como o respeito ao mérito, são provas edificantes de superioridade moral.

10.o) A casa e os arredores, como o corpo e a vestimenta, devem ser limpos. Saneemos os campos e os costumes, aquelles — destruindo immundicies e animaes nocivos, e estes — evitando o alcool, o jogo e a ociosidade.

11.o) Os emigrantes que aqui aportam são como irmãos que recebemos em nossa casa: todo o carinho para com elles, conservando nós, porém, o governo e a direcção dos negócios públicos.

12.o) Saibamos todos ler neste grande paiz: pela leitura conservaremos e aprenderemos a amar nossa gente, nossa terra, nossa língua, nossas tradições — todas as côres e vibrações da alma nacional.

Máximas, aphorismos ou o que quer que seja representam «typos condensados de experiencia, remates de múltiplas reacções e adaptações do indivíduo ou da raça.» Vêm em fórmula conceptual e reclamam, por isso, commentários cuidadosos que lhes fixem precisamente as fronteiras; pois, deixados ao sabôr de cada um, podem elles originar despautérios.

Acceitemos, só para argumentar, que estes aphorismos resumem precisamente os ideaes collimados pela nossa cultura, na phase actual da nacionalidade. Representam elles o que é razoavel esperar dentro de um futuro mais ou menos próximo. Como todos os ideaes, porém, serão afastados para mais longe á medida que nos aproximemos. Esta condição se impõe especialmente no que diz respeito á producção industrial. Concordemos que a importação de objectos manufacturados é enorme e que nossas aptidões fabris não podem competir hoje com as congêneres europeas: será um avanço extraordinário nesta actividade, bastar-nos, dentro de vinte annos, a nós mesmos. Dependerá tal progresso das escolas profissionaes que se propagam agora em nosso meio. Depois de attingir este ponto, nada nos impede a marcha ascensional. A mesma condição se impõe tambem no trato com os immigrants. Enquanto os caracteres da nacionalidade não se definirem e se accentuarem com vigôr, a intervenção estrangeira nos negócios públicos será dissolvente. Quando, porém, estejamos certos de nossa força, a collaboraçã de todos os habitantes do paiz deverá, aos poucos, ser solici-

tada. Os outros ideaes são naturalmente elásticos. A disciplina, a honestidade, a educação técnica, a cultura intellectual e moral, o respeito á ordem e aos direitos alheios, o amôr á terra e á gente e ás instituições, os hábitos hygiénicos—não conhecem limites, intensificam-se, ampliam-se, acrisolam-se, acompanhando a civilização. E de tudo isto nós carecemos e carecemos muito.

Parecerá estranho, a alguns collegas do magistério elementar, preocuparem-se as escolas com questões de vestimenta e nutrição. Entretanto, si, não morrer de fome e de frio, é tudo quanto de mais instinctivo existe no animal, é verdade também que, como todos os animaes, estamos sujeitos a essa dolorosa contingencia. Pondo-se de parte o valôr da nutrição, como agente do desenvolvimento physico individual, resta-nos a consideração de sua importancia social e económica: uma casa farta é, quasi sempre, uma casa feliz; um povo que não padece fome é um povo que não se revolta, porque o maior desespero é o gerado pela miséria. O commercio e a indústria fazem a grandeza transitória de uma nação, mas a agricultura é base sólida sobre a qual ella poderá assentar, por longos séculos, a sua prosperidade. Observe-se ainda que o augmento da população determina a escassez da terra; e a política colonizadora, abertamente expansionista, adoptada por alguns Estados, especialmente europeus, está traíndo, com suas largas correntes emigratórias, difficuldades internas. Nossas condições neste particular, são excellentes: temos terra abundante para todas as culturas, pastagens ricas para todos os rebanhos. Resta que amemos os campos e que prefiramos a vida agrícola ás mil modalidades da burocracia.

*
* *

Accetos como exactos, só para argumentar, estes aphorismos definem e affirmam os ideaes da nação. Si elles respondem, como de facto respondem, a ambições individuaes e a vagas aspirações collectivas, ainda não objectivadas porque mal sentidas, o primeiro passo foi dado para a vida desses ideaes—definição e affirmação. E não nos esqueçamos de que só o saber dos expoentes máximos de nossa cultura política, nos pode guiar neste momento. Definidos e affirmados, devem agora ser repetidos e vulgarizados. Chegou a vez da imprensa diária, da tribuna popular, do púlpito, das associações, das academias, das escolas de criança. Destas somente nos occuparemos.

Ninguém pensará que os pequeninos vão aprender de cór esses *trechos* e repetí-los, como papagaios, por occasião da chamada. Seria crime digno de levar mestres á forca. O caminho é outro: conheça-os o professor, que não fará aulas especiaes sobre elles. Serão motes para contínuas variações, a todo o ins-

tante, sobre todos os objectos de estudo. Falará delles, visando a imaginação e o sentimento, essas largas portas de entrada para o espirito infantil. «Suppôr que uma ideia inteiramente nua, ensina Ribot, inteiramente sêca, que uma concepção abstracta, sem acompanhamento affectivo, semelhante a uma noção geométrica, tenha a menor influencia sobre a conducta humana, é um absurdo psychológico». E si isto é verdade em relação ao homem, sê-lo-á, com muito mais razão, em se tratando de crianças. A affectividade e o poder creador da mente entram em jogo como agentes mais efficazes, quasi únicos, na elaboração dos ideaes. Não se perca tempo com argumentos racionaes. As crianças, como os homens inteiramente incultos, entendem-nos, mas não podem adaptar a elles o seu procedimento. A razão só tem algum poder sobre as acções dos homens altamente educados. Os pequeninos, a quasi unanimidade das mulheres e a massa rude do povo só se conduzem sob a influencia dos impulsos affectivos e mysticos. E' falar a esses impulsos, acordá-los, illuminá-los, avivá-los, com calôr e sem fadiga, e ter-se-ão forjado as alavancas com as quaes se erguem as maravilhas. Como nos conduzir, porém, nesta difficil tarefa?

Entre os meios práticos mais ao nosso alcance, utilizaveis já, como instrumento de acção, está a literatura didáctica. Os livros de classe, livros de leitura, calcados sobre as tendencias affectivas e gostos imaginativos da criança, podem mover o assumpto das lições na esphera ampla dos ideaes enunciados. Na meninice, as actividades especulativas são amorphas. O cálculo egoístico é um producto das emoções suscitadas; tanto póde acompanhar uma acção, como deixar de o fazer — é uma questão de scenários. O autor substitui-lo-á, cada vez que tal sentimento possa ser despertado, pelo cálculo económico de interesse geral, que crêa o espirito de previsão e garante a segurança da sociedade. O que geralmente se nota na alma infantil, em vez de desejos e gostos anti-sociaes, é um entusiasmo pela bravura, pela força, pela agilidade, pela coragem, pelo exercício da protecção a mulheres, a infelizes, a crianças. São minas inexgotaveis essas manifestações de bondade. No entrecho gracioso e dramatizado de um conto, os sentimentos do heróe da peça, si vibrarem em unísono com as inclinações e interesses do pequenino leitor, fortalecerão as cordas de sua sentimentalidade, fixando-as na altura desejada. As virtudes mais bellas, postas em relevo a cada passo, e o vício conduzindo sempre á desgraça, deixam na mente um apêgo ás coisas boas e sãs e uma forte repugnancia pelo mal, realizando a consonancia almejada. Faça o professor que o pequenino, levemente auxiliado, enuncie a *moralidade* encerrada no conto que leu. Essa é a prova de que a lição foi entendida e assimilada.

Nas lições oraes de geographia, história, educação cívica, sciencias naturaes, as demonstrações de pessimismo e de desânimo, por parte do mestre, são criminosas. Sua linguagem sóbria, mas evocativa e objectivante, pintará com vida, entusiasmo e clareza o que somos e o que possuímos; e, com brilho muito maior, o que poderemos ser e as possibilidades materiaes de nosso progresso. As coisas são para nós o que nós pensamos que ellas sejam e nunca o que são na realidade. Um prisma de visão favoravel se crêa com a saúde e a educação; e as aspirações de melhora se alimentam na convivencia de optimistas cultos, sadios e moderados. Esta atmospheria, que nosso lar ainda não pode offerecer, como é de desejar se, a escola elementar deve possuir, constantemente oxigenada pelas alegrias do trabalho. Não se limite o professor a falar, perderá metade de seu esforço e de seu tempo:—materialize, objective seus pensamentos. As festas escolares, o escotismo, as excursões, a observação da natureza, os hymnos, as danças, os jogos, o desenho, o trabalho manual, commentários a acontecimentos palpitantes da época, são mil modos de objectivação interessante e attrahente, a tornarem effectivas as emoções que as palavras só transitoriamente e difficilmente evocam na mente verde da infancia. Ainda que a influencia pessoal do mestre, no correr de todo o curso escolar, tenha muito maior valôr que «os auxilios mecânicos das livrarias, dos laboratórios e das officinas», não deixemos de ter em alta conta a valia destes materiaes, que fazem o aprendizado muito mais efficiente.

Penso que uma collecção de gravuras grandes, de um metro por setenta e cinco centímetros, bem nítidas, artísticas, ricamente coloridas, representando o que possuímos e, em scenas movimentadas e expressivas, o que ambicionamos possuir, seria um poderoso auxiliar da escola primária. Ver-se-iam exemplares de nossa fauna e de nossa flora; bahias, como a de Guanabara; portos, como o de Santos; quedas d'agua, como Paulo Affonso e Iguassú; productos da terra, campinas e rebanhos, passagens edificantes da história-pátria, retratos de brasileiros illustres, quadros dos sertões e da roça, costumes nossos e representações de scenas diversas da vida. Em baixo, nas gravuras, e para uso do professor, todas as indicações indispensaveis á explicação das mesmas. Aqui, uma casinha pobre, com sua horta verde e seu jardim florido; em um canto, uma scena íntima — o trabalhador cortando o pão e contemplando as alegrias da família; a ordem e o asseio, constituindo o enlevo daquelle lar. Além, os horrores do alcool e do jogo, em tintas carregadas, num fundo de miséria e tristeza da esposa e dos filhos. Em bairros fabrís e agrícolas, quadros como estes seriam de efeitos constructores e correctivos. Tirar-se-ia

delles o máximo proveito, uma vez que fossem estudados, um a um, descriptos, copiados, reproduzidos e sempre lembrados. Gravar-se-iam na memória dos estudantes e seriam modelos a se impôr em muitas phases de sua vida. Assim, todos os outros objectivariam o que se deseja constitua a bagagem intellectual e moral de nossa gente.

Emquanto meras concepções abstractas, as ideias não actuam sobre a conducta do individuo. Em consecuencia da objectivação, porém, de comprehendidas, em começo, vão ellas aos poucos se fazendo sentidas e depois desejadas, até que saem da intelligencia e caem na affectividade, como elementos integrantes da personalidade que as corporiza. Começa aqui um novo modo de propagação que se effectua pelo contágio das emoções. Agora todos os agentes são uteis na propaganda: jornaes, revistas, romances, cartazes, cinema, conferencias, associações, igrejas, assembléas administrativas, chefes de serviço, directores de fábrica e tribunaes. Os sentimentos se communicam, em suas diversas exteriorizações, e cada individuo novo, que elles ganham, faz-se uma lareira, onde fervem esperanças, desejos, exigencias—impulsos espirituaes e materiaes—forçando a conducta do homem, no sentido da satisfação que reclamam. Estes sentimentos que, a princípio, foram ideias, voltam de novo a produzir mais que simples ideias, a produzir tambem movimentos bem definidos, cujas fontes não mais se acham no mundo externo, para onde agora se dirigem, mas sim na intimidade do organismo, nos re-folhos da alma. Lastraram-se de interesses, com raizes na conservação da existencia. Deixaram já de ser mera bagagem individual -- são o património indestructivel da raça.

*
* *

O plano de acção, aqui summariamente esboçado, assenta-se todo na doutrina bem conhecida e bem aceita do poder motôr das ideias. Facto psychológico de observação comezinha, nenhum esclarecimento reclamaria, si não fizéssemos appello ás suas manifestações mais complexas. E' visivel nas crianças e nos decrepitos sem hábitos inhibitórios. Falam, resmungam, gesticulam, estremeceem, sorriem, fazem caretas, continuamente, traduzindo os estados de consciencia em que se acham. Nos moços, em plena vida, com saúde e energia transbordantes, manifestam-se as emoções e as ideias fortes por exteriorizações características que as expõem a nossos olhos, fielmente, como si ellas mesmas fossem vistas. Quantas vezes nos surpreendemos em excitações movimentadas, apesar de nossa capacidade inhibitiva, a descarregar a tristeza ou a ira, que se accumulou em nosso espirito? Quantas vezes a perspectiva de um gozo inda

longínquo ou de uma repulsa necessária, nos faz risonhos e acariciantes, ou carrancudos, espalhafatosos, brutos? Toda a gente conhece as transições bruscas de aspecto por que passamos, em curtos momentos, acompanhando o desenrolar das scenas íntimas da alma. Lembremo-nos ainda de que todos os hábitos physicos de agora foram hontem ideias e sentimentos, que hoje dormem na sub-consciencia, emquanto as acções as substituem. A linguagem falada, a escripta, o desenho, a dança, os officios mecânicos foram produzidos por um esforço consciente, repetido, longo, fatigante. Armazenaram-se, como potencialidades em nosso systema nervoso, e, agora, ao apparecimento dos impulsos psychicos correspondentes, a série de actos, por elles engendrados, acorda-se e reproduz-se automaticamente. Leia-se, a respeito, este trecho de Binet: «Aquelle que fala com fluencia e facilidade, não sabe precisamente como faz para falar; não tem uma representação clara da phrase antes de a pronunciar, não sabe si não vagamente as palavras que vae empregar; tem antes o sentimento abstracto do que vae dizer, e sua palavra se conforma com este plano». Palavras que se escapam do bico da penna, quando escrevemos, ou dos lábios, quando falamos, sem nexo claro com o assumpto anterior, traem associações mentaes rápidas, e exemplificam satisfatoriamente o phenómeno que estudamos.

Quando as ideias se integralizam na consciencia e fazem parte do pão espiritual que alimenta a vida, ellas não produzem somente actos heterogêneos, desconnexos, momentâneos — originam séries de actos concatenados, duradouros, conscientes. Só então ellas creem a resignação para os sacrificios e martyrios, só então podem animar a conquista das maravilhas. Tomemos á sabedoria de Le Bon dois exemplos illustrativos deste asserto. *Vivia Perpétua* «filha de um senador três vezes consul, presidente do senado de Carthago, rica e bella patricia, secretamente convertida ao christianismo, preferiu ser exposta nua diante do povo inteiro e ser devorada por animaes ferozes, a fazer o simulacro de queimar um pouco de incenso sobre o altar do gênio do imperador». Como este, a história regista milhares. Leia-mos outro, desenrolado em perseguição dos *babystas* persas, ha cerca de sessenta annos: «Viram-se avançar, diante dos carrascos, crianças e mulheres, as carnes abertas sobre todo o corpo, com mechas accesas, chammejantes, fincadas nas feridas... e cantavam — De Deus em verdade provimos e a elle contentes voltamos—. Suas vozes soavam retumbantes por cima do silêncio profundo da multidão. Quando um suppliciado caía, erguiam-n'o a golpes de azorrague ou baioneta... e levantando-se, elle punha-se a dançar e gritava com maior enthusiasmo — De Deus em verdade provimos e a elle contentes voltamos—. Chegando-

se ao logar da execução, mais uma vez ás vítimas foi proposta a vida em troca da abjuração. Um carrasco imaginou dizer a um pae que, si elle não cedesse, cortaria o pescoço a seus dois filhos em cima de seu peito. Eram duas crianças, de quatorze annos a mais velha, rubras do próprio sangue, as carnes calcinadas, ouvindo friamente o diálogo terrivel. Respondeu o pae que estava prompto e atirou-se por terra. O menino mais velho, reclamando com vigôr o direito de primogenitura, pedia para ser o primeiro degolado... Viram-se crentes denunciarem-se e um delles a repetir constantemente—Senhor, estás contente de mim? Parece fantástico, mas é coisa que muitas vezes o mundo viu.

Em um livro muito interessante (*L'Entr'Aide* -- traducção franceza), Kropotkine conta um costume reinante nas Novas-Hébridas, que resulta de uma crença largamente enraizada no povo: «Por occasião da morte de uma criança particularmente amada, sua mãe ou sua tia suicida-se para cuidar della no outro mundo.» Entre selvagens, é commum os velhos inválidos considerarem-se fardos pesados, consumindo sem produzir, embarcando as marchas, as guerras, o trabalho dos moços. Começam então a dizer: «Eu vi a vida dos outros, é tempo de retirar-me.» E retiram-se. «O velho mesmo pede para morrer; insiste sobre este último *dever* para com a commuidade, e obtem o consentimento da tribu; cava sua sepultura; convida seus parentes para o último festim do adeus. Seu pae fez assim, chegou agora sua vez; separa-se do clan com demonstrações de affecto.» A morte, em taes casos, é considerada por elles, como um dever para com sua gente, e cumprem-n'o sem hesitação. Em certa tribu, accrescenta, as mulheres costumam ser sacrificadas sobre a sepultura do marido. E' uma obrigação piedosa á qual nenhuma se furta. Uma dessas heroínas, que devia prestar a derradeira homenagem ao companheiro amado «foi salva por missionários. Levada para uma ilha, fugiu á noite, atravessou a nado um largo braço de mar e alcançou sua tribu para ter a ventura de morrer sobre a terra que cobria o corpo de seu marido.» Mil factos semelhantes podem ser citados, em que uma ideia, um princípio, uma esperança, um sentimento abstracto de solidariedade, de honra, de dever, leva o homem ao sacrificio do que elle tem de mais caro, do bem que elle mais preza — a sua vida. Nosso procedimento sempre obedece a estas injunções. E' possivel ainda lembrar-se alguem que me lê da luta heroica, sustentada por sua alma, para libertar-se de uma ideia que a perseguiu atrozmente. Sabe-se bem que, muitas vezes, toda a resistencia é inutil:—o pensamento nasce, alastra, envolve, domina, tyranniza o individuo, dirigindo-lhe a conducta.

Reconhecidos estes factos, não ha dúvida em acceitar a força dos ideaes collectivos. Toda a questão resume-se em creá-

los. Creados — a vida por elles guiar-se-á. Assim tem acontecido, assim deverá sempre acontecer. Congreguem-se os elementos informadores e dirigentes do povo, em uma propaganda intensa, perseverante, infatigável, e os costumes e aspirações actuaes não de soffrer o influxo das ideias. Em uma página brilhante, illustrativa de nossa these, mostra Kropotkine como se destruíram grandes ideias da idade-média e como se preparou o terreno para a eclosão do santo-officio e das monarquias absolutas. Ei-la: «A história das cidades da idade-média offerece um dos exemplos mais frisantes do poder das ideias e dos princípios sobre os destinos da humanidade, e da differença absoluta dos resultados que acompanham toda profunda modificação das ideias directrizes. A confiança em si mesmo e o federalismo, a soberania de cada grupo e a constituição do corpo político do simples para o composto, eram as ideias directoras do século onze. Mas desde essa época, as concepções tinham mudado. Os estudantes de direito romano e os prelados da igreja, estreitamente ligados desde Innocencio III, tinham conseguido paralyzar a ideia — a antiga ideia grega — que presidiu á fundação das cidades. Durante duzentos ou trezentos annos, elles prègaram do alto da cáthedra, ensinaram na universidade, pronunciaram no banco do tribunal, que era necessário procurar a salvação em um Estado fortemente centralizado, collocado sob uma autoridade semi-divina. Seria um homem investido de plenos poderes, um dictador, o único capaz de salvar a sociedade. E com esse fim, poderia commeter toda a sorte de violencias: queimar homens e mulheres nas fogueiras, fazê-los perecer em indiscriptiveis torturas, mergulhar províncias inteiras na mais abjecta miséria. E não deixaram de por em prática estas theorias, com uma crueldade inaudita, em toda a parte alcançada pela espada do rei, ou pelo fogo da igreja, ou por ambos ao mesmo tempo. Com este ensino e com estes exemplos, continuamente repetidos, e forçando a attenção pública, até o espirito dos cidadãos foi modelado de uma nova maneira. Logo nenhuma autoridade foi achada excessiva, nenhum assassinio a fogo lento — demasiado cruel, uma vez que era praticado em nome da segurança pública». Aqui os fins foram alcançados, apesar de contrários, radicalmente, á natureza humana. O trabalho será muito menor, muito mais rápido e facil, uma vez que os ideias buscados venham satisfazer as justas aspirações de liberdade, segurança, bem-estar do individuo e da sociedade.

Mais um testemunho, e último, do poder das ideias; este de W. Bagley: «Seria provavelmente difficil exaggerar a importancia dos ideias na vida civilizada. São elles as forças dominantes em todos os grandes movimentos da história. Raças e nações distinguem-se umas das outras, muito mais pelos seus

ideaes do que pelas peculiaridades physicas e mentaes que lhes são inherentes. A despeito dos elementos com que nações estrangeiras contribuíram e estão contribuindo para a formação do povo americano, nossa nação é distinctamente individual, porque tem seus ideaes individuaes. Os elementos allemães, celtas, slavos e latinos tornam-se irreconheciveis depois de duas gerações, porque seu característico racial ou seus ideaes nacionaes desvaneceram-se, e o ideal americano foi assimilado.» Sirva-nos esta revelação de aviso salutar; e, para imitarmos os nossos irmãos do norte, bebamos coragem no exemplo do povo judeu que, «si ainda mantêm seus característicos de raça, é devido ao facto de serem seus grandes ideaes de nacionalidade cada vez mais estimados, de geração em geração, com uma tenacidade da qual nenhum outro povo da história jamais se aproximou.»

*
* *

Sou um convencido da bondade de nossa gente, creio no futuro auspicioso da pátria, não desespero de suas energias e, por isso, estou certo da viabilidade destes anhelos, sem desconhecer, entretanto, as difficuldades que os cercam. Sinto não estar edificando sobre areia, porque não vejo embaraços intransponiveis, nem causa visceral para nossa eterna condemnação. E si os houvesse, seria lícito cruzar os braços e entregar-nos á tutela dos fortes, como escravos submissos e resignados, nós que já provámos na cultura da terra e em prélíos gloriosos as excellencias desses mesmos braços? — Certo que não. A luta impõe-se, como um dever; e triste ideia de si darão os que abandonarem o campo no mais duro da refrega.

Examinemos um dos obstáculos erguidos á nossa marcha, limitando o problema ao magistério primário e ao Estado de São Paulo, tão somente. Suppuzemos que os mestres conhecem os ideaes nacionaes, ou que, affirmados pelos expoentes autorizados da cultura política, esses ideaes far-se-ão facilmente conhecidos. Como, si os professores não costumam ler?—Sei que nós lemos muito pouco, muitíssimo pouco, e sobre educação quasi nada. Como então fazer o magistério sciente da finalidade educativa que deve proseguir? Como crear a synergia de esforços, indispensavel em taes casos? — Comecemos lembrando que as escolas normaes podem harmonizar-se mais intimamente com os intuitos de sua criação. As secundárias têm ainda graves defeitos, e as primárias, com um professor de pedagogica somente para tantos alumnos, não têm os caracteres de escolas técnicas. O principal objecto de estudo ahi — trama e eixo de todo o aprendizado normal — é sacrificado pelas disciplinas pedêuticas que sobrecarregam o curso todo. Além disso, as re-

lações entre os docentes de pedagogia não são ainda estreitas bastante, para que elles hem se conheçam e se estimem. E' condição esta para confiança, para influencias recíprocas e para unidade de vistas. Annullados estes impecilhos, deu-se um passo para a solução remota do problema. Ha pressa, entretanto, e a pressa aqui se justifica. Os directores de grupos-escolares, ao menos, e os inspectores do ensino devem ser *mobilizados* para esta frente da campanha. E a porta que se nos abre é a dos congressos periódicos de educação, a princípio visando o ensino propriamente e, depois, toda a preparação para a vida. Entremos por ella.

Publicadas as theses, em número restricto e com a devida antecedencia, reúnem-se os congressistas e faz-se o exame das dissertações escriptas. Em seguida, discutem-se as que forem approvadas, justificando seus autores as ideias emittidas e accetando as emendas suggeridas pelas commissões respectivas, quando vencedoras. Estas trocas de ideias que já se fazem em relação a estradas de rodagem e a indústria pastoril, serão feitas em relação a métodos e processos de ensino, frequencia ás aulas, assistencia ás crianças pobres, conducta dos professores, valôr das disciplinas, fins da educação, e, mais tarde, a todos os cuidados devidos ás crianças e aos adolescentes. Tudo velho, mas tudo bom e indispensavel. Os próprios officiaes diriam as necessidades suas e de suas officinas; dar-se-iam melhor a conhecer em sua preparação profissional, em seu estado de ânimo; elaborariam os planos que elles mesmos deveriam executar — guiados em tudo, discretamente, pelo espírito superior do governo ao qual cabem as responsabilidades da administração e, por consequencia, a quem deverá caber o direito de veto. Sentir-se-iam os professores prestigiados, elevados da simples condição de máquinas falantes, explicadoras de lições, a creadores e executores de suas obras. Convenho em que a centralização é necessária, mas só depois deste passo, como poder executôr de deliberações collectivas. Antes é perigosa — mata a iniciativa e gera o desânimo.

A reunião periódica dos encarregados da direcção e fiscalização do ensino, a convivencia nesses breves encontros, trocando impressões e communicando esperanças, crearia laços de sympathia, de amizade, e de interesses talvez, cujas consequencias últimas seriam a união da classe, pelos mesmos sentimentos, pelas mesmas aspirações e pelas mesmas normas de conducta. São beneficios inestimaveis, cujo alcance social não é difficil prever, attendendo-se a que seriam o núcleo de mais largas relações, unindo, com o tempo, todas as instituições educativas na communhão dos mesmos ideaes. Mas... continuemos. Até agora diffundiram-se mal alguns princípios. O professorado

todo, a massa ensinante ainda não participa delles ; ainda não está saturada do ânimo que estimula os chefes ; e essa homogeneidade é penhor seguro de successo. Agora, para completar este cyclo de actividade, o congresso faz imprimir as melhores das theses approvadas e as distribue largamente por todas as escolas. Nos grupos-escolares, uma vez por semana, em reunião de adjuntos, durante uma hora, serão lidas e commentadas, como já se fez com as *Palestras* de Parker e com a *Arte de Ensinar* de White. Assim seremos obrigados a pensar em coisas de educação ; e, mais cedo ou mais tarde, a synergia de esforços, preocupação máxima deste trabalho, será creada e actuará no sentido de favorecer a realização dos sonhos que, ainda confusos, povoam as lucubrações de uns poucos patrícios nossos.

Como núcleos de irradiação encarámos os grupos-escolares e as escolas-normaes, em virtude de sua disseminação por todo o território do Estado, e a Directoria do ensino, por ser o organo coordenador da acção dos estabelecimentos de instrucção primária. Vê-se bem a insufficiencia destas forças para tão alto empreendimento. Iniciada ahi, entretanto, a campanha consciente, com fins bem determinados, ganhará, em breve, novos agentes vulgarizadores ; e a prática das ideias, acompanhando o movimento de uma propaganda, efficazmente auxiliada pela imprensa — as escolas de artes e officios, de commercio e agricultura, de applicações industriaes, de engenharia, direito e medicina cerra-riam fileiras, de modo systemático, para consecução de desígnios, buscados hoje desordenadamente, com desperdício de energias.

*
* * *

E' muito complexo este plano, dir-se-á ; reclama a cooperação de muita gente. Pois esta é talvez sua melhor promessa de successo, seu único valor real. Veja-se a má vontade, a preguiça, com que geralmente se acceitam e se executam os projectos alheios, para os quaes temos sempre uma crítica áspera e uma objecção irrespondivel. Ao contrário, notem-se a dedicação, o empenho e o carinho desenvolvidos na execução de um plano, por nós concebido e elaborado. E' como um filho gerado ao calor dos interesses, embalado na vaidade e sustentado pelo amor-próprio. Não o deixamos sem o ver em pé, crescido e forte, cheio de vida e enchendo de admiração a todos que o contemplam. Fazer, pois, os directores da educação participarem, em maior número possivel, dos congressos periódicos, é assegurar maior esforço de sua parte na luta empenhada, porque, na messe dos louros, cada um quer attribuir-se o mais brilhante florão. Enfeixadas essas doces fraquezas de nossa alma, ellas constituirão a força geradora da effectividade de nossos ideaes.

Em minhas recordações dos tempos de menino e adolescente, ainda occupam lugar as lembranças do entusiasmo que eu sentia ao ver entusiasmados e alegres os meus saudosos mestres de então ; hoje—papel invertido—sinto-me contente, como quem cumpre um dever, despertando as emoções salutaes que tantas vezes embalaram minha fantasia. São ellas, elementos seguros de disciplina e de aproveitamento. Vi, em grupos-escolares que, por uma duzia de annos, dirigi, confirmar-se plenamente este conceito -- as classes valem o que valem os seus professores. E eu tive óptimos adjuntos. Por isso, agora, orientando a formação profissional de dezenas de moços e moças, não me canço de lhes chamar a attenção para a vibratibilidade da alma infantil, da qual tanto se deve esperar. Anima-me, na segunda metade da vida pela qual — e com que dôr ! — já entrei, a esperança de contemplar a florescencia brilhante da sementeira que, como rude operário, ao lado de mestres de valor, eu ajudo a semear nos corações fecundos da infancia e da juventude de minha terra. Havemos de ver, e em breve, São Paulo e seus irmãos brasileiros, livres dentro da ordem, gozar das máximas alegrias que comportam as contingencias humanas.

São Carlos—fevereiro de 920.

JOÃO TOLEDO

(Da 12.a cadeira)

ESCOLAS NORMAIS

(Idéas contidas no relatório apresentado ao Exmo. Sr. Dr. Secretario do Interior, em 1.º de Fevereiro de 1920).

Na direcção de grupos escolares, de principio, - depois no desempenho do cargo de inspector escolar, funcções exercidas por largos annos, tive oportunidade de verificar, com funda má-gua, a deficiencia de preparo técnico de elevado número de professores recém-formados, quer pela escola normal da Capital, quer pelas extinctas complementares.

Quanta vez não inculpei aos lentes, não lhes attribuí des-sídia no cumprimento de seus deveres, se tratava com moços in-telligentes e esforçados, cheios de enthusiasmo pela profissão, todo o amor á infancia, e, não obstante essas qualidades excelsas, quasi inteiramente desaparelhados para a funcção de preceptores !

Hoje, estou convencido de que a responsabilidade não é pessoal, mas institucional, não cabe aos lentes, senão ás escolas.

Escolas normais, constituídas dos mais abalizados lentes, dirigidas por educadores competentes e devotados, continuam, no Brasil como alhures, a formar professores cujo preparo técnico deixa de corresponder ás necessidades sociais e ás esperanças que nellas se fundaram. E' que por mais hábeis, competentes e dedicados que sejam os corpos docentes das escolas normais, emquanto nellas houver, de cambulha com o curso profissional, um curso propêdeutico, jamais se conseguirá o verdadeiro pre-paro técnico dos professores normalistas. Ha nas normais primarias ou secundarias, uma verdadeira anomalia ; emquanto todas as escolas técnicas exigem um curso propedêutico garan-tidor da proficuidade da especialização a que o candidato se des-

tina e sobre esse curso—de linguas e sciencias—se calcam os estudos da especialidade de cada escola, como se vê nas de medicina, engenharia, direito, dada para ellas a evidencia de que a especialização só é admissivel baseada no preparo geral, nas escolas normais tudo se pretende fazer, contemporaneamente.

Impera em nossas escolas a rotina dos cursos concomitantes, em que a lógica se despreza, os principios pedagógicos se sacrificam. Entretanto, contra essa anormalidade de nossas escolas normais, poucos, pouquissimos professores ousaram rebelar-se.

Que me conste o signatario deste e o competente educador, dr. Antonio Rodrigues Alves Pereira, foram as primeiras vozes destoantes no concerto de applausos á arcaica organização das escolas normais, quando representantes do governo de São Paulo, no 3.º Congresso de Instrucção Publica da Bahia, em 1913, depois, quando o «O Estado de S. Paulo» promoveu um inquérito acerca do ensino paulista e de suas necessidades mais urgentes de refórma, em 1914.

Em resposta a esse mesmo inquérito o insigne professor João Pinto e Silva apontava tambem algumas deficiencias dos nossos cursos normais. Em seguida, o professor Theodoro de Moraes, de competencia reconhecida, mostra os senões e as faltas de lógica da organização de nossas escolas e a impossibilidade de formarem verdadeiros profissionais.

Um ou outro inspector, timidamente, deixava entrever em suas palavras, tenue mancha a macular o céu sereno em que se projectava o maior monumento da sabedoria pedagógica de nossos maiores! Parecia irreverencia um vocábulo desharmônico nesse concerto; nós o dissémos, porêm, convictos de que o progresso do Estado, as necessidades sociais, o futuro da infancia o reclamavam.

Pelo que me toca, não tenho de penitenciar-me; ao contrario: alguns annos mais de privança como inspector escolar com centenas de professores de diversos graus, quasi três annos de observação quotidiana nesta escola, a cujos professorandos pela terceira vez confiro diploma de habilitação para o magisterio, o estudo feito da organização e resultados de institutos congêneres do estrangeiro, só serviram para robustecer a convicção de que se impõe a refórma de nossas escolas normais.

O trabalho extenuante e altamente dispendioso, mas seu tanto improficuo dos inspectores escolares, improficuo por causas múltiplas que não vêm a pêlo versar, tem como causa matriz a deficiencia de preparo técnico, methodológico dos professores normalistas, deficiencia de que estes são os menores responsáveis, mas cuja culpa máxima recai legitimamente sobre a escola que frequentaram e em que se lhes não deu, *com antecipaço necessaria*, preparo para bem compreenderem e dominarem

o curso psychológico e pedagógico, que os faria competentes profissionais do magistério. Nas escolas normais o ensino é desconexo entre as diversas cadeiras, em cuja distribuição não se pode attender á ordem de interdependencia encyclopédica das differentes matérias. Não é só: a prática, observação e critica de aulas na escola-modelo pouco valem, pelo diminuto tempo que lhes consagra o regulamento. Ha no 3.º anno, tão somente, duas aulas semanais destinadas á methodologia—uma theórica e outra prática—esta de observação e ensino nas classes da escola-modelo.

Sem contar o grande número de feriados e computando por um mês lectivo os poucos dias de junho e julho, o anno escolar fica reduzido a oito menses e meio, de quatro semanas, ou a *trinta e quatro aulas*. O 4.º anno pouco melhor está: sobrecarregado com (A) latim e literatura, (B) inglês, (C) pedagogia, (D) educação civica, (E) methods e processos de ensino, (F) historia da civilisação e do Brasil, (G) noções de hygiene, zootecnia e agricultura, (H) historia natural, geologia, botanica e zoologia (I) gymnastica, (J) música, o que quer dizer com quinze matérias, só dispõe de três horas semanais de methodologia ou no máximo de *sessenta e oito aulas prácticas*.

O curso todo, nesse particular, que constitue a especialidade do professor, se reduz a *trinta e quatro horas no 3.º e sessenta e oito no 4.º* ou a *cento e dois dias*, três menses e meio, tempo mais que sufficiente para um curso de aperfeiçoamento, mas minutissimo para quem na escola vem adquirir as primeiras noções de methodologia, ao mesmo tempo que adquire tambem as primeiras noções de uma porção de outras matérias.

Note-se ainda que chamamos dias a simples horas de trabalho e que, de facto, em vez de *cento e dois dias*, temos tão somente *cento e duas horas* que reduzidas a dias de aula de quatro horas, nos proporcionam *vinte cinco dias e meio* de preparo methodológico, com que improvizamos um profissional do magistério!

Demais ha illogismos forçados, inevitaveis: é lógico pretender ensinar método de ensino de uma matéria que a classe ignora? Como ministrar método de ensino de historia natural a alumnos que concomitantemente recebem os primeiros ensinamentos dessa sciencia? Não obstante, ninguem, sem grave injustiça, negará que existem normalistas e complementaristas competentissimos.

Estes ultimos nem um curso official tiveram de pedagogia. Uns e outros são auto-didactas: cheios de entusiasmo profissional, armados de talento e vontade, com apenas directrizes gerais, palmilharam o vasto campo da pedagogia e do ensino. Embora não seja tão reduzido o numero desses pioneiros da didá-

ctica, constituem excepções e a escola deve poder contar com a maioria para o exercício mais ou menos perfeito de sua especialidade.

Desse grupo de escol, aproveitado nos postos da direcção e orientação do ensino, grandes benefícios é de esperar, se puder elle recalcar e impedir a explosão desse prurido de vaidade que leva cada um de nós a imprimir um cunho personalissimo a todo o trabalho, mesmo desvirtuando a orientação e conveniencia gerais.

Forçoso é que cada um de nós compreenda a necessidade de subordinação ás linhas gerais traçadas e, lealmente, dedicadamente, as cumpra.

E' necessario que quem a outro succede em cargo de direcção ou de orientação, por amor do ensino e do Estado, da tradição e do futuro, tome o compromisso de conservar, melhorando, tudo o que fôr bom, de reformar somente aquillo que fôr positivamente, provadamente mau.

Sopite cada um o impulso insoffrido de vaidade que leva a desmerecer todo alheio trabalho, convencido de que a critica está ao alcance dos mais medíocres, ao passo que a construcção é privilegio de poucos.

A estes, a todos os que de verdade se interessam pela instrucção publica, aos dirigentes do Estado, o nosso appello agora; os nossos aplausos, após a remodelação de nossas escolas normais.

Não se infira, porém, destas observações que deprimio a escola normal secundaria de S. Carlos. Não. Em confronto com as suas congêres não tem esta escola do que se arreceie, nada ha que a colloque em posição inferior; bem installada, com lentes e professores, em geral competentes e dedicados. O defeito della, o senão que a impede de attingir o fim collimado—*formar verdadeiros profissinais*— é visceral, originario, resultante de sua arcaica organização, é mácula que a todas afeia, de que todas são victima e que só uma reforma completa sanará!

QUE REFORMA SE PROPÕE ?

A criação de uma escola preparatoria ao curso normal, com separação completa do curso propedêutico do profissional. A instituição de uma escola básica, com um programma de sciencias e linguas vivas, quasi idêntico ao actual das normais secundárias, distribuido por quatro annos, ministrado por oito professores, e sobre o qual se calcará o curso normal de dois annos, positivamente profissional, exclusivamente técnico, com as matérias indispensaveis, imprescindiveis á formação completa do educador, accrescido do estudo e prática de matérias, que chamarei de

aptidão, pertencentes ao actual 2.º grupo, instrumentos auxiliares e necessários da formação professoral e cujo aprendizado deve começar na escola preparatoria.

Em resumo:—

a) Curso preparatorio de 4 annos—sciencias, linguas e matérias de aptidão.

b) Curso normal, exclusivamente técnico.
A exemplo da Alemanha, expoente máximo da constituição do nacionalismo na escola, onde se cria o amor e hábito de disciplina e ordem, de trabalho e perseverança, de arraigada convicção nos grandes destinos e superioridade da nação, abrange o curso de dois annos (apesar de seu character profissional) o estudo da educação civica e da lingua nacional, visto que se não pode admitir completo educador sem alta compreensão de civismo, nem bom cidadão que trate com desamor e descaso a lingua de seu país.

Ha tambem alta conveniencia na continuação de desenho e musica no curso profissional. O 1.º grupo compreenderia as seguintes matérias distribuidas em quatro cadeiras :

1.ª Cadeira—Lingua Nacional e Educação Civica.

2.ª Cadeira—Psychologia Geral e Psychologia Pedagógica.

3.ª Cadeira—Pedagogia, Historia da Pedagogia e Higiene

Escolar.

4.ª Cadeira—Methodologia e Economia Escolar.

O 2.º grupo compreenderia :

1.ª aula—Desenho.

2.ª aula—Musica.

Neste programma, com muito desejo de fazer sub-divisões, não se encontram mais de oito materias novas que, entretanto, poderão ser bem dominadas, visto as estreitas relações que as ligam e a interdependencia com que se distribuem. Calcado em um programma geral—prático e theórico—mas muito mais práctico e de observação, experimentação e comparação do que especulativo, viria esse curso, realmente profissional, com as matérias imprescindiveis :

a) *ao estudo e conhecimento do educando, dominio de sua evolução integral e dos exercicios, jogos, lições e trabalhos que a promovem ;*

b) *ao estudo dos métodos e processos que a hygienez geral da criança permite empregar ;*

c) *da evolução dos métodos e conveniencia do emprego de cada um ;*

- d) da economia e organização escolar ;
 e) da finalidade educativa, em vista das condições e exigências económicas e sociais do Estado.

Concorrem poderosamente para proporcionar aptidões ao mestre :

1.º) o *desenho* que lhe permite illustrar lições, educar e adestrar as mãos e a vista, despertar na criança a observação e admiração do bello de que resulta o sentimento estético ;

2.º) os *trabalhos manuaes* em vista dos mesmos fins e para promover—o desenvolvimento regrado da imaginação pela ideação e concepção de planos de trabalhos a realizar ; da atenção e da vontade pelo interesse e continuidade que a execução do trabalho requer ; do carácter, porque elle não é senão o resultado das forças intellectuais e morais, cujo surto harmônico promove e mantem o proprio exercicio, que favorece aptidão e desenvolvimento physico ;

3.º) a *gymnastica*, principalmente respiratória e de jogos (livre de aparelhos) que garante a hygidez, a alegria, a saúde ;

4.º) a *Musica* que, além da acção physiológica benéfica, cria e mantem bons sentimentos.

Curso idêntico é feito em dois annos em alguns países. A Suissa, porém, em Bale-Ville, realiza-o em tres semestres e tem uma experiencia de trese annos a justificar a excellencia de tal organização, de carácter essencialmente profissionnal, após o curso propedêutico, dado em escolas preparatorias.

O Sr. Paulo Pizzurno, inspector técnico geral em Buenos Aires, apresenta um plano de estudos para as escolas normais com três cursos :—preparatorio, geral e profissionnal.

Embora discordemos da organização proposta pelo eminente educador argentino, o seu plano prova a necessidade de uma base de conhecimentos gerais para a proficuidade do curso especial que fórma professores.

M. Adamson, professor de pedagogia no Kings College, de Londres, exige claramente a separação da cultura geral do «training» profissionnal ou pedagógico a que o candidato, desse modo, poderia dedicar todo o tempo que fosse necessario.

A Italia, a Inglaterra, a Alemanha, a Republica Americana do Norte já compreenderam a grande vantagem da separação dos cursos e não perdêra eu tempo em justificá-la, se não fôra a força da rotina que nos cega e impede de ver os senões da organização actual.

Entre nós, reduzido a dois annos o curso profissionnal, com observação e prática nas escolas-modelo, o curso preparatorio, graduado sob o critério da possivel interdependencia das matérias, poderia ser feito em quatro annos, sem perigo de fadiga

mental para os alumnos e sem grande número de aulas semanais para cada professor.

Os quadros seguintes apresentam as matérias distribuidas pelos diversos annos e cadeiras e indicam o número de aulas por semana.

ENSINO NA ESCOLA PREPARATORIA

1.º ANNO		2.º ANNO		3.º ANNO	
MATERIAS	Hor. por semana	MATERIAS	Hor. por semana	MATERIS	Hor. por semana
Lingua Nacional	3	Lingua Nacional	3	Lingua Nacional	2
Francês	3	Francês	3	Francês	2
Arithmética	3	Arithmética	3	Geometria	3
Algebra	3	Algebra	3	Geographia Geral	3
Geograp. do Brasil	3	Geometria	3	Hist. da Civilisação	3
Historia do Brasil	3	Geographia Geral	3	Physica	4
Calligraphia	2	Historia do Brasil	1	Hist. Natural	3
Gymnastica	2	Trabalh. manuaes	2	Desenho	2
Total	22	Gymnastica	2	Gymnastica	2
		Total	23	Trabalh. manuaes	2
				Música	2
				Total	28

4.º ANNO		RESUMO		
MATERIAS	Hor. por semana	CADEIRAS	MATERIAS	N.º de aulas por semana
Lingua Nacional	2	1.ª	Português	20
Francês	2	2.ª	Francês	20
Química	5	3.ª	Mathemática	18
Hist. da Civilisação	3	4.ª	»	18
Hist. Natural	6	5.ª	Physica e Química	18
Desenho	2	6.ª	Historia Natural	18
Gymnástica	2	7.ª	Geographia do Brasil e Geographia Geral	18
Trabalh. manuaes	2	8.ª	Historia do Brasil e da Civilisação	20
Música	2			
Total	26			

A não ser o *latim* cujo estudo nas escolas normais nada vale e nos cursos de preparatório caiu em completo descrédito e que, em dóse homœopática, nem mesmo auxilio presta ao conhecimento do vernáculo; o *inglês* que, com poucas aulas, não pôde ser dominado em dois annos, senão por quem tenha

aptidão especial para o estudo de linguas e que, em nosso caso, só teria a vantagem de facilitar consultas de autores pedagógicos, cujas melhores obras, assim como as alemans, são vertidas para o francês e para o italiano, logo após a sua publicação; a *trigonometria*, de nulla applicação no magistério primário, e que mesmo como instrumento de lógica é desnecessária á vista do curso de mathemática já realizado; *escripturação mercantil*, de duvidosa utilidade, o curso preparatorio, indispensavel a um muito mais perfeito, profícuo e graduado curso técnico, é dominado com o plano de organização que óra apresento.

Seu programma, distribuido em oito cadeiras: uma de lingua nacional, uma de francês, duas de matemática, uma de geographia do Brasil e geographia geral, uma de história do Brasil e da civilisação, uma de physica e quimica, e uma de história natural, completado com quatro aulas—gymnástica, música, desenho e trabalhos manuais, é perfeitamente exequivel, e realmente habilita o alumno a fazer o curso técnico em dois annos, sem atropelo, sem fadiga.

O quadro junto apresenta as matérias do curso profissional distribuidas em quatro cadeiras e aulas de desenho e música, limitando-se todo o trabalho a *vinte três* aulas por semana, reduzidas a oito matérias distinctas, que poderão ser estudadas, com muito mais proveito do que as quinze do programma óra vigente.

CURSO NORMAL

1.º ANNO		2.º ANNO	
MATERIAS	N.º de horas por semana	MATERIAS	N.º de horas por semana
Lingua Nacional	3	Lingua Nacional.	3
Educação Cívica	2	Educação Cívica.	2
Psychologia Geral.	5	Psychologia Pedagógica.	4
Pedagogia e Hygiene escolar	6	Methodologia applicada	3
Methodologia geral e applicada	3	Historia da Pedagogia.	3
Desendo	2	Methodologia prática:	
Música	2	a) visitas a classes	2
Total	23	b) lições em classe da escola modelo	1
		c) critica da lição	1
		Música.	2
		Desenoo	2
		Total	23

RESUMO

CADEIRAS	MATREIAS	N.º de aulas
1. ^a	Lingua Naeional e Educação Cívica	20
2. ^a	Psycologia Geral e Psycologia Pedagógica	18
3. ^a	Pedagogia e Historia da Pedagogia e Hygiene Escolar	18
4. ^a	Methodologia	20
Aulas		
1. ^a	Desenho	6
2. ^a	Música	6

Com a organização planejada, ninguem, em bôa fé, contestará a grande superioridade--quér de preparo geral, quér de competencia técnica--com que se formarão os futuros normalistas.

Basta estudar os quadros de distribuição de matérias, attender á sua seriação, ao numero de aulas semanais dedicado a cada uma dellas, para que o mais obstinado se convença da vantagem da adopção de tal refôrma. Demais, ella attende melhor que a legislação actual ao aproveitamento dos estudantes dos gymnasios estaduais, que pretendam seguir a carreira do magistério, bastando-lhes para matrícula no curso técnico :— submetterem-se a exame das matérias do 2.º grupo, após a exhibição do certificado de approvação no curso propedêutico.

E' óbvio que assim no curso preparatório como em o curso técnico será exigida uma taxa de matricula, pagavel em duas prestações semestrais, nunca inferior ás actualmente cobradas, perfeitamente cabível, visto tratar-se num e noutro de ensino secundário.

Contra o plano apresentado só poderá allegar-se augmento de despesa. Difficil é decerto conseguir com economia melhorar um instituto. Entretanto, convem ponderar que as actuais escolas secundárias permittem poupar alguns contos de réis annuais em sua organização.

1.º -- Supprimindo o cargo de auxiliar e conferindo suas attribuições ao professor de methodologia ;

2.º -- reduzindo a dois o número de empregados da secretaria ;

3.º -- supprimindo o cargo de encarregado do gabinete de psycologia e cumulando desse trabalho o respectivo professor.

O auxiliar do director tem de vencimentos *oito contos* annuais ; o professor de methodologia exerceria tais funções com a gratificação de *três contos e seiscentos*, donde um saldo de 4:400\$000

A supressão de dois amanuenses a três contos e seiscentos por anno, traria o saldo de 7:200\$000.

Tendo o professor de psychologia o encargo do respectivo gabinete com 2:400\$000 por anno, haveria a economia de 2:400\$. Tais economias importariam na reducção total de 14:000\$000 por anno em cada escola.

A escola actual tem treze lentes e quatro professores; reorganizada, teria a escola oito lentes e dois professores no curso preparatorio e quatro lentes e dois professores no curso profissional.

Se conviesse restabelecer o ensino de inglêz, o curso preparatorio o conportaria, e nesse caso, teriamos na escola reorganizada o mesmo número de lentes e professores de agora.

Não se deve pensar em supprimir, senão em ampliar e completar o gabinete de psychologia da escola normal da Capital; quanto aos do interior, porém, podem ser conservados para algumas observações e experiencias justificadoras de método e nada mais. Essa psychologia de laboratorio melhor cabe a especialistas que não podem, nem devem pretender formar as escolas normais.

Convem observar que a prática de ensino nas classes das escolas-modelo só será profícua, se o professor de methodologia se incumbir da orientação técnica das classes annexas, em que deslizes não serão vistos e nem criticados, mas ao contrario observarão os normalistas lições modelares que terão de seguir.

Demais, é tão intenso o trabalho desse professor, que elle precisa intervir sem peias nas classes da inodelo, em beneficio da preparação pedagógica dos professorandos. Um outro argumento se apresentará contra o nosso plano:—a criação de cursos técnicos professorais em todas as normais primárias.

Pensamos que estas escolas terão de desaparecer absorvidas pelas escolas profissionais de artes e officios que se lhes agregarão.

As onze escolas normais do Estado formam em média por anno seiscentos professores, dos quais apenas cento e cincoenta conseguem collocação, não porque não haja necessidade de muito maior número de escolas providas, senão porque os recursos orçamentarios não permitem nomeação da quantidade precisa.

Dahi a plethora de professores a contrastar com a carencia absoluta de operarios nacionais, o que justifica a criação de cursos de artes e officios ao lado das normais primárias.

Durante alguns annos, três cursos técnicos nas sédes das actuais escolas secundárias comportarão todos os candidatos ao magistério, que tenham obtido certificado de habilitação nas nor-

mais primárias transformadas em escolas preparatorias, cujos programmas se irão adaptando ao curso ou cursos profissionais diversos, que necessidades e condições regionais aconselharem a instituir e manter.

Mais um curso técnico professoral conviria ser criado na zona da central para evitar a deslocação, a maior distancia, dos candidatos dessa região.

O nosso plano tem virtudes raras :—

a) refórma, proporcionando um apparelho harmônico e completo em que todas as peças se ajustam, se articulam, concorrendo para um mesmo fim;

b) proporciona o aproveitamento dos estudantes dos gymnasios estaduais, que pretendam dedicar-se ao magistério;

c) garante a formação de verdadeiros profissionaes do ensino;

d) opera o milagre de proporcionar uma economia de *quatorze contos* annualmente com que poderá o governo melhorar a situação dos professores das escolas normais.

Sirvam as nossas observações para que bem claramente se vejam os defeitos de organização de nossas escolas normais, mostrem ellas a necessidade imprescindivel de uma refórma que proporcione ao Estado verdadeiros educadores, instituem-se tais escolas e o futuro provará que não foi improfícuo o nosso trabalho, que não foi perdido o nosso esforço a bem da educação da infancia que reclama educadores mais completos, mais conscientes que a guiem.

MARIANO DE OLIVEIRA

QUESTÕES DE ENSINO NORMAL

*«It is better to make a mistake in trying to tell the truth,
«Than never to tell the truth for fear of making a mistake.»*

AS MATERIAS DO 2.º GRUPO

SUMMARIO:

— As artes na Escola Normal de São Paulo e nas demais.

— Importantissimo papel que a musica, o desenho, a gymnastica e o trabalho manual representam, na formação do pessoal ensinante.

— Partido a tirar dessas quatro disciplinas no trabalho de educação physica e psychica (da sensibilidade, actividade e intelligencia) das crianças.

— O 2.º grupo e as inclinações superiores (amor do bello, do bem, do verdadeiro.)

— O 2.º grupo e a cultura civica.

— O actual ensino da musica, do desenho, da gymnastica e do trabalho manual fornece ao futuro mestre-escola elementos bastantes para que possa realizar um programma educativo da infancia por meio das quatro supracitadas materias?

O actual regulamento das TRES Escolas Normaes Secun-

darias (São Paulo—PRAÇA, Itapetininga e São Carlos) baixado com o Decreto 2.367 de 14 de Abril de 1913, assim como o regulamento em vigor das OITO Escolas Normaes Primarias (São Paulo—PRAÇA, São Paulo—BRAZ, Guaratinguetá, Campinas, Botucatu, Casa Branca, Pirassununga, Piracicaba) que baixou com o Decreto 2.025 de 29 de Março de 1911, dividem as disciplinas dos cursos de ambos os typos de E. Normaes, como se sabe, em dois grupos : o *primeiro*, constituido de sciencias e linguas, e o *segundo*, composto de algumas artes.

Para as E. N. Primarias a lei determina as seguintes matérias de *segundo grupo* : 1.^a, Musica; 2.^a, Calligraphia e Desenho ; 3.^a, Trabalhos Manuaes e Economia domestica, para o sexo feminino ; 4.^a, Trabalhos manuaes, para o sexo masculino ; 5.^a, Gymnastica, para ambos os sexos. E' esta a distribuição dessas aulas, com o numero semanal de horas para cada :

1.º ANNO		3.º ANNO	
Musica	2	Musica	2
Trabalhos manuaes	2	Trabalhos manuaes	2
Gymnastica	2	Gymnastica	2
Desenho	2	Desenho	2
2.º ANNO		4.º ANNO	
Musica	2	Musica	2
Trabalhos manuaes	2	Trabalhos manuaes (s. m.)	2
Gymnastica	2	Economia domestica (s. f.)	2
Desenho	2	Desenho	2

Para as antigas Escolas Complementares, depois transformadas em N. Primarias, era mais ou menos o que ficou para estas, com a differença da Escripuração mercantil, para os rapazes. Mais ou menos isto :

1.º ANNO		3.º ANNO	
Calligraphia e desenho	—	Trabalhos manuaes	—
Exercicios gymnasticos	—	Exercicios gymnasticos	—
2.º ANNO		4.º ANNO	
Desenho	—	Exercicios gymnasticos	—
Exercicios militares	—	Economia domestica	—
Escripuração mercantil	—		

Veja-se agora o caso no que diz respeito ás tres E. N. Secundarias, mas, antes, convem deitar os olhos para os varios aspectos que tem apresentado o ensino normal paulista, durante a sua evolução, isto é, no periodo que vai de 1846 a 1913. E,

como até 1899 inclusivè, a escola profissional pedagogica do Estado de São Paulo, era unicamente a da Praça da Republica (pavimento superior do edificio) na Capital, necessario se faz passar em revista o que antes havia, em materia artistica, no curso da escola normal singular.

Na Normal de 1846, só para homens, havia apenas a Calligraphia, unica arte que o legislador achou conveniente na aprendizagem para fins pedagogicos.

Na Normal de 1874 e na de 1880, quasi nada ou mesmo nada, a respeito do *segundo* grupo; na reforma do VISCONDE DO PARNAHYBA, em 1887, afinal, sempre se falla em *Calligraphia e Desenho*, com obrigação, para as alumnas dos dois primeiros annos, da pratica na escola primaria annexa «para exercitarem-se em prendas domesticas».

A reforma CAETANO DE CAMPOS, constante do Decreto 27 de 12 de Março de 1890, adopta o seguinte programma :

- escripturação mercantil (rapazes) ;
- calligraphia e desenho, para ambos os sexos ;
- economia e prendas domesticas, para as moças ;
- gymnastica e exercicios militares, rapazes ;
- gymnastica e exercicios escolares, moças ;
- musica, solfejo e canto coral, para ambos os sexos ;
- trabalhos manuaes ;

assim collocados os assumptos :

1.º ANNO	2.º ANNO
Exercicios militares . . . —	Gymnastica —
Calligraphia e Desenho . . . —	Musica —
Prendas domesticas . . . —	Desenho —
	Esctipuração mercantil . . . —
	Economia e prendas domesticas . . . —

(curso Normal de 3 annos).

O regime do Decreto 218 de 27 de Novembro de 1893 (GABRIEL PRESTES) ordena aulas de :

- 1.ª—Esctipuração mercantil, rapazes ;
- 2.ª—Economia domestica, moças ;
- 3.ª—Exercicios militares (rapazes) e gymnasticos ;
- 4.ª—Trabalhos manuaes ;
- 5.ª—Musica.

mantendo Calligraphia e Desenho como materias constitutivas da 17.ª cadeira.

As cinco aulas obedeceram á seguinte seriação :

<p>1.º ANNO</p> <p>Escrepturação mercantil . . . —</p> <p>Calligraphia e Desenho . . . —</p> <p>Gymnastica —</p> <p>Trabalhos manuaes —</p> <p>2.º ANNO</p> <p>Musica —</p>	<p>Desenho —</p> <p>3.º ANNO</p> <p>Exercicios militares —</p> <p>Economia domestica —</p> <p>4.º ANNO</p> <p>Economia domestica —</p>
---	--

Na organização CAMPOS SALLES—DINO BUENO, Decreto 397 de 9 de Outubro de 1895, acha-se esta disposição :

- 15.^a cadeira—Calligraphia e Desenho ;
- 16.^a » —Idem ;
- 1.^a aula—Escrepturação mercantil ;
- 2.^a » —Economia domestica ;
- 3.^a » —Exercicios militares e gymnasticos ;
- 4.^a » —Gymnastica ;
- 5.^a » —Trabalhos manuaes ;
- 6.^a » —Idem ;
- 7.^a » —Musica.

de accordo com o quadro abaixo (curso de 4 annos) ; os algarismos são as horas semanaes :

	<i>S. Masc.</i>	<i>S. Fem.</i>
1.º ANNO		
Calligraphia e Desenho	3	— 3
Trabalhos manuaes	3	— 3
Musica	2	— 2
Escrepturação mercantil	2	— 0
2.º ANNO		
Musica	3	— 3
Desenho	3	— 3
Economia domestica	0	— 3
3.º ANNO		
Gymnastica e exercicios militares	3	— 0
Gymnastica	0	— 3

A primeira modificação THOMPSON (Decreto 1.015 de 19 de Março de 1902) é que dividiu as disciplinas todas do curso em dois grupos, trazendo portanto esta innovação para as escolas brasileiras. De maneira que, na segunda reforma THOMPSON,

a do Decreto 1.252 de 17 de Novembro de 1904 já se observa a nova ordem de coisas, sendo assim formado o 2.º grupo

- 1.ª aula—Musica
- 2.ª » —Escripturação mercantil
- 3.ª » e 4.ª—Calligraphia e Desenho
- 5.ª » e 6.ª—Gymnastica
- 7.ª » e 8.ª—Trabalhos manuaes

do modo que segue (curso de 4 annos) :

	S. Masc.	S. Fem.
1.º ANNO		
Calligraphia e Desenho	2	— 2
Trabalhos manuaes	2	— 2
Gymnastica	0	— 3
Gymnastica e exercicios militares	3	— 0
2.º ANNO		
Calligraphia e Desenho	3	— 3
Trabalhos manuaes	2	— 2
Musica	2	— 2
3.º ANNO		
Escripturação mercantil	3	— 0
Calligraphia e Desenho	2	— 2
Musica	2	— 2
Trabalhos manuaes	2	— 2

A terceira e ultima renovação THOMPSON foi a que veio com o Decreto 2.367 de 14 de Abril de 1913 que, como vimos, é o que está vigorando. Ora, pelo actual regime, são estas as componentes do 2.º grupo :

- 1.ª aula—Musica
 - 2.ª » —Escripturação mercantil
 - 3.ª » —Calligraphia e Desenho
 - 4.ª » —Calligraphia e Desenho
 - 5.ª » —Gymnastica educativa
 - 6.ª » —Gymnastica educativa
 - 7.ª » —Trabalhos manuaes
 - 8.ª » —Trabalhos manuaes
 - 9.ª » —Dactylographia e tachygraphia
 - 10.ª » —Arte culinaria
- assim distribuidas

	S. Masc.	S. Fem.
1.º ANNO		
Calligraphia e Desenho	2	— 2
Trabalhos manuaes	2	— 2
Gymnastica	3	— 3
2.º ANNO		
Calligraphia e Desenho	2	— 2
Musica	2	— 2
Trabalhos manuaes	2	— 2
Gymnastica educativa	2	— 2
3.º ANNO		
Calligraphia e Desenho	2	— 2
Trabalhos manuaes	2	— 2
Gymnastica	2	— 2
Musica	2	— 2
Escripturação mercantil	3	— 3
Instrucção militar	2	— 0
Arte culinaria	0	— 2
4.º ANNO		
Gymnastica	2	— 2
Musica	2	— 2
Dactylographia e tachygraphia	4	— 4

E' do meu plano estudar ligeiramente cada uma dessas ali-neas, adduzindo breves notas relativas a cada uma dellas.

Em primeiro lugar, e seja-o dito de passagem, não com-prehendo bem a razão de serem estes cargos do 2.º grupo re-munerados com vencimentos menores do que os do 1.º. Remu-neração ideal seria, a meu ver, a que marcasse, para todos os docentes, um minimo de vencimentos, de accôrdo com a posi-ção social que devem manter. A esse minimo seriam accrescen-tadas quotas correspondentes a um augmento de horas sobre o numero minimo de horas, e a um augmento de classes, sobre um minimo de classes. Seria mais equitativo assim. (1)

(1) Há professores, no curso normal, que dão 6 horas de aula por se-mana, e ganham a mesma coisa que outros que trabalham 12 horas por se-mana. Alguns leccionam apenas as duas secções em um anno só; outros, leccionam as duas sessões em dois annos, o que torna muito mais conside-ravel o trabalho. Pela tabella actual, no entanto, todos tem o mesmo vencimento, exceptuada a differença, para menos, dos do 2.º grupo.

Além disso, como o Governo costuma prover nesses cargos, não professores-artistas mas simplesmente artistas que, tantas vezes, não são brasileiros, foi preciso criar para as aulas uma classe de mestres contractados os quaes nem ao menos tomam parte na Congregação, ficando, de tal modo, em posição evidentemente inferior á dos seus collegas, docentes do 1.º grupo; e assim começam elles, os do 2.º grupo, a se desinteressar das questões attinentes á escola. Essa inferioridade resalta ainda mais quando da collocação dos alumnos na sala de aula, collocação feita só pelas médias do 1.º grupo, de maneira que os professorandos vão aos poucos se convencendo, erradamente vê-se, de que o 1.º grupo (linguas e sciencias) é superior ao 2.º (artes) na formação profissional, e que só áquelle devem ligar importancia.

Entretanto, se matérias há, essenciaes, num curso technico de ensino, são exactamente as do grupo indigitado; de facto é á musica, ao desenho, á gymnastica e ao trabalho manual que o instituidor (professor e educador) recorrerá com frequencia para treinos excellentes, cheios de interesse para a sua classe de crianças. E comezinho é em pedagogia «que dos dois movimentos da actividade infantil—a necessidade e o interesse, o educador, na escola, só pode contar com o segundo e isto mesmo sem preconceitos teleiomorphicos (preconceitos de adultos) na satisfação das aspirações pelas quaes elle (interesse) se manifesta.» (1)

O desapêgo do alumno normalista pelas aulas do 2.º grupo provêm, outrosim, em grande parte, da falta de conhecimento prévio da importancia das referidas aulas, conhecimento que muito bem poderia ser dado em algumas explicações preliminares, no inicio desses cursos, pelos docentes respectivos. Não se fazendo assim, a orientação é falha nesse ponto, e as aulas começam sob uma desagradavel impressão de frieza, insipidez, inaproveitaveis, não raro degenerando os trabalhos numa completa patuscada, com aborrecimento para todos, á vista do tempo perdido.

Acho que o Governo só devia contractar ou nomear, para esses cargos, individuos que aos outros necessarios requisitos (moralidade, preparo, saúde, civismo, entusiasmo, energia, etc.) juntassem mais uma larga noção do fim educativo da disciplina a ser por elles leccionada, e essa noção pedagogica em regra não a tem. No geral um docente contractado é um artista e este, habil embora, só enxerga a questão por um prisma: a formação de outros artistas, a educação esthetica da classe, a producção de

(1) Artigo meu n.º «O Estado», de 25—12—1916, adiante transcripto.

obras de arte, et cetera, quando o problema é assás mais complicado.

Não seria tão difficil como parece, obter um professorado asssim, nessas condições pedagogico-artisticas, segundo a minha maneira de entender. Dos centenares de professores preliminares do Estado, podem sair, como já teem saído, alguns moços habéis e intelligentes cuja competencia se manifestará muito vantajosamente nas aulas de artes das E. Normaes.

As Escolas Normaes em todas as partes do mundo são centros educativos profissionaes pedagogicos onde pessoas que se destinam ao magisterio, e só ao magisterio, vão criar habitos da profissão a exercer. O mestre, portanto, tem, na definição, o seu ponto de vista certo e infallivel: *elle vai formar professores e, quasi sempre, professores preliminares*. Deste principio tem de sair a norma de acção para todo o curso que se venha a fazer. O programma se organizará cuidadosamente de modo a, dentro do tempo que o legislador concede, poder se dar uma idea clara ao futuro mestre-escola, do campo que a matéria abrange, da importancia de taes ensinamentos na vida profissional e do proveito maximo a obter-se para a propria educação d'elle, alumno-mestre, e relativamente á modelagem dos alumnos que tiver, num proximo futuro, quando agir independente na escola publica a seu cargo.

O methodo de ensino, em circumstancias tão especiaes, não pode ser o mesmo que o de um artista, simples transmissor dos preceitos da sua arte, encarando apenas o resultado immediato do trabalho que faz, trabalho que será absolutamente improficuo se a natureza do alumno-mestre fôr ingrata sob o ponto de vista artistico, mas trabalho que algumas raras vezes fructifica noutro campo quando se encontra na classe uma verdadeira vocação. (1)

Segundo o meu modo de considerar as coisas, essa é uma das principaes lacunas na formação do professorado paulista, isto é, saírem os alumnos-mestres, diplomados, sem uma idea precisa do valor educativo das quatro disciplinas—musica, desenho, gymnastica e trabalho manual; e, porque há essa falha, logo no incio do curso normal se patentea a lei do minimo esforço, do esforço apenas justo para a obtenção da média final salvadora, excepto no caso de decidido pendor artistico, aliás raro, da parte do professorando. Deve-se insistir, constantemente, no que essa pratica tem de deleterio, pois SÉNECA (Lucio Anneu,

(1) A aula de modelagem em barro, na Normal de São Paulo, sob a direcção do Sr. Prof. Bruno Zwarg, já revelou o notavel talento de Francisco Leopoldo e Silva, para a esculptura.

4 a. C.—65) já affirmava que nós não devemos aprender para a escola e sim para a vida (*non scholæ sed vitæ discimus*).

Não tiramos, pois, nós brasileiros, o proveito que povos adiantados em coisas de ensino primario (preliminar e complementar) soem conseguir de disciplinas como as do *segundo grupo* das matérias leccionadas nas Escolas Normaes, com vantagens numerosas para elles, já se vê.

Passarei agora em revista, uma a uma, as artes constitutivas do programma das tres Normaes Secundarias (São Paulo—PRAÇA, Itapetininga e São Carlos).

1.^a AULA—MUSICA

Na escola preliminar a musica é o canto por audição quasi só. Coisa simples, muito facil de conseguir: entretanto não poucas escolas existem onde as crianças não cantam, porque o professor (peior ainda a professora) regente da aula, não é capaz de entoar uma simplissima melodia, porque não aprendeu isso nas Escolas Normaes! Parece incrível, mas é a pura verdade, são ás dezenas os noveis professores incapazes de solfejarem cantigas faceis, como as que se requerem para uso de crianças!

A naturalidade da cadencia é tão grande, que o homem normal apresenta excessivo pendor pela musica e sua correlata, a dança. O animal homem é cantor e dançarino de natureza. Ora já aqui está indicado o interesse da criança pelo canto escolar.

Demais, canta-se para renovar o ar dos pulmões, para activar a circulação, para se augmentar a capacidade vital—optima gymnastica respiratoria que é o cantar: são estes proveitos physicos immediatos. Hygiene do corpo, pelo canto, mas também hygiene da alma, pois a musica, além de servir de calmante para as paixões (inclinações exaltadas), ainda produz uma agradável excitação, preparatoria de algum esforço physico ou psychico. E' reconhecido de todos o chamado poder dynamogenico do canto; os operarios, por exemplo, cantam para que vençam trabalhos rudes e continuados, assim como o pratica o soldado em marcha: a canção militar é uma necessidade physio-psychologica. Da acção dynamogenica da musica nasce a dança, irmã gemea da musica, mas a choreographia até hoje não penetrou os humbraes das nossas escolas, apesar de exprimir a mesma que- rença rhythmica que a musica e apesar das escolas norte-americanas praticarem-n'a largamente, como é facil de vêr em qual- quer revista norte-americana de ensino de creanças.

Os exercicios gymnasticos acompanhados de musica cantada constituem um dos mais bellos aspectos da escola, maxime de escola infantil. Mas não só bellos aspectos, senão utilisimos treinos physico-psychicos. A sabedoria popular affirmava

que «quem canta, seus males espanta», e a sciencia nada mais tem feito do que confirmar absolutamente o conceito popular.

E' então preciso, e bem preciso, que as crianças cantem nas escolas; cantarão á entrada das aulas e do recreio, e cantarão á saída, e sem prejuizo da aula especial de canto na qual o professor ensinará nova letra, corrigirá vicios de pronuncia e ensaiará uma nova melodia, ao alcance, sempre, da criança. Porque muitos professores confundem canto e grito, alguns directores, mal orientados, prohibem o canto nas classes. Está positivamente errado. A criança deve por em acção os seus pulmões: se não conseguir cantar, não faz mal que grite um pouco; peor é que se cale. O que não for isso é estar fora do terreno infantil e querer para a infancia um regime de severidade e de modos graves de adultos, o que é, de certo, ridiculo. São preconceitos de adultos applicados á criança, são os taes *preconceitos teleiomorphicos*, de CLAPARÈDE, infelizmente ainda tão communs no nosso meio escolar infantil.

Nunca me esqueço do que li em ALBANO RAMALHO (1): «Tanto em Pariz como em Bruxellas não é raro denunciar-se a existencia duma escola, quando ainda estamos distantes do local, pela algazarra produzida pelos alumnos em recreio. Correm uns atraz dos outros, gritam, saltam, produzem um ruido enorme. Os professores vigiam sempre as classes, passeiam por meio dellas, quando se recreiam. Em lugar de lhes recommendarem silencio ou menos ruído deixam-n'as em plena liberdade de pulmões e de pernas. O professor vigia-as, não para evitar que se divirtam livremente, entregues á sua propria iniciativa, mas para conseguir justamente o contrario». A aula de musica da escola primaria não é a aula do conservatorio, assim como não é aula de conservatorio musical a aula de musica da Escola Normal. Deixem-se de lado os preconceitos, para que as escolas preliminares sejam o que devem ser: verdadeiros centros de alegria e de trabalho fecundo. E o canto é a disciplina da alegria suavissima.

Num Paiz como o nosso, onde a cultura civica não é tanta que se possam desprezar, na escola, os elementos que concorrem a formá-la, parece que á musica dever-se-iam carinhos especiaes. Na «Revista do Brasil» de Janeiro de 1918, paginas 91 e 92, está um trabalho meu com algumas ideas a esse respeito. (2) Dizia eu, no artigo: «Quanto á musica, uma disposição aliás recente criou o «Orpheon» cuja direcção caberia á Escola Normal de S. Paulo: ao que parece, as Escolas Normaes do Inte-

(1) Impressões sobre as escolas da França e da Belgica.

(2) *Ensino e nacionalismo*, é o titulo do artigo.

rior esperaram em vão os regulamentos, programmas, instrucções que dalli deveriam vir. Seria, no entanto, o «Orpheon», um forte elemento para a tentativa de nacionalização da musica nas escolas normaes. Onde as collecções de hymnos officiaes e escolares, de apprendizagem obrigatoria, os primeiros; as collecções de cantos populares adaptados; de themes nacionaes destinados a composições variadas daquelles professores que o pudessem fazer com brilho?»

Os autores tratam abundantemente da importancia da musica na formação civica. No seu interessante capitulo *A Historia Patria* do livro «Educação Nacional» JOSÉ VERISSIMO refere o trabalho que se faz, nas escolas allemãs, relativamente aos cantos patrioticos dos quaes se tira um proveito enorme para infiltrar na alma infantil e nella gravar «indelevelmente o ensino didactico da historia patria.» Citando DUMESNIL o mesmo sobredito autor continua: «No ensino do canto far-se-á alternar os canticos e as canções populares. O fim é que cada escolar possa cantar com justeza e segurança não somente em côro mas só, e que ao sair da escola, possua perfeitamente um numero sufficiente de canticos e cantos populares, e ache-se tanto quanto possivel penetrado do texto destes ultimos.» E citando ADOLPHO COBLHO, diz ainda: «Os cantos nacionaes devem occupar uma grande parte nos programmas das escolas, e dellas passar ás familias e á vida. O canto faz parte integrante da educação nacional allemã. E' preciso cultivar sobretudo (no estudo da musica) o canto popular allemão (das deutsch Volkslied) a uma ou duas vozes.»

Ora, pelo que tenho observado, os formados pelas nossas escolas profissionaes pedagogicas, em que pese ao seu reconhecido patriotismo, são incapazes de realizar um programma de musica, sabio como o das escolas allemãs, por falta de boa orientação pedagogica nos mestres da matéria, nos Cursos Normaes. Acresce que no Brasil é preciso ainda um trabalho maior do que algures, pois não só o povo não sabe cantar por não estar a isso habituado, e assim torna-se difficil obter cantos populares, como também por não haver facilidade de se obterem collecções de cantos apropriados (1). Mesmo os hymnos officiaes,

(1) Actualmente (6—Maio—1920) sei de tres collectaneas de musicas para escolas:

—uma, arranjada em 1913, por ordem do Govêrno de Sergipe, impressa no Rio, na Imprensa Nacional;

—uma, do Sr. Fabiano Lozano, Professor de Musica na Escola Normal de Piracicaba, impressa em S. Paulo, em 1918, nas officinas da Cia. Ed. Musical Brasileira;

—outra, feita em São Paulo pelos Srs. Dr. Vicente de Carvalho, Prof.

que o Governo devia divulgar amplamente, são obtidos com bastante dificuldade e á custa do mestre-escola...

No entanto são tão fecundos os nossos poetas e os nossos musicistas! Que os nossos artistas de escol vão inspirar-se nos motivos populares, rőceiros ou não para delles tirarem «*paginas de emoção e de estylo á altura da verdadeira obra de arte.*» (1) Porque desse trabalho nacionalista se não encarregam os Srs. Professores de musica das Normaes? O nosso *folk-lore* é abundante: porque não explorar o generoso filão do verdadeiro ouro nacional? Uma trėguazinha, Srs., em nome da Patria, aos byzantinismos do methodo analytico e ás complicadas superfetações das topographias cerebraes!

Somos, afinal, um povo de tristonhos, e não fazemos, por meio da escola, o menor esforço para corrigir essa macambuzice irritante. Como não sabemos cantar, todos nós achamos o derivativo para a tristeza na anecdotia apimentadissima e na maledicencia picante.

Jardim de crianças chamou FRÖBEL ás escolas infantis, porque alli o ensino devia conservar e augmentar os estimulantes psychicos que o genio de MONTESSORI tão bem condensou nas suas *Case dei Bambini*. Conservemos a santa alegria das nossas crianças, para que dellas se forme uma mocidade sadia e bem disposta e compenetremo-nos do adagio popular tão repetido e tão pouco praticado: «*quem canta seus males espanta*».

2.^a AULA—ESCRITURAÇÃO MERCANTIL

Esta disciplina é o que com inteira justiça se chamará um mal necessario. Nada tendo de pedagogica, presta, comtudo, excellentes serviços ao professor preliminar que, num Estado de vida carissima e dispondo de algumas horas vagas durante o dia, aproveita a vida commercial intensa para augmentar um pouco o fraquissimo orçamento da receita do mestre-escola.

Está muito bem assim; se verdade é que *nem só de pão vive o homem* não é menos certo que a grei não pode exigir sacrificios acima de um limite razoavel.

Carlos Gomes Cardim, Maestros Felix de Otero, João Gomes Junior e Antonio Carlos Junior. Esta collecção, mandada organizar pelo Sr. Dr. Oscar Rodrigues Alves, contém 71 poesias musicadas para uso das Escolas Primarias; uma parte das composições resulta de selecção feita, e o resto—42 numeros—foi escripto especialmente pelos membros da referida commissão. Ver «*Jornal do Commercio*», de São Paulo, de 29-4-1920 e o «*Diario Official*» paulista de 1.^o-5-1920.

(1) Palavras do redactor musical d-«*O Estado*», em 20-3-1920.

3.^a AULA E 4.^a—CALLIGRAPHIA E DESENHO

Dizia o bom PESTALOZZI : «a actividade é uma lei da meninice : ensinaí os meninos a fazer ; educai a mão.»

Sendo a escripta uma applicação do desenho, acho que não haveria necessidade de se ensinar calligraphia na Escola Normal. Quem sabe desenhar um pouco, faz qualquer typo de letra. Quanto á escripta usual parece que ella deve revelar o maximo do temperamento de cada um, tornando-se o mais caracteristica possivel ; a graphologia só pode existir com a naturalidade completa do traço, sem os impedientes arrebiques calligraphicos. Mais proveitoso fôra haver nas Normaes, em substituição á calligraphia, e como exercicio profissional, algumas aulas de *illuminura*.

Vou, porêm, ao desenho : é elle um auxiliar de primeirissima ordem no trabalho quotidiano do mestre escola. Professor que não souber desenhar não é bem professor, pois está com a sua efficiencia didascálica diminuida.

No desenvolvimento de uma lição, no esbôço de um aspecto, no apresentar um eschema, na aula de leitura, na de escripta, na de arithmetica, na de historia, na de geographia, de physica e chimica, na de sciencias naturaes, et cetera, et cetera...

Seria longo enumerar todas as grandes applicações do desenho na escola, do *desenho pedagogico* ; quero dizer, desenho auxiliar de todas as lições. Além desse indiscutivel e enorme serviço que presta constantemente ao mestre-escola, elle é ainda a arma poderosa de educação esthetica por acostumar a vista á justeza das proporções e aos effeitos de luz. Além do mais, pondo em acção ao mesmo tempo a vista e as mãos, dá ao espirito pelo exercicio continuado, o habito do vêr e produzir exacto, contribuindo não pouco para a educação moral do individuo, dado o treino da verdade, sem comtudo cooperar para que se elimine a imaginação, antes desenvolvendo-a nos seus effeitos ambos de reproduzir e criar.

Como ensinar-se o desenho aos alumnos-mestres ? Desenvolvendo-se prudente e sabiamente um programma que lhes permittisse agir na escola primaria com todas as vantagens decorrentes da disciplina considerada.

O docente de desenho, assim como os das outras artes, tem de conhecer o trabalho da escola preliminar. Os seus alumnos, alumnos-mestres, devem estar familiarizados com obras da natureza do «Manuel de Dessin», de GASTON QUÉNIUUX e «Les dessins d'un enfant», de G.-H. LUQUET ; instrucções como «Conseils aux instituteurs sur les nouveaux programmes de l'enseignement du dessin» por POTTIER e SERVIER ; trabalhos como um que foi traduzido pelo saudoso professor JUVENAL

PENTEADO, e que se intitula «A natureza é a verdadeira mestra de desenho», e tantos outros excellentes.

Não é isso o que se tem feito: o fito do ensino, actualmente, com honrosas excepções, é obter productos de arte duvidosa para uma exposição de fim de anno lectivo, a qual nenhum valor educativo tem.

E' opinião assás espalhada, e justa, a que acha que cada professor de Escola Normal deve zelar muito da pedagogia de sua matéria. A objecção costumeira já a estou ouvindo: que não, que a parte pedagogica fica ao encargo dos professores de pedagogia, que das Normaes tem saído muitos mestres de crianças que o podem ser de desenho, etc.

Ora, tirando o caso da vocação pronunciada que era assídua ás aulas e não procurava burlar o preceito da obrigatoriedade de comparencia e que conhece, mais ou menos por intuição, os tratadistas de nomeada, o elemento que sobeja é lamentavelmente ignorante da materia quanto ao partido a tirar na vida profissional. Não resta duvida, por outro lado, que aos docentes das cadeiras de pedagogia e methodos compete uma grande parte no programma que acima esbocei, mas como as Normaes devem ser escolas technicas, nenhum mal fará a convergencia de esforços neste ou naquelle sentido, antes isso parecerá bem aos espiritos lucidos, com vantagens varias para os discentes. Sou até partidario de um programma nacionalista de desenho.

Em matéria de desenho infantil, gravou-se-me na memoria o que vem na pagina 29 da 5ª ed. (1911) do livro de QUÉNIUOX. E' um trabalho do Curso Infantil (de 5 a 7 annos) e procura illustrar a celebre cançoneta

«Malbrough s'en va-t-en guerre
«Miron-ton, miron-ton, miron-taine
«Malbrough s'en va-t-en guerre
«Ne sait quand reviendra»

E' um desenho colorido, bastante expressivo para mostrar o modo como se gravam as lendas, contos e narrativas historicas na mente da infancia, e o partido que a hodegetica há de tirar desse conhecimento.

As nossas flora e fauna, os nossos mineraes, os aspectos do céu brasileiro e da brasileira terra são mananciaes inexgotaveis para uma aula de desenho natural movimentadissima. Por outro lado, a Historia Nacional fornecerá um material farto, não só na illustração dos trabalhos escriptos como e principalmente na reproducção de scenas historicas (desenho de imaginação). A viagem de Colombo, os incas e os aztecas, os indigenas brasileiros, a armada de Cabral, a fundação das tres grandes cidades

—São Salvador, Rio, São Paulo; a guerra hollandesa, a vida dos negros, a independencia... mas que sei eu? Uma copia extraordinaria de factos historicos interessantimos que poderiam ser postos em quadros do genero expressivo do acima referido, apresentando o famoso LORD JOHN CHURCHILL, DUQUE DE MARLBOROUGH, vencedor em Hochstædt, Ramillies e Malplaquet... O *folk-lore* produziria, nas mãos de um docente habil e geitoso um programma largo e fructifero cujos resultados nós apenas podemos lobrigar; o irrequieto *sacy*, o arteiro *caapora*, a agitada *mula-sem-cabeça*, o multiforme *lobishomem*, são assumptos tão dignos como o matreiro *Papá-Noel*, e os insignificativos *anões* (*niebelungen*) de que os nossos jardins se estão idiotamente povoando. As historias do *pequeno-pollegar*, de *Ali-Babá e os 40 ladrões*, da *bella e da fera* não são em coisa alguma superiores ás nossas lendas como a de *Sumé*, a da *Yára*, as nascidas da epopea bandeirante e tantas outras.

A's escolas de artifices e ás industriaes o desenho geometrico, o desenho industrial, o architectonico e quejandos, com os methodos proprios da formação de artistas-operarios. A's escolas de bellas-artes o desenho eivado de classicismo, apto a produzir o artista-pintor ou qualquer outro.

Na escola profissional pedagogica o que se requer é que o desenho-pedagogico seja apprehendido pelo alumno-mestre, com uma orientação sabia e patriotica e que o professorando fique apto a tirar dessa disciplina todo o proveito que ora não tira por ignorancia, cuja culpa todavia lhe não cabe. Agora, o que se observa é que os mestres preliminares acham valer menos o desenho do que qualquer outra das disciplinas do programma. A nossa melhor escola preliminar é, incontestavelmente, o grupo-escolar: pois bem, corram-se as classes dos grupos, não há desenho vívido, desenho fecundante, e o que existe com o nome de desenho é um producto tão rachitico, tão mirrado que a gente fica a scismar se não fôra supprimí-lo de vez.

5.^a AULA E 6.^a—GYMNASTICA EDUCATIVA

Entendo que toda a gymnastica, ao sério, é educativa; acho, portanto, uma redundancia o termo *educativa*. Mas, como é regra de interpretação que o legislador nunca emprega palavras inuteis, tento penetrar o sentido do titulo da aula. O legislador aqui desejou pôr bem ao vivo o seu intento: não se deseja para o curso das Escolas Normaes uma aula qualquer de gymnastica, e sim uma aula de gymnastica que prepare o alumno-mestre a praticar efficientemente essa disciplina nas escolas aonde fôr, na pratica da nobre missão de ensinar e educar. Mas o legislador deveria ter accrescentado o termo *educativo* a cada

nome designativo de uma aula : musica educativa, desenho educativo, gymnastica educativa e trabalhos manuaes educativos. Não tendo assim se exprimido, com referencia ás demais aulas, melhor teria dito o legislador, no caso vertente, em vez da expressão usada, GYMNASTICA E AGONISTICA. Esta segunda palavra, que antigamente significava a arte do athleta completo, é proposta por ANGELO MOSSO para exprimir *todos aquellos exercicios usados nas escolas* e que escapam ao termo *desporto*. *Gymnastica*, exercicios regulares, individuaes ou collectivos, compostos de movimentos certos e determinados; *agonistica*, todos os exercicios livres, individuaes ou collectivos, que se praticarem nas escolas, e que não incluem muitos desportos.

Ora, de accôrdo com o mesmo criterio que adoptei para as outras duas materias anteriores, vê-se que os docentes de gymnastica teem, em primeiro lugar, de interessar-se porque seus alumnos comprehendam o fim da gymnastica na escola primaria (preliminar e complementar). Só então e sem perder de vista que estão concorrendo para formar directores de educação physica de crianças e não acróbatas ou desportivos, só então devem julgar-se aptos para o desenvolvimento dos numerosos exercicios que devem constar do programma.

Inspirando-se um pouco nas melhores tradições hellenicadas palestras e dos gymnasios, e conhecendo o que de mais aperfeiçoado a sciencia indica quanto á cultura physica, e além disso, animando-se de um nobre enthusiasmo para bem servir a Patria, poderá um docente de gymnastica organizar um admiravel programma do qual ressaltem a esthetica, pela harmonia do movimento e o gracioso das figuras; a athletica, no formar-se e desenvolver-se em perfeito equilibrio a musculatura solida e rija; a hygiene, a puericultura e a eugenica, em conselhos sabios e em exemplos edificantes; a intelligencia, pelo sempre novo aphorismo de JUVENAL; *mens sana in corpore sano*; a moral, finalmente, pelo habito de obedecer, pelo de mandar, pelo esforço no executar do melhor modo a resolução tomada e, no exercicio livre, pela formação de habitos de iniciativa, destreza, coragem, tenacidade, e tantas bellas qualidades de character que nunca são demasiadas entre quaesquer povos. «O que eu peço á instrucção e á educação, diz GUSTAVO LE BON, é que desenvolvam o espirito de observação e de reflexão, a vontade, o juizo e a iniciativa. Com essas qualidades o homem sempre vence naquillo que emprehende, e apprende o que quizer quando isso necessario lhe fôr.» E mais adiante: «A educação deve ter por fim desenvolver certas qualidades de character, taes como a attenção, a reflexão, o juizo, a iniciativa, a disciplina, o espirito de solidariedade, a perseverança, a vontade, etc.» E continuando: «As qualidades que eu acabo de enumerar teem uma utilidade

capital na vida, e é por esta razão que os Ingleses tanto cuidam em desenvolvê-las nas pessoas de tenra idade. Elles o conseguem por meio dos chamados jogos educadores, jogos que seria inutil explicar aqui, porque, sendo violentos e por vezes perigosos, fôra impossivel introduzi-los entre os Latinos.»

Na sua admiravel «Psychologie de l'éducation» de onde tirei os trechinhos supra, o philosopho francês não cessa de pregar a criação e o desenvolvimento da maxima qualidade : o dominio de si mesmo. Pois bem, tudo isso pode ser conseguido por um bom docente de gymnastica e agonistica, de maneira que, saídos da Normal, os professores novos não necessitem uma reeducação para obterem esses ideaes gymnasticos e agonisticos entre seus alumnos. Essa é a boa orientação, patriotica, nacionalista.

Quando tratei da musica referi-me ao consorcio della com a gymnastica. Francamente, nas Escolas Normaes, raras vezes se vê um treino dessa natureza ; não admira que depois o mestre-escola não saiba fazer semelhante coisa, de que elle talvez nunca tenha ouvido fallar.

7.^a AULA E 8.^a—TRABALHOS MANUAES

Cada vez que tenho de tratar desta disciplina, fico cheio de tristeza por vêr o pouco caso que lhe damos. Muito mais praticos do que nós e acostumados a tirar partido das coisas boas, os norte-americanos tem dado tal desenvolvimento a esta matéria, nas suas escolas de todos os graus, que nós aqui no Brasil nem de leve imaginamos.

Além do que, não se limitando a um só modo de ser, tem os norte-americanos, com um espirito de liberdade e iniciativa que muito os honra, criado varios systemas de trabalho manual, cada um delles com os seus princípios, as suas leis, lutando cada systema por adquirir prependerancia numa concorrência muito leal e sincera.

No livro excellente de OMER BUYSE «Méthodes Américaines d 'E'ducation» encontram-se quatro systemas estudados, e são elles :

1.^o—O systema *pedagogico*, de origem sueca, conhecido por *slojd* ou *sloyd*. Este systema «repousa sobre o principio de FRCEBEL : a educação pela acção, e tem a sua fonte na obra escolar de COEGNUS, da Finlandia. Elle foi elevado á altura dum systema pela escola normal de Naäs, na Suecia, e dahi invadiu o mundo civilizado, transformando-se segundo as latitudes, os costumes, a mentalidade das raças.» Foi uma philanthropa americana, a Senhora QUINCY A. SHAW quem, em 1888,

introduziu o *sloyd* nos E.E.-Unidos, pela primeira vez. Os trabalhos foram iniciados por LARRSON, instituidor sueco, alumno de Naäs. A adaptação mais modesta do *sloyd* é a chamada *sloyd de faca*, que pode ser dada nas classes e está ao alcance das mais pobres escolas ;

2.º—o systema DELLA-VOSS, de origem russa, também denominado systema *technico*, iniciou-se em 1875, no Instituto de Technologia de Boston, graças aos esforços do Sr. RUNKLE, seu director, o qual ficára vivamente impressionado com os resultados da exposição naquelle mesmo anno, em Philadelphia, dos trabalhos executados na escola technica superior de Moscou, da qual DELLA-VOSS era vice-director ;

3.º—o systema *social*, a cuja frente acha-se o nome respeitavel do insigne pedagogista JOHN DEWEY, assás conhecido ;

4.º—o systema *artístico*, de TADD, de Philadelphia.

Na luta desses varios systemas procura-se attingir ao maximo da eficiencia, em cada systema, resultando dahi um vastissimo trabalho de divulgação que, por sua vez, inspira novas pesquisas, originando-se dessa lida fecunda qualquer coisa de empolgante, muito fora dos nossos costumes brasileiros.

O *sloyd* é o systema educativo, por excellencia, e só deve ser posto em acção pelo professor, pelo homem de ensino. De modo que, sendo os nossos professores de traba'ho, das Normaes, homens de artes e officios, não poderão realizar os principios rigorosos do *sloyd*.

Como há tempos tratei já desta questão do trabalho manual, em artigo n-«O Estado de São Paulo» de 25 de Dezembro de 1916, transcrevo aqui o referido artigo, que não deixa de ter a sua oportunidade :

«O «SLOJD» NO BRASIL

O Sr. Aprigio de Almeida Gonzaga, professor normalista secundario e director da Escola Profissional Masculina de São Paulo, acaba de publicar um elegante volume sobre o que o autor intitulou — O SLOJD.

O livro consta de cerca de uma centena de paginas occupadas pelo texto e pelas gravuras e foi impresso nas officinas da Casa Duprat, da capital, sendo as illustrações confiadas ao Sr. E. Behrendt.

A olhos pouco affeitos a coisas de pedagogia parecerá estranho o titulo do novo e interessante livro, mas a questão é simples, nenhuma dificuldade apresenta o termo, aliás pertinente e vulgar entre pro-

fessores que se não deixaram fossilizar na sua rotina condemnável. A palavra «slojd», também «sloyd», (forma esta que eu preferiria), pertence ao vocabulário sueco e quer dizer «trabalho manual». É este o significado originário da palavra, porque actualmente ella exprime não todo o trabalho manual, senão apenas uma determinada orientação, porventura a melhor na pratica da utilissima disciplina, tão descurada entre nós.

«Sloyd» ou «slojd» é o trabalho manual «tal como é ensinado no seminário (escola normal) de de Naäs, dirigido por Otto Salomão», diz Guex na sua conhecida «Histoire de l'Instruction et de l'Éducation».

O fim do «sloyd» é puramente educativo, sem intuitos de formar habéis profissionaes, artifices ageis. Com o «sloyd» quer-se obter o triplice fim de toda a bôa educação que, já dizia Platão, «consiste em dar ao corpo e á alma toda a belleza, toda a perfeição de que elles são susceptiveis.»

A «educação physica» é obtida pelo «sloyd» no esfôrço, na coordenação muscular, nos movimentos precisos; a «educação intellectual» é attendida no applicarem-se as faculdades do espirito para que se realizem as tarefas e no seu aperfeiçoamento: quer os processos mentaes inferiores quer os superiores opportunamente se desenvolvem na pratica dos trabalhos quotidianos; a «educação moral» emfim (e é aqui que o «sloyd» transcende, é aqui que se manifesta toda a sua importancia) obtem-se não só na aquisição do habito do esfôrço pelo desenvolvimento da attenção voluntaria, como na disciplina organica e mental que estabelece, proveitos directos da applicação manual, intimamente relacionada com o funcionamento do espirito, através do sentido fundamental do tacto e do sentido scientifico por excellencia, a vista.

Quanto ao tacto, quem quizer saber de que prodigios é capaz, que leia o livro de Helena Keller — «Historia de minha vida» — e ficará maravilhado. Da vista dispenso-me de gabar-lhe os meritos.

O «sloyd» tem uma grande voga na sua patria de origem, a Suecia, onde elle se acompanha pelo desenhos: a ordem é mesmo essa — primeiro, esboço de modelos; depois, realização dos modelos esboçados. Saibam, de passagem, todos quantos o ignoram,

que a Suécia é um dos países que melhor organização de ensino primário, seja no seu ramo preliminar, seja no complementar. Foi na Suécia que os americanos do Norte foram buscar os princípios do trabalho manual, procurando desenvolvê-lo e acclimatá-lo. Tal foi o impulso que tomou essa questão nos Estados Unidos, que podemos hoje encarar o grande país como a pátria de adopção do «sloyd».

Dada, porém, a superior compreensão que os americanos têm da organização do ensino, deixando a cada professor a iniciativa para orientar o curso de modo que inteligente e proveitosa emulação logo surge, duas vias caracterizaram-se depressa nas escolas da America do Norte, por onde o trabalho manual se canalizou por todo o país.

Omer Buyse, de Charleroi, no seu magistral relatório intitulado «Méthodes Américaines d'Éducation», refere com palavras de admiração estes factos dignos de vulgarização. Foram estas as duas vias :

1.^a) A vida fröebeliana, que começa no jardim da infancia e conduz, alargando-se, á escola primaria, onde ella attinge ao «sloyd» nas classes superiores.

2.^a) A via technica, de origem russa, conhecida pelo nome de systema Della-Voss ; partida da escola technica superior, ella desceu pelas escolas secundarias para as classes superiores das escolas primarias, lutando, neste terreno, com o «sloyd» de origem sueca.

Vemos, pois, que a primeira via é ascendente visto como surgiu com as occupações fröebelianas nos jardins da infancia, e que a segunda é descendente porque chegou á escola primaria através dos cursos technicos médios, tendo sua origem na escola technica superior de Moscou, donde o nome de «systema russo», pelo qual é conhecido.

O «sloyd», meramente educativo, não tendo em vista de maneira alguma o preparo profissional, ia sendo batido pelo systema technico, russo, o qual, dada a sua tendencia, buscava formar artifices prestimosos. Foi então que os americanos, com Larrison á frente, notaram que o «sloyd» das suas escolas não estava adaptado convenientemente porisso que lhe faltava a base psychologica, constituida pelos seus «centros de interesse».

Era um «sloyd» sueco servindo interesses americanos.

Larrison, alumno da Escola Normal de Naäs, ini-

cia, por volta de 1888, um movimento, em consequencia dessa desoberta, tendendo a se criarem, nas escolas, centros de interesses nacionaes, afim de que o «sloyd» pudesse ter as suas raizes na vida do grande povo.

Após o estabelecimento dessas bases psychologicas com a criação dos centros de interesse, o «sloyd» tomou um impulso magnifico e, apesar das tendencias utilitaristas da escola americana, apesar do prodigioso desenvolvimento do ensino professional technico (elementar, secundario e superior), o «sloyd» firmou-se definitivamente nos Estados Unidos.

Isto é tanto mais de notar quanto o mesmo Omer Buyse, em todo o seu livro, tem palavras de encomio para o espirito descentralizador americano; é d'elle este trecho: «Nada repugna mais ao espirito americano do que a uniformidade, a laminagem das ideas; despertar a personalidade das crianças e provocar as manifestações della, excitar-lhe o espirito de invenção, de criação e de execução, tal é a propria essencia dos methodos de educação.» Essa liberdade, essa descentralização constituem a melhor prova da excellencia do «sloyd» pois não fôra elle superior nos seus resultados e estaria banido da America do Norte. Demais o «sloyd» é a disciplina ideal para os fins educativos das escolas «yankees».

Ahi vão alguns principios do «sloyd», conforme o livro de Buyse:

- 1.º—Os professores de «sloyd» devem ser homens de ensino e não artifices;
- 2.º—O ensino deve ser systematicamente progressivo, e, á excepção de certas demonstrações de classes, tanto quanto possível, individual;
- 3.º—O trabalho deve ser escolhido para dar o melhor desenvolvimento physico, por movimentos livres e vigorosos;
- 4.º—Os resultados visiveis, isto é, os trabalhos feitos, devem representar o esforço pessoal do alumno. Em principio, as operações não devem introduzir nenhuma divisão do trabalho e excluem praticamente o emprego das machinas-utensilios.
- 5.º—Os exercicios, cuja progressão conduz do trabalho facil ao trabalho mais difficil, devem appli-

car-se a objectos attrahentes, cujo uso pode ser comprehendido e apreciado pelo alumno; (1)

6.º—Os trabalhos não comprehendem somente a execução de objectos que podem ser realizados exactamente com o auxilio de instrumentos de medida; elles devem sobretudo fazer-se a mão livre e exercitar particularmente o sentido das formas e das proporções pela vista e pelo tacto;

7.º—Uma importancia especial é ligada á limpeza, á exactidão e ao acabamento da execução, com o fim de inspirar o amor do bello trabalho pelo proprio trabalho e de desenvolver o espirito de apreciação independente.

Não ficaram entretanto os americanos apenas com esses dois systemas. Foram além. Criaram mais o «systema social» e o «systema artistico».

O «systema social» nasceu pelos esforços de Dewey, o grande psycho-pedagoga americano e tem o seu «habitat» em Nova-York, em escola para isso installada. O systema attende tanto quanto possivel ao principio do parallelismo ontogenético e phylogenético, procurando por isso desenvolver o espirito do alumno numa recapitulação abreviada da evolução das sociedades.

«Os methodos de trabalhos manuaes de character social são, diz Buyse, uma reacção violenta contra o estudo das palavras e dos symbolos, através dos quaes as crianças jamais vêem as coisas. Elles fazem repousar a educação sobre os factos, sobre a propria substancia dos conhecimentos.»

O «systema artistico» é tambem uma tentativa, para combater a ausencia de gosto na America do Norte, preparando o espirito para mais tarde, pelas leis da hereditariedade, surgir sobre o ouro accumulado dos industriaes, uma brilhante floração de artistas que agora lá não existe. O systema artistico foi iniciado graças aos esforços de Tadd, director de uma escola de Philadelphia.

*

O trabalho que o sr. prof. Aprigio acaba de publicar, posto seja organizado por um director de escola profissional, obedece nas suas linhas principaes

(1) Os objectos são simples, de boas formas e proporcionados

ao plano do «trabalho manual pedagógico», ao «sloyd» propriamente dito que, como já ficou dito é apenas educativo, tendo o mesmo fim que qualquer outra das disciplinas ensinadas nas escolas preliminares.

Os exercicios obedecem a uma boa seriação indo desde os modelos de simples tecelagem (occupação fröbeliana) até ás curiosas combinações em madeira, com escalas pelas construcções em papel cartão simples e combinado com palitos e outros exercicios de cartonagem.

O autor, sabendo que o trabalho em madeira está quasi completamente banido das nossas escolas, procura fazer delles o eixo do seu systema, o que é de indiscutivel vantagem. Entre nós, afóra umas aulas de prendas domesticas (crochet, costuras simples, et cætera) para as meninas e uma ou outra tentativa para a introducção da modelagem em barro para os meninos, nada ha que lembre o admiravel movimento de que os Estados Unidos se têm tornado o campeão.

O sr. prof. Gonzaga pretende ter conseguido atender á questão vital do trabalho manual, com a organização de «centros de interesse» nacionaes nos varios exercicios do seu livro. Terá elle boas razões para assim pensar, posto que só algum tempo de pratica na escola, segundo julgo, possa mostrar a realidade ou não da existencia de taes interesses, sem o que a criança não agirá convenientemente.

O autor, melhor do que ninguem, sabe que dos dois moveis da actividade infantil—a necessidade e o interesse, o educador, na escola, só pode contar com o segundo e isto mesmo sem preconceitos teleiomórficos na satisfacção das aspirações pelas quaes elle se manifesta. Já nos referimos ao insuccesso na primeira tentativa de introducção do «sloyd» na America do Norte, pelo motivo de ser elle transplantando e não adaptado.

*

O trabalho do sr. professor Gonzaga é opportuno: num momento de azáfama na campanha disciplinadora do paiz, cujo maior mal é a ausencia de organização, uma disciplina como o «sloyd», introduzida nas escolas de todos os graus, não poderá deixar de nos prestar os mais relevantes serviços.

A escola paulista, apesar das suas imperfeições, tem, ufano-me em dizê-lo, desempenhando uma tarefa

magna no nosso Estado e que já começa a reflectir-se no Brasil todo : ahi temos, por exemplo, o caso dos voluntarios de manobras cujo espirito patriotico se formou no ambiente favoravel das nossas casas de ensino.

Tenhamos, porém, o trabalho manual systematizado (o que não quer dizer uniformizado), em todos os estabelecimentos de ensino, criemos mestres aptos na pratica do «sloyd», compenetre-se o professorado do partido que pode tirar de tal disciplina, sejam tambem as alumnas das Normaes iniciadas nos trabalhos em barro e em madeira e, affirmo-o sem receio de contestação, dentro em breve, mesmo sem o serviço militar, o paiz tomará outro rumo na sua marcha.

Não deixemos passar sem menção uma vantagem enorme que será obtida com a introdução do trabalho manual systematizado e generalizado entre nós e é a de extinguir os residuos do preconceito contra o trabalho material, fundamente radicado na nossa gente em virtude da existencia da nefanda instituição do elemento servil cujos effeitos perniciosos ainda supportamos. Não se pode negar que é um fim altamente social o combate a esses resquicios da escravidão.

Seja o distico das nossas escolas—A ORGANIZAÇÃO DO PAIZ PELO TRABALHO MANUAL.

Parabens ao operoso sr. professor Gonzaga, pelo seu livro, destinado a prestar um utilissimo serviço.

S. Carlos, 16 de Novembro de 1916.

CARLOS DA SILVEIRA»

O artigo acima já tem mais de tres annos ; a situação do trabalho manual nas Normaes continua a ser incolor, amortecida : na secção masculina, um pouco de marcenaria e outro pouco de modelagem em barro ; na secção feminina, apenas trabalhos de costura, bordados e outras similares prendas domesticas. Vê-se que ainda nessas aulas ou predomina um critério artistico suspeito (quadros, almofadas, bordados, gravuras, roupas brancas) ou sobresae um utilitarismo trivial (remendos, caseados, pregagem de botões)—critérios esses que ainda não são os verdadeiros ; a prova ahi está : não há coisa mais enfadonha para os alumnos-mestres de ambas as secções do que a aula de trabalhos manuaes.

Criados nesse regime de maçada durante dois ou tres annos, quando d'elle se libertam é com um grande suspiro de

allivio, mas suspiro que contrista o verdadeiro educador, aquelle que espera a regeneração do Paiz pela obra das escolas publicas.

Porventura algum professor de trabalho manual já volveu os olhos, num dia de fastio, para o problema da cultura civica pelo trabalho manual?

E' de observação corrente no nosso professorado, que a criança brasileira é viva, esperta, irrequieta. E' também de observação vulgar que «a actividade sem juizo é mais ruinosa que a preguiça». Pois ahi está: provoque-se a alliança da vivacidade brasileira com a pratica do trabalho manual educativo, aquelle que «conduz a criança, como pela mão, da educação do systema muscular á do systema nervoso e dos sentidos, da dos sentidos ás noções, das noções ás ideas, das ideas á moralidade» (1). Ninguém negará a superior belleza deste ideal a attingir.

Quanto ás duas aulas restantes, a 9.^a—DACTYLOGRAPHIA E TACHYGRAPHIA apenas funciona na escola de São Paulo e não tem as minhas sympathias, como as possui a de escripturação mercantil. A 10.^a—ARTE CULINARIA, que também só existia na normal de São Paulo, foi supprimida há tempos. Mereceria ella, apesar de tudo, os meus applausos, se fosse uma aula de cozinha rapida e economica, onde a moça apprendesse bastante hygiene alimentar, o valor e o preço das substancias alimenticias usuaes, entre nós, de modo a saber agir scientificamente e economicamente em assumptos culinarios, tão importantes na vida de uma familia.

Assim, por exemplo, acho que a alumna uma vez concluido o curso de arte culinaria, na *Escola Normal*, deveria ter aptidão para organizar, pelo preço ao alcance do povo, refeições para o trabalhador rural, para o intellectual, para o são e para o doente, por conhecer perfeitamente a composição das substancias alimentares, uma coisa assim parecida com o que se acha no livro do DR. EDUARDO DE MAGALHÃES, «Hygiene Alimentar», obra que toda a familia precisaria possuir e ler tanto quanto certas donas de casa o praticam com o seu manual de rezas. Aula, porém, que era, de quitutes caros, e taes são os que se encontram no livro que na classe se adoptava, não era positivamente aula educativa de gente pobre, como, no geral, é a que procura o magisterio preliminar; aliás, fazer doces gostosos sempre foi apanagio das senhoras brasileiras. De maneira que, se a moça vai exercer a profissão de mestra, para a qual se diplomou, não disporá de tempo para cozinhar as proprias refeições e, se as

horas lhe sobram, jamais irá apromptar tantos e tão finos guizados... finos de mais para o paladar de professor publico a 350\$000 mensaes, na melhor hypothese. Quanto a combater preconceitos, creio que, a não ser meia duzia de *melindrosas*, nunca a brasileira, dona de casa, manifestou má vontade pela parte principal das nossas moradias--aquella em que se manipulam os elementos destinados á formação e ao retempêro do organismo sadio e da qual depende o bom trabalho do corpo, do espirito e até o futuro da nacionalidade, se é certo que as boas raças fazem-se pela bocca.

São Carlos, 22 de Março de 1920.

CARLOS DA SILVEIRA

(Da 11.ª cadeira)

QUESTÕES DO ENSINO

Dentre os muitos problemas que o governo ha pouco iniciado encontrou e cuja solução deve constituir seu objectivo maior, um ha que se destaca pela sua capital importancia. Queremos nos referir ao analphabetismo, um dos grandes males que nos assoberbam. Se o actual governo, que se inicia sob os melhores auspicios, alvo das mais justificadas esperanças, graças aos valiosos predicados de honestidade, de civismo e de competencia administrativa que ornarn a pessoa do seu chefe, conseguir aniquilar essa força negativa que tantos embaraços oppõe ao nosso progresso, fará jús ao reconhecimento e á gratidão de quantos nos interessamos pelo magno assumpto.

O nosso apparelho escolar, não ha negal-o, tem progredido muito. Espiritos de escol têm se consagrado com zelo, dedicação e civismo admiraveis ao seu aperfeiçoamento. Assim, são muito merecidos os louvores de quantos nos visitam, accordes todos em reconhecer e proclamar o grande desenvolvimento alcançado pelas nossas escolas, que são um testemunho eloquente do civismo dos paulistas e da dedicação e competencia do seu professorado. Esses louvores, porem, não nos devem envaldecer ao ponto de julgarmos haver attingido o maximo de perfeição quanto á nossa organização escolar. Ao contrario, devemos acolher esses applausos como um estimulo para, com mais dedicação e zelo, nos entregarmos ao trabalho, visando augmentar cada vez mais a effiçencia das nossas escolas, que são a base por excellencia sobre que se apoiará a nossa grandeza futura.

Se é verdade que muito temos progredido, tambem é verdade que muito ainda temos a fazer, bastando, para disso nos capacitarmos, apontar o problema do analphabetismo que per-

manece insolúvel, não obstante haver preocupado a atenção dos governos e de dedicados e competentes professores.

O Dr. Oscar Thompson, que tem sido o inspirador de todas as medidas adoptadas no departamento do ensino, nos últimos tempos, e a cujo descortino pedagógico rendemos a nossa homenagem, fez, não ha muito, um inquerito entre alguns professores sobre como resolver, nas condições actuaes, o problema do analfabetismo. Teria sido mais acertado apresentar o problema a todo o professorado, dando, assim, oportunidade a que se manifestassem muitas competencias ainda desconhecidas. Alem disso, seria um meio excellente de prestigiar a classe e de desenvolver nella o gosto pelo estudo das questões pedagogicas.

As opiniões dos professores distinguidos pelo inquerito encontram-se no *Anuario do Ensino*, ha pouco publicado. Ao lado de suggestões merecedoras de estudo e meditação, encontram-se algumas impraticaveis e outras inteiramente inefficazes.

Nota-se, por uma leitura das ideas apresentadas, que quasi todos julgam depender a solução do problema, da Sciencia das Finanças.

Com essa orientação, são lembradas muitas medidas, julgadas convenientes, para augmentar a verba destinada á instrucção publica, augmento esse que permittiria o provimento de escolas em numero sufficiente para nella serem admittidas todas as creanças que crescem privadas dos beneficios da instrucção preliminar.

Estamos convencidos, porem, de que não é á Sciencia das Finanças, que cabe dar solução ao problema. E' sim a Pedagogia que nos pode levar á meta almejada. Não é com augmento de verbas e sim por meio de uma reorganização do regimen escolar, que conseguiremos beneficiar a nossa infancia, offerecendo-lhe escolas com lotação sufficiente.

A primeira reforma a ser feita é dar a cada professor, tanto das escolas isoladas como dos grupos escolares, duas turmas de alumnos por dia, turmas que não devem ter menos de quarenta nem mais de cincoenta alumnos.

Para isso as escolas estadoaes devem funcionar das 7 1/2 ás 10 1/2 e das 13 1/2 ás 16 1/2 horas. No periodo comprehendido entre o equinoxio de março e o de setembro pode o trabalho começar ás 8 horas. Deste modo terão os alumnos tres horas de aulas diariamente, o que é bastante uma vez supprimidos os recreios, que se tornam desnecessarios.

O augmento de uma hora de trabalho para o professor, deve ser compensado com um pequeno augmento dos vencimentos, realizando-se assim o ideal economico : occupar bem e pagar bem.

A adopção dessa medida, por si só, dará solução ao premente problema do analfabetismo, pois, cada professor leccionará a oitenta alumnos, no minimo, ao passo que, actualmente, lecciona a quarenta, no maximo.

Em segundo logar lembramos a necessidade de facilitar o desenvolvimento do ensino particular. As escolas publicas têm contribuido muito para a decadencia das escolas particulares, fazendo-lhes concurrencia esmagadora, devido ao facto de facilitarem demais a matricula de alumnos cujos paes podem pagar professor. Ora, ninguem ignora que o Estado deve fornecer escola gratuita, de preferencia, á infancia desprovida de recursos. E' mistér, pois, adoptar uma providencia visando garantir aos filhos dos pobres o direito de preferencia á matricula em nossas escolas publicas. Essa providencia daria em resultado encaminharem-se os filhos das pessoas dotadas de recursos para as escolas e collegios. Alem desse apoio indirecto, convem, para assegurar o pleno desenvolvimento das escolas particulares, garantir-lhes uma subvenção, mediante o preenchimento de certos requisitos. Tal auxilio pode ser de cem mil reis por mez, para cada turma de sessente alumnos. Os requisitos essenciaes a serem exigidos para a concessão desse favor devem ser: 1.º) que a escola seja regida por professor diplomado; 2.º) que funcione em sala com boas condições hygienicas e pedagogicas; 3.º) que tenha mobiliario conveniente, embora modesto; 4.º) que, pelo menos 30% dos seus alumnos sejam gratuitos; 5.º) que obedeça ao mesmo regimen das escolas publicas, quanto a horario, programma e disciplina; 6.º) que se subordine á orientação pedagogica da Directoria Geral da Instrucção Publica.

A vantagem do auxilio pecuniario ás escolas particulares não escapou ao espirito esclarecido do Dr. Almeirindo Gonçalves, illustre vereador á Camara Municipal de São Paulo, que, em sessão de 19 de março ultimo, submetteu ao exame dos seus pares o seguinte projecto de lei:

Art. 1.º—A's escolas de caracter particular não contempladas na distribuição da verba «Auxilios», do orçamento vigente, que estiverem funcionando ou vierem a funcionar, effectivamente, ministrando instrucção primaria gratuita, de accordo com a legislação do ensino, será concedido um auxilio mensal de 100\$000, correspondente a cada grupo de cincoenta ou mais alumnos matriculados em cada classe.

Art. 2.º Para pagamento desses auxilios, o prefeito fica autorizado a abrir cre-

ditos supplementares á verba «Auxílios» deste orçamento, até o maximo de 100:000\$, por conta do excesso da arrecadação, ou por operação de credito.

A bella iniciativa do illustre edil paulistano precisa repercutir na Camara dos Deputados, onde têm assento alguns membros distinctos do magisterio paulista, por meio da apresentação ahi, de algum projecto de lei que permita estender para todo o Estado, a providencia lembrada para a sua capital.

Em terceiro logar suggerimos a conveniencia de serem adoptadas algumas providencias visando assegurar um concurso proveitoso, por parte dos municipios á obra grandiosa da diffusão do ensino na classe proletaria. Dizer que, actualmente, os municipios, em sua maioria, nada fazem nesse particular é repetir uma verdade muitas vezes proclamada. Em regra, as escolas municipaes, que funcionam em salas anti-hygienicas, sem as necessarias condições pedagogicas e sem mobilia, são regidas por leigos, não raro, por individuos quasi analphabetos. E' evidente que escolas com taes professores são antes um mal que um bem. São duas, a nosso vêr, as causas disso : 1.^a) sendo pequena a remuneração dada aos professores municipaes, (municipios ha em que ganham elles cincoenta mil reis por mez) os diplomados não acceitam taes cargos ; 2.^a) o provimento das escolas é, em regra, feito com o objectivo de proteger algum eleitor submisso e não de beneficiar á infancia.

Reconhecida a impossibilidade do Estado exigir uma contribuição dos municipios, de accordo com as respectivas rendas, para a manutenção de escolas, porque essa medida, embora vantajosa, viria ferir a autonomia dos mesmos, o que a constituição não permite, força é buscar um outro meio para attingir o objectivo indicado.

Julgamos que seria acertado estabelecer um auxilio de cem mil réis para cada escola municipal provida, mediante as seguintes condições : 1.^a) que o professor seja diplomado ; 2.^a) que os vencimentos fixados sejam, no minimo cem mil réis e, no maximo, cento e cincoenta mil réis, exclusão feita do auxilio, que reverterá sempre em beneficio do professor, cujos vencimentos ficarão, assim, elevados a duzentos ou duzentos e cincoenta mil réis ; 3.^a) que a escola funcione em sala em boas condições hygienicas e seja dotada de mobilario conveniente, embora modesto ; 4.^a) que obedeça á mesma orientação das escolas estadoaes quanto a horario, programma e disciplina ; 5.^a) que se subordine á orientação pedagogica da Directoria Geral da Instrucção Publica ; 6.^a) que o ensino seja gratuito.

Estamos plenamente convencidos de que a adopção das

medidas lembradas permittirá não só que haja escolas com lotação sufficiente para toda a nossa infancia de sete a doze annos, mas tambem que essas escolas, regidas por professores diplomados, possam educar na accepção ampla do termo. «Educar não é apenas ensinar. Educar é amar, é amparar, é ser pae. O educador cria almas novas, como o floricultor cria novas flores.

Não é educador quem se limita a passar do seu espirito para o espirito do educando noções de sciencia ou de arte. Isso é, por assim dizer, a parte mecanica do ensino, que o trato dos bons livros pode dar por si só.

O papel do educador é mais nobre : elle forma o espirito, affeição o coração, transforma a alma e o corpo, equilibra os nervos, robustece os musculos, aperfeioa o cerebro, apura a intelligencia, desenvolve a bondade, ensina a justiça, afervora a coragem ; elle tira, em summa, da creança o homem, como se tira do carvão negro o diamante claro, e do petroleo asqueroso a luz radiante.

Assim, o educador é o pae desvelado, que não limita o amor á sua prole, mas estende-o, e alarga-o, como esses rios de aguas fecundas que fertilisam em torno de seu leito leguas e leguas de terras».

Estes bellissimos conceitos de Bilac sobre a importancia da missão confiada ao professor, vêm, muito a proposito, para justificar a nossa insistencia em pedir o apoio do Estado para as escolas particulares e municipaes confiadas a educadores competentes. Precisamos afastar os leigos da escola porque são incapazes de comprehender a delicadeza de sua missão.

Oxalá possam estes ideas ecoar entre os que têm a responsabilidade da direcção do ensino entre nós, provocando medidas que garantam o pão do espirito para a totalidade da nossa infancia em idade escolar.

São Carlos, maio de 1920.

EZEQUIEL DE MORAES LEME
(Da 9.ª cadeira)

A ESCOLA E A CASERNA

(Discurso pronunciado na sessão solenne de entrega das cadernetas de reservistas aos atiradores da Escola, realisada em 11 de abril de 1920).

Cidadão presidente.

Dignissimo instructor militar.

Exmas. Snras.

Meus senhores.

Senhores reservistas.

Quando na velha Europa o canhão ribombou abrindo as primeiras brechas nos ultimos reductos da tyrannia, o Brasil teve um estremecimento e, de subito, acordou.

Acorrentado ao nascer, foi-lhe a vida de quatro seculos um profundo somno de escravidão. Só agora o gigante percebia que estava livrã. Aquellas pesadas cadeias que ha um seculo se lhe haviam quebrado, elle as sentia ainda pesarem nos membros doloridos.

Acordado, lançou um olhar sobre si, e um leve rubor lhe tingiu as faces : Com toda a sua vitalidade, fraco ; com toda a sua riqueza, pobre ; com toda a sua intelligencia, ignorante !

E no terreno das idéas se iniciou tenaz campanha em prol da grandeza material e moral do Brasil.

Discutem-se os grandes problemas nacionaes, emittem-se opiniões, apontam-se remedios. E a nobre campanha prosegue acérrima, systematica, e começa a invadir o dominio dos factos. Santa cruzada !

A nenhum brasileiro é licito ficar indifferente. Com a pen-

na, com o verbo, com o pensamento, todos podem tomar parte no prelio que se trava. Como cidadãos de uma republica, têm esse direito; como filhos de uma patria livre, cabe-lhes esse dever.

Eu peço licença para entrar na fileira.

Falaciosos e maldizentes disputam o primado na depreciação da nossa terra e do nosso povo. Uma vez é o estrangeiro ignaro ou egoista, outras muitas, porem, é o proprio brasileiro, falto de aclaramento, suggestionavel por mui bondoso ou, quiçá, ingrato por muito obsequioso. Grande injustiça e grande cegueira! A' maledicencia de uns respondamos com um brado de protesto; para as falácias dos outros tenhamos uma palavra de ignoscencia.

De que nos acoimam os estrangeiros? Quaes as péchas que o brasileiro atira a si proprio?

O povo brasileiro não tem nenhuma das qualidades de uma raça superior. Faltam-lhe a perseverança, a energia, a invencivel tenacidade, a aptidão para se sacrificar por um ideal, o inviolavel respeito ás leis, todos os elementos essenciaes á constituição do character moral. Não é só isso o que se diz e escreve do brasileiro. Por mal dos pecados ainda lhe tiram o sangue, a fibra, a energia muscular; depauperam-no, reduzem-no a alma penada. Só não lhe negam, porque seria negar a evidencia, uma qualidade: a intelligencia. Mas a intelligencia é muito pouco. «A intelligencia, escreve Ribot, é apenas nma forma accessoria da evolução mental. O typo fundamental é o character. A intelligencia até chega a destrui-lo, quando ella é muito desenvolvida.»

Faltam qualidades physicas ao nosso povo; o brasileiro é fraco e doente.

De facto, a palavra dos homens de responsabilidade nos autoriza a affirmar que 80 0/0 da população é doente ou está doente, mas esses mesmos homens de responsabilidade scientifica declaram que as grandes molestias que nos flagellam são todas evitaveis e que, presentemente, só uma não é curavel.

Ora, si o depauperamento do brasileiro não lhe é inherente, mas antes resulta de circumstancias inteiramente accidentaes, o problema da reconstituição physica do nosso povo um dia terá solução; si, pelo contrario, esse depauperamento provem de situações geographicas immutaveis ou de uma fatalidade ethnica, então, lutando embora, lutaremos por um ideal inatingivel.

Quem percorre a vastidão do paiz, quer de norte a sul, quer de leste a oeste, seja na orla maritima, seja na elevação do

planalto ou na depressão das grandes bacias fluviaes, encontra sempre sob todos os climas e em todos os meios o homem fraco e o homem forte. O homem são é forte; só é fraco o homem doente.

No extremo sul é o gaúcho audaz e destemido; no extremo norte é o cangaceiro selvatico e feroz, é o sertanejo rude mas orgulhoso, calmo e resignado, a «rocha viva da nossa nacionalidade», como lhe chamou Euclides da Cunha. Depois, pelo resto do paiz, é toda uma população variavel pelo aspecto physico e apresentando a inteira escala de typos produzida pela fusão das raças. Ahi é que está o vasto hospital que nos entristece tanto. Nas cidades e nos campos, no litoral e no sertão definham e morrem abandonados os nossos compatriotas.

Explica-se. Noutros tempos era o braço do escravo que labutava nas fazendas, nos engenhos, nas roças. O negro tinha custado dinheiro e por isso o senhor lhe cuidava da saúde. Veiu a abolição, e o colono e o agregado substituíram o escravo no eito e na moenda. Algumas fazendas decahiram, e as terras, outrora ferteis, se transformaram em mattas espessas e campos incultos de espinhaes. O negro e o mestiço que não quiseram abandonar aquellas terras, lá ficaram abandonados, para que a misera prole servisse á cultura do *plasmódium* e do *ankilóstomum*. Em regra geral, porem o preto, atordoado com a idéa de liberdade e fascinado pelo brilho da civilização correu á cidade para se entregar á cachaça e, consequentemente, ao bacillo da tuberculose. Entretanto o preto foi o braço forte das zonas cafeeira e assucareira. Elle ainda é bom e forte. E' um infeliz, porque foi abandonado ao seu destino. Um dos grandes problemas a resolver é a *proibição da venda das bebidas alcoholicas*. Porque se ha de commetter o grande crime de envenenar uma raça á qual devemos tudo?

Em quasi todo o grande planalto central, nos chapadões e nos valles dos rios, vegeta miseravelmente uma parte do povo brasileiro. Quando, em épocas remotas, o bandeirante devassava o sertão em busca do ouro ou o escravista ia praticar os *descimentos* a ferro e fogo, o sangue portuguez se fundiu com o sangue indigena para deixar nas regiões inhóspitas os troncos talvez robustos donde haviam de sair esses actuaes rebentos miserandos. Essa população se formou, cresceu e viveu sempre longe da civilização. Este é «o sertanejo que vegeta na miseria, idiotado pela molestia de Chagas, ou cachetizado pela malaria ou pela ankylostomíase, inteiramente abandonado á sua sorte, sem assistencia de especie alguma». E essa gente deveria ser forte, porque tem o mesmo sangue do caboclo indomavel lá do norte. Eis um novo problema a resolver, e a solução é uma só: *acordar o sertão com o apito da locomotiva*. Quando os confortos

litoreanos galgarem o planalto e se espalharem pelo centro do paiz, milhares e milhares de braços uteis serão postos ao serviço do nosso progresso. Até lá quantas gerações se perderão ainda?

Agora fa'emos de um outro typo brasileiro—o malsinado caipira, o Jeca Tatú. E' um typo caracteristicamente brasileiro e, portanto, merecedor de certo respeito. Dóe, revolta, ler e ouvir os insultos que se lhe atiram. O caipira é um elemento que escatacionou para mostrar ás gerações de hoje o que valiam em brio e honradez os nossos antepassados. Não o comprehendem os brasileiros—novos e, por isso, o escarnecem. Reflectamos bem: Nós, brasileiros, especialmente paulistas, somos todos Jeca Tatú mais ou menos civilizados, e disso nos devemos orgulhar, porque o Jeca Tatú nada tem que o desabone.

Tem um defeito, é verdade. Neste tempo em que só vale o dinheiro, o Jeca Tatú o desdenha. Esta falta de ambição lhe é natural. Um dia o automovel da civilização passou por elle, rapido, buzinando, envolto em nma nuvem de poeira. Ella não o viu, nem elle a viu. Mas naquelle turbilhão de pó e naquelle buzinar atroador o caipira advinhou alguma coisa de extraordinario, e ficou pasmo e boquiaberto. E quando o automovel já buzinava lá ao longe, o pobre matuto, de guiada ao hombro, á frente dos seus bois mansos, vagarosamente conduzia o carro chiante, estrada fora... E assim elle permaneceu simples, ignorante e rotineiro.

O caipira é um typo em geral debil, anemiado, desgracioso, mas não é absolutamente um enfermiço. A pobreza fe-lo fraco, mas elle trabalha, na sua sitioca ou como jornaleiro, de sol a sol, quer na limpa de roças quer na colheita do feijão ou seja no corte da lenha.

Cure-se o caipira doente, ensinem-se-lhe os modernos processos de cultura e teremos nelle um poderoso auxiliar do nosso progresso. Não malsinemos o caipira, respeitemo-lo na sua ignorancia, restituamos-lhe o sangue que elle deu em nosso proveito.

Uma observação eu fiz. O caipira paulista, viva embora na miseria extrema, não mendiga. E eu creio que é assim o Jeca Tatú de todo o Brasil.

Ora, não seriam necessarias as minhas palavras para vos convencerdes deste facto: a população brasileira está fraca, porque está doente, e está doente, porque tem vivido ao abandono. Isto é o que se tem dito e redito muitas vezes.

A campanha pró-saneamento já se iniciou. Um dia o povo brasileiro será forte. Não terá por certo a robustez de um anglo, mas terá todo elle a resistencia proverbial do nosso caboclo, a quem nenhum estrangeiro vence no pesado serviço da lavoura.

Do abandono em que tem jazido a nossa população sertaneja e rural lança-se a culpa sobre os poderes publicos. Não me parece inteiramente justo. A acção dos poderes publicos depende dos recursos com que possam contar. Sendo evidente que taes recursos só podem provir do trabalho dos habitantes do paiz e estando esses habitantes impossibilitados de trabalhar, os recursos hão de faltar por força. E' o que tem acontecido.

Onde o braço do estrangeiro empunha a rabiça do arado brota a riqueza. O Estado de S. Paulo é um exemplo.

O Brasil precisa de dinheiro para salvar os seus filhos. O estrangeiro nos ha de ajudar.

Nós ainda seremos um povo rico e forte.

Já raiou o sol da esperança. Tenhamos fé.

Eu creio que não somos um povo physicamente perdido. Suspenda-se o anáthema.

Passemos para o lado moral.

O brasileiro não possúe nenhuma das qualidades de uma raça superior. Falta-lhe o character moral, complexo de attributos indispensavel ao progresso da nação.

Antes de tudo, com franqueza, não sabemos o que seja o brasileiro sob o ponto de vista physico e, muito menos, sob o ponto de vista mental.

Presentemente onde se encontra o typo nacional acabado? Por todo o paiz é a heterogeneidade ethnica, resultante dos cruzamentos das tres raças fundamentaes e dos novos cruzamentos da mestiçagem em gradação infinita. No centro, no sertão, predomina o typo branco-indio; na zona de cultura, comprehendida entre Pernambuco e S. Paulo, pesa sobremodo o elemento branco-preto. A raça branca, mais ou menos pura se estende pelo litoral, em proporção relativamente pequena. Evidentemente é ahi que se localiza o padrão da mentalidade brasileira. Mas essa raça branca está longe de apresentar homogeneidade. Ha pelo menos dois elementos distinctos. Um é o estrangeiro puro, germanico ao sul, latino em o medio litoral, principalmente; o outro é o resultado de successivos cruzamentos. Deixando de parte o elemento que, por ser estrangeiro, não é nacional, cahimos fatalmente no Jeca Tatú. O caboclo é que representa o typo brasileiro. Jeca Tatú, cidadão ou roceiro, polido ou rude, sulista, paulista, mineiro ou fluminense, mixto do portuguez ousado, do italiano emprehendedor, do allemão tenaz, do oriental scismador, queimado ao sol ardente do tropico, eu te saúdo!

De certo tempo a esta parte, o surto desmedido das louras

nações germanicas e, sobretudo, das anglo-saxonicas, levou os philosophos dalem mar a decretarem a bancarrota da capacidade latina. Inglezes e norte-americanos constituem o padrão para se aferir o valor moral de um povo. Não me parece razoavel.

Cada povo tem o seu caracter proprio, consecuencia de herança psychologica, mais ou menos modificado por influencias climatericas. O que os factos provam, entretanto, é a possibilidade de se modificarem os caracteres. Não está ahi o japão dando provas de energia e tenacidade? Não está ahi o exemplo da França e da Belgica sacrificando-se por um ideal?

Já se tem dito muitas vezes, mas não ha mal em se repetir mais uma vez: a raça latina se tem prejudicado pelo systema educativo que adopta; desenvolve-se demais a intelligencia em detrimento do caracter. Uma vez que se possa modificar o caracter de um povo com a mudança do systema educativo, e os factos provam que se pode, não ha motivo para se acreditar na bancarrota da capacidade latina. Mude-se o systema de educação e mudar-se-á por certo o caracter do povo. Não é trabalho para um dia, mas o que é meio seculo na vida de uma nação? Triste situação a dos povos latinos e ainda mais triste a nossa situação, si se perdesse a fé no poder da educação!

Nós somos um povo em formação. Até aqui temos andado ás escuras, seguindo o mesmo trilho dos nossos antepassados. Agora começamos a ver um pouco. Resolvidos os nossos dois grandes proplemas—*a restauração physica do povo e a sua conveniente educação*, o Brasil será rico, poderoso, invejado e invencivel.

Já se atacaram os dois grandes problemas. Ha de se fazer muito pouco, por emquanto, porque nos faltam os dois elementos essenciaes: o dinheiro e a capacidade emprehendedora, ambos em mutua dependencia. O pouco que se fizer, porem, que seja feito systematicamente, com segurança, com a visão fixa no futuro.

Instruir o povo! eis o grito que se ergue de toda a parte. Do combate ao analphabetismo sairá o levantamento, ou, antes, a formação moral da nação brasileira. E as vistas se voltam todas para a escola popular, num justo aneio de um ideal sonhado. Precisamos ter fé na educação, disse eu ha pouco. Comprehendamos, porem, que alphabetizar um povo, não é absolutamente educal-o. Educar é criar aptidões, produzir vontade, formar bons habitos. Nada disto se consegue com o simples saber ler, escrever e contar. Precisamos de homens de iniciativa, energicos, capazes de fazer sacrificio por um ideal. Ensinar a ler,

escrever e contar ás novas gerações será fazer muito relativamente ao nada que somos, porem será muito pouco relativamente ao que precisamos ser.

Que a escola pode educar é incontestavel, mas tambem é incontestavel que ella não educa actualmente. A preocupação maxima é o saber, o verniz, sempre o mesmo culto ao idolo adorado dos nossos maiores.

O saber, simplesmente o saber, não modifica os caracteres. De um individuo intelligente é facil fazer-se um doutor, mas nem sempre fica elle transformado em homeni.

Já vai longe o tempo em que se preparavam os homens para uma vida de doçura, de sentimentalismo, de favores divinos. O homem de hoje tem de contar com os seus proprios esforços e, por isso, tem de ser emprehendedor, tenaz, energico.

Hoje é a pedagogia da força que nos orienta. Um dia Guizot visitava a escola da Gran-Bretanha. Em uma dellas disse o professor ao grande homem d'estado: «Eu trato de vazar ferro na alma desta infancia.» Os nossos mestres não se esqueçam dessa phrase do educador inglez. As gerações novas devem ter alma de ferro em corpo de ferro. Onde estão, todavia, os programas, os methodos e os mestres capazes de formar a gente nova?

Tinha razão Fialho de Almeida quando censurava a escola portugueza por forinar a alma das crianças com a litteratura do genero «O suave milagre!», de Eça de Queiroz. Joia de alto preço, mimo inexcedivel, o conto de Eça de Queiroz é fraquissimo como factor da educação.

Muito me alongaria si quizesse planear a escola brasileira capaz de fazer bom brasileiro. Nós não a temos ainda; talvez a tenhamos um dia.

Ha pouco eu perguntei: onde estão os mestres capazes de formar a gente nova? Em vós os temos, senhores reservistas. Bemdita a hora em que se instituiu a educação militar do povo brasileiro!

Não é mais o soldado mercenario que se aquartela na previsão de acontecimentos. A caserna se tornou escola de educação. Eu não vejo absolutamente no sorteado militar o soldado que se prepara para a defesa armada do paiz; eu vejo nelle o homem completo sob todos os pontos de vista: forte de corpo, com o sentimento da justiça, com o respeito de si mesmo, capaz de dominar-se, destemido e cavalheiro, modesto mas cheio de pundonor, cumpridor de seus deveres, patriota de um patriotismo consciente, está elle preparado para a vida, para os seus semelhantes, para a Patria.

Com a instituição do serviço militar obrigatorio o Brasil dá pelo menos um salto de 100 annos.

Recolhida de todos os pontos do paiz, essa mocidade não vai simplesmente aprender o manejo das armas—vai civilisar-se, vai curar-se, vai instruir-se, vai unificar o povo brasileiro.

Bem dita a hora em que se instituiu a educação militar neste paiz !

Eu tenho confiança absoluta no levantamento moral do povo brasileiro e essa confiança se fortifica quando vejo a promptidão com que a mocidade acode ao chamado da Patria. A nação já comprehendeu o que vale o quartel.

Quando a escola primaria iniciar a educação na infancia, o escotismo continua-la na juventude e a caserna completa-la na mocidade, o Brasil terá um povo de character, e então veremos o nosso paiz Invencivel, invejado e tomado para modelo.

Vós, senhores reservistas do exercito brasileiro, não tivestes a ventura de uma permanencia demorada no quartel, mas o vosso dedicado instructor não poupou esforços para fazer de vós homens e soldados. Sois felizes.

Como vosso mestre, como vosso amigo, como brasileiro, eu vos lembro que o vosso dever amanha é transfundir a vossa alma de ferro na alma da infancia que se vos confiar.

Mestres-soldados, soldados-mestres, eu vos saúdo.

A. PROENÇA
(Da 13.a cadeira)

PEDAGOGIA

CONCEITOS ANTIGOS (medievaes)

Ausencia de cultura physica
Professorado de occasião

Intellectualismo exclusivo
Educação para certas classes
Preconceitos contra a mulher
Recitação das lições pelo professor
Apprendizado mnemonico

Instrucção—erudição
Ensino dogmatico
Passividade dos alumnos
Muitos preceitos e poucos exercicios
Predominio das linguas mortas

A autoridade dos DOUTORES
Accumular conhecimentos sem um fim
A moral sectaria, por principios

Especulações theoricas
A criança sujeita aos methodos
A disciplina violenta de coerção
A escola confessional
Contrariar a natureza para dominá-la
Ensino primario cosmopolita

REACÇÃO MODERNA (critico-naturalistica)

- 1 Cuidados maximos quanto ao corpo
- 2 Preparo cada vez maior da classe professoral
- 3 Preponderancia da educação moral
- 4 Educação para todos
- 5 Igualdade dos sexos
- 6 Explicação das lições
- 7 Cultura dos mais elevados poderes mentaes
- 8 Assimilação das questões estudadas
- 9 Exame das noções em estudo
- 10 Apprendizado activo
- 11 Muitos exercicios e poucos preceitos
- 12 Predominio das linguas vivas, principalmente da materna
- 13 O estudo da natureza
- 14 Formar aptidões para a vida
- 15 A moral pela pratica do bem, do verdadeiro e do bello
- 16 Efficiencia social
- 17 Os methodos adaptados ás crianças
- 18 A disciplina suave de persuasão
- 19 O ensino leigo
- 20 Obedecer a natureza para dominá-la
- 21 Ensino primario nacionalista

São Carlos, 1920.

J. & C.

21 DE ABRIL

(Discurso proferido no amphitheatro
da Escola Normal—1920)

Senhores, Exmas. Senhoras.

Eis-me mais uma vez a posto, para vos dizer das coisas desta Terra.

Não deve o cidadão, não póde o educador, sob pretexto algum, deixar de acudir ao appello que lhe fazem em nome da Patria.

Recordar os patrios feitos, conversar comvosco por alguns instantes sobre os grandes vultos da Historia do Brasil, heróes cuja vida é e será sempre fonte perenne de ensinamentos bons, de ensinamentos nobres! Sublime e gostosa missão que desempenho agora, sem receio e com amor!

Supportai a minha oração desgraciosa, sêde benevolentes para com quem vos impõe tão grande sacrificio do tempo de lazer. Perdoae quem vos não deleitará neste momento, pelo grande amor que a Patria vos inspira, que é o amor da Patria que me faz falar.

Deixae que vos abra o coração, que vos traduza em desalinho, embora, os sentimentos meus.

Não espereis revelações. Nada vos direi de novo ou suggestivo. Martellarei somente velhas teclas, mas, mesmo assim, estou certo, não verei perdidos meus esforços.

Quantas e quantas vezes não attingimos o fim almejado, porque paramos no instante justo em que o milagre ia operar-se! A gotta que incançavel fere, desaggrega a pedra.

Seria preciso não haver civismo em nosso peito para que minhas palavras não echoassem em vossas almas.

Vêde, senhores, como confio em vós, como, apesar de inteiramente avesso ás orações em publico, tomo o fusil e firo o silex para arrancar a fagulha ao coração da pedra!

*
* *

INCONFIDENCIA E INCONFIDENTES

21 de Abril! 1792! Um seculo já, e que arrepio de horror, de indignação e de entusiasmo nos crisca o corpo todo, si, pensamento no passado, rememoramos os quadros da Conjuração Mineira.

1792! Seculo das grandes conquistas da democracia; seculo da revolução, de lutas pelo direito, de derramamento de sangue pelos mais sacrosantos ideaes da «Liberdade,» não passastes, sem colher de nós, tambem, tributo!

1792! Colonos, ainda, do velho Portugal que lhes exauria as fontes de riqueza, que lhes impunha tyranno jugo, para melhor saciar a sêde de ouro que o devorava então, não podiam os Braslleiros, os filhos das Minas Geraes, principalmente, fugir ao contagio das *idéas novas* que triumpharam na Europa, e crearam na America mais uma pujante nacionalidade.

Minas gloriosa! Como teus filhos garimpando os rios, cavando fundo as viceras dos montes, plantando a terra ou pastoreando o gado, lutando de sol a sol para a conquista da riqueza, como teus filhos, Minas alterosa, poderiam receber com indiferença a ameaça da *derrama*, a miseria, a ruina?!

Conspirastes, senhores e soldados; conspirastes, poetas e doutores; conspirastes, romanticos visionarios, inspirados pelos interesses mais justos, pelos mais sacrosantos ideaes!

LIBERTAS QUÆ SERA TAMEM!

Sonho de liberdade, desejo ardente de já não ser escravo explorado e oprimido, querer sublime de se constituir em povo livre, a exemplo do que se passara, ha bem pouco ainda, nos Estados Unidos, eis o movel unico da desventurada «Conjuração.»

Não ha, não póde haver nesta assembléa de estudantes e Brasileiros cultos, quem não tenha lido com interesse e amor essa pagina sublime da Historia Patria, tão cheia de ensinamentos civicos. Não ha, neste recinto, quem não tenha vertido lagrimas sinceras ao evocar os malaventurados inconfidentes.

Não perderemos, porem, o nosso tempo, si, de quando em quando, no dia ao menos que a Patria reservou para o seu culto, delles, nos concentrarmos um pouco, e religiosamente meditarmos sobre a vida dos heróes inditosos, que foram a flor da

sociedade brasileira d'aquelle tempo, o que de mais selecto entre nós havia produzido o espirito nacionalista no seculo XVIII.

Vêde, senhores, quem eram os inconfidentes que pagaram tão duramente o *crime hediondo* de amor á terra em que nasceram ! Carlos Corrêa de Toledo Mello, vigario da villa de São José, conego Luiz da Silveira, Sargento mór Luiz Vaz de Toledo Pisa, Coronel Francisco Antonio de Oliveira, Dr. Domingos Vidal de Barbosa, padre Manoel Rodrigues Barros, José da Silva de Oliveira Rolim, José Lopes de Oliveira, tenente de Abreu Vieira, Capitão José Resende da Costa, e os tres primorosos poetas Alvarenga Peixoto, Claudio Manoel da Costa e Thomaz Antonio Gonzaga. E que poetas, meus senhores ! Permitti-me um parenthesis neste ponto, para vos ler aqui uma das lyricas mais mimosas de Gonzaga :

Já, já me vai, Marilia, branquejando,
Louro cabelo que circula a testa.
Este mesmo que alveja, vae cahindo
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas cores,
E vão-se sobre os ossos enrugando.
Vae fugindo a viveza de meus olhos,
Tudo se vae mudando.

Si quero levantar-me, as costas vergam,
As forças de meus membros já se gastam.
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés e arrastam.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vês que assim me não poz a mão dos annos,
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade, o doce gosto ;
Vêras burnir-se a pelle, o corpo encher-se
Voltar a cor ao rosto.

No calmoso verão, as plantas seccam,
Na primavera que os mortaes encanta.
Apenas cae do céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece
 Mas logo que a doença poz seu termo
 Torna, Marilia, a ser o que era d'antes
 O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta
 No meio da desgraça que me altera
 Eu tambem te supponho qual saúde
 Ou qual a primavera.

Si dão esses teus meigos, vivos olhos,
 Aos mesmos astros luz, e vidas ás flores,
 Que effeitos não farão em quem por elles
 Sempre morreu de amores ?

Phantasias, mentiras innocentes de poeta, que Gonzaga, minhas senhoras, apesar de suas juras, não primou pela constancia: esqueceu depressa sua Marilia amada, casando-se no degredo, dois annos, apenas, após sua chegada em Moçambique !

* * *

Continuemos.

Gonzaga, Claudio e Alvarcnga formam, no dizer de Rocha Pombo, «a triada famosa em cujo seio se fez a gestação da idéa politica que, em outras condições, bem poderia ter adiantado mais de trinta annos a nossa independencia». Mas era tal o enthusiasmo inspirado em Minas pela nova causa, que, são ainda palavras de Rocha Pombo, que «não se poderia dizer a qual d'aquellas figuras se deve attribuir a iniciativa, o primeiro impulso de que dependeu o concerto decisivo, a coragem resoluta, a ufania quasi desapercibida com que se apaixonam pelo risonho ideal, communicando-se por symbolos, entendendo-se por gestos, annunciando-se por senhas.»

*
 * *

TIRADENTES

Poderá vos parecer estranho ter eu calado, em enumeração tão longa, o nome venerando de Tiradentes !

Deixei-o para o fim, porque Tiradentes é o vulto maximo da Inconfidencia, e sua vida, uma lição eloquentissima de civismo, que deve ser estudada com mais vagar.

J. Norberto pinta ligeiramente o retrato de Tiradentes, dizendo-o alto, espadaúdo, pouco sympathico, de olhar espantado, eloquente, exprimindo-se com enthusiasmo porem sem elegancia, devido á sua cultura, e de uma franqueza rude, quasi selvagem.

Mineiro de origem, descendia de uma familia bem modesta de São João, ou São José d'El-Rei. Mascate em Minas, profissão em que não foi feliz e abandonou mais tarde, fez-se, depois soldado, e por sua dedicação e valor alcançou o posto de alferes. Não pequenas contrariedades proporcionou-lhe a carreira das armas: era brasileiro, e bastara isto para que fosse, muitas vezes, preterido em seus direitos por outros de menos valia e competencia, mais novos do que elle nos serviços á Corôa. Muitos dos seus ex-subordinados, portuguezes, já occupavam postos superiores ao d'elle.

Não se sabe como, quando e onde apprendera a arte que lhe valeu a alcunha, mas, a verdade é que Joaquim José da Silva Xavier, era habilissimo dentista e que, no exercicio dessa profissão, que não explorava, que não mercantilizava, e da qual fizera um sacerdocio, antes que um meio de conseguir fortuna, percorrerá os sertões de Minas, pondo se em contacto com as populações soffredoras que ahí viviam no estado da mais deploravel miseria.

Estas viagens deviam, naturalmente, ter influido na eclosão dos seus sentimentos nativistas.

Temperou-lhe a alma de bronze, o amor da Patria, a dor de seus irmãos, o resentimento justo contra o usurpador.

Tomando conhecimento do plano de levante, adheriu a elle com coragem e enthusiasmo.

Quer Minas independente, livre do jugo portuguez e o sonho de liberdade que o embriaga, não o deixa mais, se faz, em seu espirito, *idéa fixa*.

Apostolo da nova cruzada, não poupa canceiras, vota toda a sua energia á doutrinação do povo, á cathechisação de novos proselytos. E o faz com tanto desassombro, com arrojo tal, que, dizem, os historiadores, se mostrára muitas vezes imprudente e leviano. Prova esta coragem admiravel a maneira sem rebuços com que ousou falar ao Coronel Francisco Paulo Freire de Andrade, seu chefe, e homem de grande influencia na capitania, cuja adhesão ao projectado movimento foi por elle conseguido, e pelo Dr. Maciel.

Que mais admirar em Tiradentes? o enthusiasmo do propagandista, o ardor com que pregava o ideal que se creava, a fé com que lançou ao novo apostolado, ou a coragem e a generosidade que manifestou ainda nos momentos mais desgraçados de sua vida?

Recordae a Historia. Vêde, senhores, que differença, que mudança nos homens! Hontem, em Minas, tudo previsto e ordenado; confiança inabalavel no triumpho da causa que abraçavam, de que já não faziam misterio, Tiradentes é apenas um

conjurado como os outros! São todos entusiastas, todos trabalham com fé, com ardor, e até com imprudencia!

Hoje, senhores, desfeito o sonho, apagada a miragem, são todos o barro vil que se humilha e se arrepende medroso de um mal não praticado; são todos fracos, de uma fraqueza que entristece, que revolta, e move a piedade! O perigo que ameaça quebranta-lhes a força, verga-lhes a cerviz, enche-lhes de pavor o espirito e os faz recriminarem uns aos outros!

Denunciada a conspiração, suspensa a *derrama*, desarvorada a revolução premeditada, faz-se a devassa e prendem-se aquelles todos que se suppõem incursos no crime de alta traição.

E' a força que os espera!... E o horror á morte, o padecimento do cárcere, abatem-lhes o animo: Gonzaga nega, *em todos os interrogatorios*, que tomassc parte na Conjuração; Alvarenga nega primeiro, para confessar depois, fazendo-se victima, carregando a culpa sobre os companheiros que denuncia!

Recriminações, arrependimentos, protestos de innocencia, e delações, eis o quadro consternador que nos deparam os innumerados interrogatorios a que foram os réos submettidos.

Todos se abatem!

*
* *

Não, não são todos! Um vulto, sublime, se destingue, heroico, se alevanta naquelle scenario de miserias! E' Tiradentes, a quem as dores callejaram a forjada alma; é Tiradentes que, grave, solenne, ergue-se altivo, estoico, confessa a culpa, chama para si a responsabilidade toda! E' Tiradentes, fiel á causa que abraçara, a quem não embota o medo, e que conserva a coragem, a generosidade que nunca o abandonam!

Contraste edificante! Nega a culpa de seu proprio inimigo, — a culpa de Gonzaga; e, quando ouve, coberto de grilhões, a commutação da pena dos companheiros de infortunio, sorri em sua tristeza e os felicita satisfeito, porque iria morrer sosinho, e já não levava comsigo tantos desgraçados a quem contaminara.

Muitas vezes, dizia elle, *na presença dos ministros* pediria que o fizessem a unica victima da lei. Não soube o que fosse a inveja!

O epilogo da tragedia vós o sabeis. Julgado indigno da misericordia real, permitti-me que transcreva as palavras de Rocha Pombo, não fala! «Abisma-se na sua meditação. Encontrando-se frente a frente com o destino, o que deseja é morrer bem, morrer como christão e como homem; pois é só assim que mostrará, no sacrificio, que sabe dar testemunho da grande causa que sonhára. Valeu-lhe a fé e resignação, ao surprehender-se com a fatalidade, *essa coragem que a tantos tem faltado na hora suprema.*»

Christo tambem morreu assim! disse, ao vestir a alva para o sacrificio.

Morto, foi seu corpo, feito em pedaços, espalhado pela estrada de Villa Rica, *para escarmento dos povos*, para que se não mais pensasse em «Liberdade,» por estas bandas dos dominios de Portugal!

Si a semente lançada produziu fruto ou não, falem 7 de setembro, 13 de maio, e 15 de novembro!

Eis porque, senhores, personagem de pouco brilho no inicio da conjuração, a figura de Tiradentes, vae crescendo aos poucos, até assumir as proporções homericas do desfecho da tragedia.

Que mais justamente poderá se impor á vossa veneração, do que a coragem inquebrantavel a vontade tenaz, o caracter immaculado do grande martyr?!

Admiremos-lhe as virtudes civicas, e procuremos imita-las, para nos fazermos dignos do seu heroico sacrificio, para que se não diga de nós que não sabemos amar a nossa Patria!

*
**

O VERDADEIRO PATRIOTISMO

Não ha neste recinto quem se não julgue e com razão, sinceramente patriota. Patriota sim, dizeis e proclamais bem alto, porque sentis pulsar o coração no peito, cheio de ardor; porque experimentaes das mais violentas e deliciosas emoções, todas as vezes que as bençãos de Deus parecem chover sobre a Patria amada. Patriota sim, porque, bem o sentis, as calamidades, os infortunios da Terra que vos deu o berço, do povo que reconheceis irmão, vos calam fundo n'alma, mais fundo, talvez, que as proprias dores.

Patriotas sim, porque, bem o sentis, vos encheis de orgulho e de ufania, na contemplação dos magicos panoramas da «Terra Brasileira,» que não tem igual no mundo, e ao pensar nas fontes ainda inexploradas de riqueza immensa que nos farão, um dia, o mais pujante povo do Universo.

Patriotas, porque, bem o sentis, sabeis que amaes nossos heróes.

Patriotas, sim, porque sois homem, e o amor da Patria é um sentimento innato na especie humana.

Mas o verdadeiro patriotismo não consiste unicamente nisso! Amar a Patria não é desejar ve-la feliz e poderosa, não é assisti-la em suas dores e chorar com ella; acompanha-la em seus dias de ventura e com ella gozar! Amar a Patria é *querer*, notae senhores, é *querer* ve-la feliz, e faze-la poderosa e respei-

tada; é cobri-la de venturas e de glórias, custe isso embora os maiores sacrificios. Entre o não ser indiferente aos destinos da Patria, e o conquistar-lhe posição brilhante, que distancia não vae?! Meditemos senhores e senhoras que me ouvis! Concentremo, por instantes, o nosso pensamento; façamos um exame sincero de consciencia, e respondamos lealmente. Somos verdadeiramente patriotas?!

Que tenho eu já feito? Que já fizestes vós para provar o nosso *amor activo* á terra de nossos avós? Pouco, nada, talvez!

Falta de confiança em nossas energias, vacillações de vontade, horror á responsabilidade, falta de coragem civica, é regra geral, têm reduzido o amor da Patria, em nosso peito, a um patriotismo de palavras, patriotismo sentimentalista e piégas, patriotismo passivo e vão.

Volvamos o olhar para o passado e retemperemos as virtudes civicas, que não foram assim nossos avós. Paulistas...! não foram assim os bandeirantes; Brasileiros! não foi, este, o exemplo que nos legou o martyr *semi-deus* da Inconfidencia.

Retemperemos as energias, e as virtudes civicas exgottadas, agora, mais que nunca, necessarias.

Ou mudaremos de rumo, voltaremos a querer tenazmente, corajosamente um Brasil pujante; ou tomaremos conhecimento da nossa força e do nosso poder e realizaremos a nossa vontade e triumpharemos; ou veremos inertes, desgraçados, ruir por terra a democracia que nos legaram, avassalar-nos a onda anarchica do *bolchevismo* que ameaça a Europa.

Ou seremos fortes, trabalharemos sem desanimo, poremos todas as nossas energias *physicas* e *moraes* ao serviço da Nação, ou seremos vencidos, absorvidos pelos outros povos na *lucta economica da paz*.

Nada de illusões! Ninguem nos quer por nossos bellos olhos!...

Homo homini lupus! E os povos mais adiantados do globo são comparaveis ao homem que a educação não arrancou ainda do periodo egoista.

Não esperemos o bem de fóra! Felicidade, riqueza, progresso, glória,—passaro azul! deveis ser buscado em casa!

Respeitemos os outros povos, imitemos mesmo os que nos passaram; admiremos, porém, e amemos o Brasil sómente! Sejamos brasileiros, unicamente brasileiros!

ALGUNS DEVERES PARA COM A PATRIA

Vou terminar, senhores! Façamos, entretanto, ajoelhados ante o altar da Patria, o juramento solenne de cumprirmos os nossos deveres. Invoquemos os manes de Tiradentes, no dia con-

sagrado á sua memoria, porque nos assistam neste momento, e nos vazem n'alma a fé, a confiança, a vontade, e a coragem cívica que o levaram á immortalidade, e nos não seja difficil o cumprimento deste voto.

A Patria é pouco exigente!

Moços! A Patria vos quer bellos e fortes de espirito e de corpo, para que não derrameis inutilmente o sangue em holocausto, quando a defesa de sua honra, ou de sua integridade o exigir; quer-vos alegres e vigorosos na paz, para que, trabalheis, sem esmorecimento, nos campos e nas cidades, pela riqueza vossa—que é a sua riqueza; quer-vos leaes, estudiosos, ordeiros, honrados; quer não vos furteis ao cumprimento dos deveres de cidadão, e que vos alisteis, portanto, para votar *corajosamente*, de accordo unicamente com o que vos ditar a consciencia.

Si não vestistes a farda, si não verteis o suor do rosto para o progresso da Nação, si não cuidais religiosamente do corpo e da alma, si não votaes, não *sois patriota*, não tendes o direito de falar em *amor da Patria*.

Velhos! de vós tambem a Patria quasi nada exige.

Apenas quer honreis vossos cabellos brancos; cumpraes tambem os deveres civicos, e que o vosso proceder seja sem macula para que vossos filhõs, os moços que vos cercam e que vos ouvem possam e devam seguir vossos conselhos e o vosso exemplo.

* * *

A vós porem, minhas senhoras, a Patria pede, muita, muita coisa, porque vossa fraqueza domina e molda o mundo.

A Patria vos quer boas, cheias de graça e de doçura, inteiramente amor; quer-vos esposas carinhosas, piedosas irmãs; quer-vos principalmente mães, mães como Cornelia.

Pede-vos tudo, ó mães intemeratas! Confia inteiramente em vós os seus destinos; pede vossos filhõs!

Amae-os com fervor e intelligencia, fazei-os sãos de corpo e vigorosos, moldaes-lhes o character nos preceitos do codigo dos escoteiros; ensinae-lhes de pequeninos, como só as mães sabem fazer, o caminho da honra, do dever e da verdade; formae-lhes o coração; cantae com elles os nossos cantos e os nossos hymnos; falae-lhes sempre, sempre mesmo, das nossas cousas e das nossas esperanças.

Armae os cavalleiros da nossa gloria, dae ao Brasil a legião de bravos que Elle espera.

* * *

E enquanto trabalharmos pela realização deste ideal, para que

nos não empolguem os erros do presente, recitemos com fervor,
para nós mesmos ouvirmos, estes sublimes versos de Bilac :

«Crê no dever e na virtude.
E' um trabalho insane e rude
A vida em que tu vaes entrar.
Mas, sendo bom, com esse escudo
Serás feliz, vencerás tudo.
Quem nasce vem para lutar...

E crê na Patria. Inda que a vejas
Presa de idéas malfazejas,
Em qualquer epoca infeliz,
Não desanimes, pois que a gloria
Inda has de ver numa victoria
Mudar cada uma cicatriz!

SEBASTIÃO PAULO DE TOLEDO PONTES

(Da 7.ª cadeira)

UM PROBLEMA DE ANUIDADES

A questão fundamental da capitalização, tal como geralmente se apresenta nos cursos de mathematicas, tem por fim a constituição de um capital por prestações feitas em cada unidade de tempo (1 anno, 1 semestre, um mez, etc.), quando no mesmo lapso de tempo os juros produzidos se accumulam ao capital e passam por sua vez a render juros. O problema, assim posto, resolve-se, como é sabido, pela formula

$$C = \frac{a(1+r)[(1+r)^n - 1]}{r}$$

na qual C é o capital constituido ou accumulado, a a prestação periodica, r o juro do capital 1 na unidade tempo, e n o tempo. A essa formula applica-se o calculo logarithmico que simplifica sobremaneira a pesquisa da incognita. Tabellas especiaes fundadas na mesma formula reduzem toda a operação a uma simples questão de proporções.

Supponhamos, porem, que os juros se capitalisam, não em cada unidade de tempo, mas por intervallos maiores do que os que decorrem de uma prestação a outra, de modo que em cada intervallo se effectuam diversas prestações; é claro que nesse caso a questão se complica e não pode mais ser resolvida pela formula acima.

Para fixar as ideias, supponhamos que um professor primario, por exemplo, por um prodigio de parcimonia, consegue nestes magros tempos de toucinho a dois mil e quatrocentos, tirar todos os mezes dos seus parques vencimentos a quantia de 20\$000 para deposital-a em uma dessas caixas economicas que —ainda bem—pullulam pelo nosso prospero Estado; estas, como

se sabe, pagam juros a 5 o/o ao anno e os capitalisam semestralmente. Qual o capital que o economico professor possui no fim de 15 annos ?

A questão assim formulada, pela frequencia de suas applicações, pelo seu character de utilidade pratica, bem merece, ser estudada. E, todavia, os nossos livros didacticos de arithmetica ou de algebra não vão alem da hypothese mais simples a que de começo nos referimos ; por ella passam em silencio ainda mesmo os compendios e formularios destinados aos calculistas profissionaes.

E' da sua solução algebrica, ou do estabelecimento da formula applicavel á mesma que aqui vamos tratar succintamente.

Afim de simplificar o raciocinio e abreviar os calculos, supponhamos primeiramente que a prestação mensal é 1 e que a capitalisação dos juros se opera trimensalmente ; chamemos r o juro do capital 1 em 1 mez (centesima parte da taxa ao mez) n o numero de trimestres e C o capital procurado. Consideremos as diversas prestações successivas e vejamos como cada uma concorre para a formação desse capital.

A 1.^a prestação 1 vence juros simples durante o 1.^o trimestre produzindo o lucro $3r$, e constitue no fim desse tempo o capital $1 + 3r$; este, durante o 2.^o semestre, produz $3r(1 + 3r)$ e constitue um novo capital $(1 + 3r) + 3r(1 + 3r)$ ou $(1 + 3r)(1 + 3r)$ ou ainda $(1 + 3r)^2$; semelhantemente este ultimo rende durante o 3.^o trimestre $3r(1 + 3r)^2$ e se converte em $(1 + 3r) + 3r(1 + 3r)^2$ ou $(1 + 3r)^3$; no fim do 4.^o trimestre o capital será $(1 + 3r)^4$ e em geral, no fim de n trimestres será $(1 + 3r)^n$.

A 2.^a prestação vence primeiramente juros simples durante dois mezes convertendo-se no fim do 1.^o trimestre em $1 + 2r$; no 2.^o semestre produz $3r(1 + 2r)$, convertendo-se então em $(1 + 2r) + 3r(1 + 2r)$ ou $(1 + 2r)(1 + 3r)$; do mesmo modo, no fim do 3.^o trimestre, o capital será $(1 + 2r)(1 + 3r) + 3r(1 + 2r)(1 + 3r)$, ou $(1 + 2r)(1 + 3r)(1 + 3r)$, ou emfim $(1 + 2r)(1 + 3r)^2$. Acha-se analogamente no fim do 4.^o trimestre $(1 + 2r)(1 + 3r)^3$, e em geral, no fim do n trimestres, $(1 + 2r)(1 + 3r)^{n-1}$.

A 3.^a prestação dá no 1.^o trimestre o juro r e forma o capital $1 + r$; no 2.^o trimestre este capital $1 + r$ produz de juro $3r(1 + r)$, e se converte em $(1 + r) + 3r(1 + r)$ ou $(1 + r)(1 + 3r)$; acha-se depois, no fim do 3.^o trimestre, $(1 + r)(1 + 3r)^2$, no fim do 4.^o, $(1 + r)(1 + 3r)^3$, e no fim de n trimestres, $(1 + r)(1 + 3r)^{n-1}$.

A 4.^a, 5.^a e 6.^a prestações, isto é, as do 2.^o trimestre, dão, como é facil de ver, resultados semelhantes aos da 1.^a, 2.^a e 3.^a, respectivamente, bastando para obtel-os contar um trimestre menos, o que diminue de 1 unidade os expoentes do binomio $1 + 3r$ nas expressões obtidas.

Do mesmo modo as prestações effectuadas no 3.^o trimes-

tre dão resultados que se obtêm tirando 2 unidades aos expoentes desse binómio, e assim por diante.

Pode-se, pois, resumindo e coordenando os resultados precedentes, organizar o seguinte quadro :

<i>Prestações</i>		<i>Capitales constituídos em n trimestres</i>
1. ^a	—	$(1 + 3r)^n$
2. ^a	—	$(1 + 2r) (1 + 3r)^{n-1}$
3. ^a	—	$(1 + r) (1 + 3r)^{n-1}$
4. ^a	—	$(1 + 3r)^{n-1}$
5. ^a	—	$(1 + 2r) (1 + 3r)^{n-2}$
6. ^a	—	$(1 + r) (1 + 3r)^{n-2}$
7. ^a	—	$(1 + 3r)^{n-2}$
..	—
..	—
ante-penultima	--	$1 + 3r$
penultima	—	$1 + 2r$
ultima	—	$1 + r$

Procuramos agora o total dessas expressões, que evidentemente representará o capital C.

As expressões $(1 + 3r)^n$, $(1 + 3r)^{n-1}$, $(1 + 3r)^{n-2}$... $(1 + 3r)$, correspondentes á 1.^a, á 4.^a, á 7.^a... á ante-penultima prestações formam uma progressão por quociente decrescente ; tomando-as, porem, para mais facilidade, em sentido inverso, e pondo em evidencia o factor commum $(1 + 3r)$, obtemos uma progressão crescente cujo 1.^o termo é 1, o ultimo $(1 + 3r)^{n-1}$, e a razão $1 + 3r$. A somma de seus termos, pela conhecida formula $S = \frac{1q-a}{q-1}$, é

$$\frac{(1 + 3r) [(1 + 3r)^n - 1]}{3r}$$

As expressões $(1 + 2r) (1 + 3r)^{n-1}$, $(1 + 2r) (1 + 3r)^{n-2}$, $(1 + 2r) (1 + 3r)^{n-3}$... $(1 + 2r)$ correspondentes á 2.^a, á 5.^a, á 8.^a... á penultima prestações, formam analogamente uma progressão cuja somma dos termos, calculada como a precedente, é

$$\frac{(1 + 2r) [(1 + 3r)^n - 1]}{3r}$$

Finalmente as expressões $(1 + r) (1 + 3r)^{n-1}$, $(1 + r) (1 + 3r)^{n-2}$, $(1 + r) (1 + 3r)^{n-3}$... $(1 + r)$, correspondentes á 3.^a, á 6.^a, á 9.^a... á ultima prestações, têm por somma,

$$\frac{(1 + r) [(1 + 3r)^n - 1]}{3r}$$

Estas 3 ultimas sommas têm o factor commum $\frac{(1 + 3r)^n - 1}{3r}$; seu total, que é o capital procurado, obtem-sepois, multiplicando

por esse factor a somma dos binomios $1+3r$, $1+2r$ e $1+r$; donde

$$C = \frac{(3+6r)[(1+3r)^{n-1}]}{3r} = \frac{(1+2r)[(1+3r)^{n-1}]}{r}$$

Essa formula corresponde á prestação mensal 1; se essa prestação fôr a , será evidentemente

$$C = \frac{a(1+2r)[(1+3r)^{n-1}]}{r}$$

Se a capitalisação dos juros se fizer de seis em seis mezes, um calculo inteiramente semelhante ao precedente dará :

$$C = \frac{a(6+21r)[(1+6r)^{n-1}]}{6r} \text{ ou } \frac{a(2+7r)[(1+6r)^{n-1}]}{2r}$$

sendo a prestação mensal, r o juro de 1 em 1 mez, e n o numero de semestres.

E' com esta ultima formula que se resolve o problema numerico acima formulado. Deve-se fazer $a = 20\$000$, $r = \frac{0,05}{12}$ ou $\frac{1}{240}$, e $n = 30$ (15 annos)

Obtem-se

$$C = \frac{20000 \times \frac{487}{240} \times (1,025^{30} - 1)}{\frac{2}{240}} = \frac{9740000 \times (1,025^{30} - 1)}{2}$$

A expressão $1,025^{30}$ calcula-se por logarithmos.

$$\begin{aligned} \text{Log } 1,025 &= 0,0107239 \\ \times 30 &= 0,3217170 \\ \text{Antilog} &= 2,09757 \\ - 1 &= 1,09757 \end{aligned}$$

Por consequencia,

$$C = 4870000 \times 1,09757 = 5:345\$170, \text{ solu\c{c}ão procurada.}$$

Se a capitalização fôr annual, e a prestação mensal, pode-se escrever por analogia, sendo n o numero de annos decorridos,

$$C = \frac{a(12+78r)[(1+12r)^{n-1}]}{12r} \text{ ou } \frac{a(2+13r)[(1+12r)^{n-1}]}{2r}$$

FIM DO DESENHO NAS ESCOLAS

PRIMARIAS E NORMAES

Já por varias vezes tenho tentado esplanar as minhas idéas sobre a finalidade do desenho nas escolas preliminares e o conveniente encaminhamento do seu ensino nas escolas normaes, aliás mais ou menos estabelecidos pela opinião de varios luminares da pedagogia moderna.

A difficuldade, porém, em systematizar as razões fundamentaes que justificam essas idéas, os varios aspectos que se podem dar ao ensino de desenho e os beneficios que o seu exercicio sempre proporciona aos aprendizes, me tem levado a protelar este trabalho. Fazendo-o agora, é possivel que me aventure ainda em affirmativas prematuras, embora me pareça ter chegado ás conclusões finaes do ensino de desenho.

*
* *

Para o professor a necessidade de conhecer o fim a que se destina uma materla é indiscutivel, imprescindivel. Nunca poderá dar conscientemente um desempenho cabal á sua missão, desde que não tenha pensado maduramente em toda a ossatura do seu trabalho e no objectivo do seu ensino. Só canalizando os seus esforços, as suas tentativas, as verdades do seu saber para um determinado fim, o fim necessario e conveniente, é que poderá conduzir o educando ao gráo maximo de que este necessitará, talvez em sua actividade futura. De outro modo o trabalho será *dispersivo* sinão *inutil* e o professor só terá successo feliz si encontrar disposições favoraveis ao alumno. Vejamos um exemplo.

Imaginemos que numa escola normal, em que é necessario tas ou secções etc., sob a dose homeopathica necessaria á clareza completa de um trabalho, os elementos indispensaveis, em-bora theoreticos, para o traçado intelligente e expressivo de uma sombra, uma noção summaria sobre imagens reflectidas, si o ensino chegar a tanto, eu me detivesse na util mas fastidiosa theoria da perspectiva linear e na perspectiva das sombras, nos reflexos e anamorphoses, a traçar ou a fazer traçar «piédouches,» birros, roscas, fachadas, arcos, projecções de molduras e volutas, escadas em caracol; a estudar planos e rebatimentos, pontos brilhantes, distribuição de sombra e de luz, épuras e mais complicações. Eu teria evidentemente perdido o meu tempo e o teria feito perder aos alumnos pelas razões seguintes :

a) porque o tempo é escassissimo para um desenvolvimento dessa natureza ;

b) porque os alumnos, salvo rarissimas excepções, não ligam a menor importancia a esse genero de trabalho, alheio ás suas vocações ;

c) porque os alumnos não se vão utilizar desses conhecimentos na pratica do magisterio ;

d) porque os alumnos perdem o ensejo de adquirir o que lhes é mais essencial para as lições ás classes preliminares, isto é, a pratica de desenhar livremente, o desembaraço de traçar as fórmulas da natureza com maior ou menor perfeição.

Com um ensino daquella ordem eu poderia ter-me mostrado, quando muito um conhecedor profundo de minha materia, com pretensões áquelle professor suiso que para mostrar aos seus discipulos a enorme sciencia que possuia, dizia-lhes : — Sobre esta materia eu só conheço dois professores inteiramente sabios : o *outro* está em Genebra.

O que se dá em desenho, dá-se com toda a materia sobre a qual o professor faz divagações ou entra em funduras sem cabimento. E' o que se dá parallelamente no estudo da lingua nacional. Ha perda de tempo quando as lições praticas desta são substituidas pelo latim, cuja inutilidade para o fim a que se destina o professor é clamorosa. E que perda ! Quanta belleza extraordinaria na vasta literatura de nossa lingua poderia ser aproveitada para a cultura esthetica dos noveis professores, que acendrado amor não se diffundiria em seus corações com o culto assiduo aos artistas que, immortalizando-se, tanto enalteceram nossas letras !

O latim, não ha duvida alguma, é de grande vantagem para o conhecimento do vernaculo ; é indispensavel para quem deve fazer um curso especial do idioma patrio ; não ha tambem

entre aquelles que o estudaram *uma vida inteira* quem não o exalte pela sua excepcional riqueza e esplendor. A sua pratica é, no emtanto, inadmissivel no curso estreito de uma escola normal, bem como ninguem provou que proporciona beneficios ou vantagens ao estudo que nestas escolas se faz.

E' evidente, pois, que tomar o tempo com aquillo que não pode ser ministrado de uma materia, embora seja cabedal de importancia para o seu conhecimento profundo, é prejudicar de maneira grave os interesses do estudante, que visa um objectivo diverso em sua carreira, lesando a parte da materia que lhe é mais necessaria ao exercicio de sua profissão.

O desvio de ensino do desenho pratico para o estudo theorico é um erro funesto nas escolas normaes. Do mesmo modo seria funesto o desvio do estudo para a contemplação exclusiva da natureza, para a aquisição intuitiva de conhecimentos, num curso tecnico como o de architectura ou de desenho industrial para o qual são imprescindiveis a geometria descriptiva em toda a sua extensão, a perspectiva e a theoria das sombras especialmente.

Tudo depende do objectivo que se visa na escola.

*
* *

O fim principal da escola primaria é sem duvida alguma educar, isto é, aperfeiçoar os sentidos e o corpo pelo exercicio, fortalecer e desenvolver a intelligencia pela instrucção, formar a alma atravez dos exemplos dos grandes vultos de nossa historia, isto é, desenvolver a criança sob o duplo ponto de vista do corpo e do espirito.

Como completar o duplo objectivo da educação?

Nenhum modo me parece mais racional do que adaptando o ensino ás condições dictadas pela natureza.

Si a natureza é a unica fonte em que os homens tem bebido, desde os primordios da sua civilização, as leis da sciencia e do bello, si educou a humanidade no decorrer dos seculos, ella continuará sabiamente a guiar os passos da nossa infancia escolar e a dictar as leis da verdadeira pedagogia.

E' o que nos ensinam os mestres e o que confirma a cada instante a experiencia. A criança, quanto mais directamente se põe em harmonia com a natureza, tanto mais facil e completamente consegue desenvolver as suas faculdades intellectuaes, moraes e physicas. Levada pela natural necessidade de movimento, pela curiosidade e vivacidade de espirito que resultam dos appetites sensoriaes, a criança se vê lançada desde cedo num circulo de acções e reacções beneficas ao seu desenvolvimento harmonico.

Em todas as lições, nos trabalhos manuaes, no desenho, na gymnastica, na musica, nas palestras paternaes do mestre, na mathematica elementar que deve ser tanto quanto possivel objectiva e pratica, nas sciencias phisicas e naturaes, cujas experiências e observações devem ser executadas pelos alumnos, têm estes o ensejo de exercitar os sentidos. E assim continuam atravez dos herbarios, dos aquarios, dos canteiros para a cultura de plantas que tão grande influencia exercem sobre a educação da criança, pela quantidade de conhecimentos que fornecem e pelo grande interesse que despertam.

Da somma incessantemente augmentada de impressões, da actividade constante resulta o desenvolvimento das faculdades intellectuaes, continuamente postas em jogo, e de qualidades moraes, a formação de uma intelligencia sã e harmonica que não se poderá conseguir só entre as quatro e aridas paredes de uma escola. *Le developpement de leurs facultés reposent sur l'effort personnel*, diz Buyse, referindo-se aos alumnos das escolas primarias norte-americanas.

Sendo a escola creada para este fim, isto é, para educar e não para instruir tão somente, posta a criança no trabalho da auto-educação, sob as excitações sabias do professor, vejamos qual é o papel do desenho.

O seu papel cooperador na educação infantil é indiscutivel. As maiores summidades em materia pedagogica já lhe tem feito os elogios que merece e que aliás se impõem.

De todas as materias preliminares é o desenho que pode seguir a par e passo o desenvolvimento das outras. Si é util quando estudado em si, como materia componente do programma preliminar, a sua vantagem para a clareza das outras, dada a sua qualidade essencial de synthetizar e precisar as coisas e os factos, é muito grande. Quem não terá já sentido o beneficio de uma illustração que concretize as imagens necessarias á comprehensão de um trecho escripto?

Quando as imagens não podem ser indifferentemente creadas pela imaginação, porque ellas devem ser precisas, definidas, não ha leitura possivel. Por maior esforço que o espirito faça em acompanhar o encadeamento dellas, nunca chega a construir utilmente a figura descripta. Não ha esforços uteis de imaginação nesse sentido visto que as imagens evocadas não condizem com a realidade e variam, a não ser na analogia, de individuo para individuo. Tratando-se de imagens definidas, determinadas, não se pode prescindir de um desenho claro, uma vez que não se tenha o original á mão.

A sua vantagem, porem, não pára ahi. Todas as phantasias que a nossa imaginação crêa quando lemos um romance suggestivo, todo o mundo de imagens evocadas que são em gran-

de parte o que vimos ou sentimos em modulações novas e que nos embalam tão docemente, nos arrebatam, produzindo-nos as mais variadas emoções, quantas vezes não desejamos ver realizadas ou concretizadas num quadro? Quantos não são arrastados pelo interesse ao cinema ou ao teatro na doce expectativa de assistir, sob a forma material, ao desenrolar de scenas que já acariciaram no espirito? O desenho, portanto, torna mais interessante e vivo aquillo que lemos porque orienta as nossas imagens e nos faz ver de *visu* o que a nossa imaginação esboça incompletamente.

Que inestimaveis serviços poderá prestar ao professor bem orientado, quando empregado no decorrer das lições, pela clareza que a estas proporciona e pelo interesse que desperta nos alumnos!

Notemos ainda que a criança é inclinada ao desenho. Temno como um meio de expressão; não ha nenhuma que não rabisque ou garatuje, pela sua peculiar actividade, na areia, nas paredes, onde quer que seja, num pedaço de papel, a lapis ou a penna, a preto ou a côres, as multiplas impressões que vae tendo ou que já teve. Desenha no ar, pois a sua gesticulação não passa ás vezes de um arremedo ás linhas que representam no espaço as phantasias da sua imaginação. Dificuldade ao desenhar? Que lhe importam as que apparecem, embora sejam difficeis como lançar uma ponte sobre um rio ou viajar para Marte, si as difficuldades ella as acolhe com igual prazer? E até parece que o seu prazer augmenta na proporção da vida existente no assumpto a desenhar: mais entusiasmo lhe dá a procissão da roça que o arco com que brinca.

Ora, é de sã pedagogia que o professor se aproveite das aptidões naturaes ou das inclinações dos seus alumnos para educal-os. Em vez de impedir que a criança desenhe, por lhe parecer perdido o tempo, deve excital-a em todos os assumptos para o exercicio dessa actividade, guiando intelligentemente os seus esforços e o seu trabalho.

O desenho será de vantagem ainda nas mãos da criança não só porque satisfaz a actividade desta, mas porque precisa, define as imagens que se formam em seu espirito.

Disse, ao começar esta parte, que o seu estudo, tomado isoladamente, é util. Parece não haver duvida, principalmente numa epoca como a de hoje, em que a corrente utilitaria é dominante.

Nós sabemos que o desenho é a base de todas as artes plasticas e atravez d'elle se architectaram todos os engenhos humanos que industrializam a materia prima, que vencem as distancias e approximam povos; sabemos que, si ao engenheiro é dado calcular a resistencia dos materiaes, todo o systema de

forças de que dependem a solidez e o equilibrio de um edificio, ao desenhador cabe a organização deste edificio, interna e externamente, a sua decoração architectonica e o equilibrio esthetico; conhecemos do desenho a sua vasta applicação nos mais oppostos ramos da actividade humana. A sua utilidade é, pois, clara. Não devendo ser ensinado certamente para transformar as crianças, na escola, em pequenos artifices, coisa inteiramente banida de qualquer espirito sensato, será util no entanto por lançar, no espirito das crianças, durante os quatro annos de aprendizado preliminar, as bases rudimentares do traçado linear, das sombras, das côres e da arte decorativa, colhidas intuitivamente nas observações diarias, bases que poderão fructificar mais tarde.

Das qualidades, porem, a que se distingue sobremaneira é a de cooperar na educação da criança.

Não sou dos que pensam que o exercicio constante sobre um determinado trabalho tenha, apenas, como consequencia a educação especifica relativa a esse trabalho, sem que delle resulte um beneficio geral para o individuo; creio, embora não se tenha chegado a um modo de ver unico, na educação cruzada, isto é, naquella em que pelo exercicio de certo trabalho se desenvolvem aptidões ou qualidades que convêm ou se transferem a outro genero de trabalho. Não posso comprehender que atravez do exercicio constante de logica que um mathematico faz em seus trabalhos, toda a sua aptidão se especifique para as questões referentes á mathematica. Porque não admittir a transferencia de aptidões, pelo menos, entre as questões correlatas? Para que se ensinam o desenho, a modelagem, a musica ás crianças si ninguem cogita da educação especifica, mas dos effeitos educativos geraes dellas?

O desenho, pondo em exercicio as faculdades da alma e o sentido da vista, aperfeiçoa-os. Educa o julgamento da criança, forma-lhe uma imaginação sadia, cultiva a attenção e a memoria, adestra a mão, desenvolve o amor pelo bello e pelo verdadeiro.

Desde os seus primeiros dias de escola, a criança põe-se a desenhar aquillo que o professor lhe pede ou lhe mostra. Não se inicia, porque fóra da escola se occupou expontaneamente do desenho; faz os seus rabiscos que, como é natural, têm todas as imperfeições e descuidos imaginaveis. Sem poder assegurar que os seus traços correspondam a uma imagem interna (do espirito) suggerida pela natureza, pelo facto apenas de não condizerem com o realismo visual, o que para mim é obra simples da sua inhabilidade insipiente, noto, porem, que os seus desenhos, na quasi totalidade dos casos, apesar de serem puro convencionalismo, si typo infantil, revelam de maneira eloquente os objectos modelos. Ha signal, portanto, de que a criança exercita grandemente a sua acuidade visual; observa ás partes constitutivas do modelo,

confronta-as, atilando o seu juizo sobre as coisas, fazendo rudimentarmente o trabalho mental da analyse. Nas reproduções de memoria, sujeitos os trabalhos á critica do professor, nota as incongruencias que commetteu : tal curva, tal detalhe ou peça não poderiam ser representadas como fez porque no natural não existem. Nas composições, a mesma critica judiciosa ; — Porque fez o homem do tamanho da casa ? Não devia ter feito aberta a bocca do cão por estar cansado ? Não percebe que um rio não pode ser tão grande como o pé do menino ? Como se vira a canôa ?

Como em tudo, indo a critica gradativamente, das linhas geraes aos detalhes, do mais facil para o mais complexo, parece claro que as percepções do mundo sensivel se tornem mais precisas no espirito da criança. Habituada no fim do curso preliminar ao exame das coisas, a considerá-las justamente como ellas são ou existem, ha de com certeza precaver-se contra as creações do seu espirito, cuja possibilidade seja problematica. Si sabe ver bem, saberá imaginar sadiamente.

Ajuizar sobre as coisas é trabalho constante de quem desenha, quer compondo como copiando do natural ou rememorando. É como não ajuizar si o trabalho é da intelligencia, si o desenho é uma serie de affirmações sobre o contorno dos objectos, sobre as suas proporções, sobre a sua posição no espaço, sobre a côr, sobre o conjuncto, emfim, dos dados que o individualizam ? Não se julgue o desenho pelo que é como simples representação graphica correspondente ás impressões visuaes mas pelo que é como resultado das indagações feitas sobre os objectos.

E' evidente que toda indagação reclama o exercicio da attenção, pela qual a criança se obriga, bem a seu gosto, a ver justo (desconte-se a relatividade da expressão), a precisar, a enumerar, a avaliar, a discriminar as partes do seu modelo. Pela continuação do exercicio dessa faculdade, bem dirigida, o educando chega ao *habito de ver e observar*.

Todo desenho deve tender para dois objectivos : agradar aos olhos (objectivo artistico) ou esclarecer o espirito (objectivo utilitario). A criança trabalha para os dois objectivos, preocupando-se mais com satisfazer a sua tendencia esthetica. Deseja *fazer bonito*. E' coisa commum ver-se a criança em aula reclamar do professor a má posição do seu modelo. Para ella, e aliás para todos, ha nelle um lado mais expressivo que a contenta, que corresponde melhor aos seus desejos, ao seu gosto. Quer finalmente, atravez da representação graphica, admirar o seu modelo tal como existe, com as particularidades que o integralizam.

O desenho, pois, cultiva o sentimento do bello e do verdadeiro.

Elle é na escola preliminar materia basica de educação. Applicado livre e largamente em todos os trabalhos, nas lições de coisas e de historia, no estudo das plantas e animaes, nas composições escriptas, nas illuminuras, na calligraphia bem como estudado em si, seu fim é, como vimos cooperar no desenvolvimento harmonico da criança quer sob o ponto de vista da intelligencia e sentimentos superiores como sob o ponto de vista physico de adestrar a mão, de habituar a ver e a observar, de aguçar a vista.

*
* *

Consideremos agora o fim do desenho nas escolas normaes. Tanto quanto fôr possível, nestas o ensino deverá ser feito como nas preliminares; apenas o trabalho deixará de ser o *exercício expontaneo* que correspondia á actividade da creança para ser a *obrigação escolar*.

Não mais a permissão do professor para os trabalhos *livres* de imaginação, medida conveniente ao desenvolvimento da criança; não mais a *critica emmulativa* apenas, as notas de encorajamento, o lembrar novas ideias somente em vez de corrigil-as, etc.; agora as lições attrahentes, a critica necessaria e justa, as *razões*, as notas equitativas, as correcções que poupam tempo; antes o emprego de todos os meios de desenho simultaneamente — as côres, o carvão, a tinta nanking, o lapis e a penna na mais livre applicação; agora a systematização de conhecimentos, a seriação de difficuldades — o traçado, a sombra, as côres e a composição, com a predominancia da ordem sobre a expontaneidade de assumptos e sobre a simultaneidade de meios.

Não se deprehenda do que acima fica dito que toda a expontaneidade do alumno seja impedida como nociva. Absolutamente não; ella continuará a revelar a originalidade e o temperamento do alumno, como resultado benefico do habito adquirido na escola preliminar. Como o tempo é escasso, porem, e o fim diverso, urge apenas convergir esforços no sentido de attingir este fim.

Sem fugir das linhas geraes do methodo applicado nas escolas preliminares, isto é, *ver o natural, relembral-o, imaginal-o em combinações novas, applical-o para o fim util* (illustrar lições) ou *para o fim artistico* (arte decorativa), fica o professor na escola normal em condições de estender os conhecimentos dos seus alumnos ou de assental-os em normas definitivas, mostrando ainda aos noveis professores, atravez do seu methodo vivo, a maneira de se conduzirem mais tarde perante as crianças no ensino do desenho.

Este lado methodologico é de grande importancia; porem é

de importancia maior a *habilidade de mão* que o professor precisa adquirir no curso normal. Como vimos atraz, o desenho é o meio de objectivação mais frequente do professor, porque este nem sempre tem á mão os objectos para o seu ensino ou não pode trazel-os á presença dos alumnos. Vimos tambem quanto é capaz um bom desenho de tornar attrahentes, interessantes as lições por ser elle a linguagem familiar da criança e por precisar imagens.

O fim do desenho, portanto, nas escolas normaes é preparar professores que tenham, alem de certa technica especial e boa comprehensão das coisas no espaço, capacidade de traçar promptamente as figuras necessarias á sua lição.

O gosto, como resultante esthetica do desenho, deve ser cultivado atravez dos exercicios de classe, num meio escolar adequado, na copia de objectos de arte — vasos caprichosos, estatuetas; no estudo da flora, de onde se tiram as formas estylisaveis para os arranjos decorativos; no estudo de animaes e dos objectos de uso commum, *mediante a suggestão de boas gravuras ou desenhos*.

Ao terminar, devo dizer que o desenho nas condições em que está nas escolas normaes, organizadas de forma aristocratica e doentia, é uma materia deslocada, posta em plano de 2.^a ordem, inutilizada pela inapplicação constante nas muitas materias em que podia ser de proveito. E' explicavel, por isso, o desinteresse que lavra entre os alumnos apezar dos esforços de todos os professores em tornar attrahente o estudo, desorientando-o por vezes para fins artisticos injustificaveis, para exposições finaes de anno que são quasi sempre a mais nefasta das mentiras.

A sua applicação assidua nas lições em que fôr conveniente é eloquentemente bastante para infundir no espirito dos alumnos a necessidade do seu ensino e por consequencia a necessidade de o aprenderem melhor. A applicação vale mais que os conselhos mais avisados.

RAPHAEL FALCO
(Professor de desenho)

ENSINO PRIMARIO

Secção organizada pelo prof. A. Proença (Da 13.^a cadeira)

LINGUAGEM NAS CLASSES INFERIORES

VOCABULARIO

1.^a LIÇÃO

Fim especial: Nomear as partes exteriores do corpo humano.

I. *As partes do corpo.*—1. A cabeça, o pescoço e o corpo ou tronco.—2. Os braços, direito e esquerdo.—3. As pernas, direita e esquerda.—4. Os membros, superiores e inferiores. Maneta. Perneta.

II. *As partes da cabeça.*—1. O cocoruto ou alto da cabeça, os lados, a parte de traz, o occipicio, a nuca.—2. O cabelo. Calva ou careca. Carapinha.—3. A face, rosto ou cara.—4. As orelhas, direita e esquerda. Concha da orelha.

III. *As partes da cara.*—1. A testa ou fronte, as fontes, as faces, as maçãs do rosto, as bochechas, o queixo, os labios ou beiços, superior e inferior. Barba. Bigode. Buço. Imberbe.—2. Os olhos, direito e esquerdo, as sobrancelhas, as pestanas ou cilios, as palpebras. Vesgo ou estrabico. Caolho ou zarolho.—3. O nariz, as asas, as ventas ou nariculas.—4. A boca, os dentes, as gengivas, a lingua.

IV. *O pescoço.*—O collo, o cogote, cachaço ou cerviz.

V. *As partes do tronco.*—1. As costas, o peito, a cintura, o estomago, os rins, as ilhargas, as cadeiras, ancas ou quadris.—2. Os hombros, as espaduas.

VI. *O braço.*—1. O braço, o antebraço, o pulso ou munheca, a mão.—2. O sovaco ou axilla, o cotovello.

VII. *A mão.*—1. A palma, a costa ou dorso da mão, os

dedos. Punho.—2. Polegar, indicador, medio, annular e minimo. Nó dos dedos.

VIII *A perna.*—1. A coxa, a canella, a barriga da perna, o pé.—2. O joelho, o jarrête.

IX. *O pé.*—A sola ou planta, o peito do pé, o calcanhar, o tornozelo, o joanête, os dedos do pé.

SUGGESTÕES DIDACTICAS

A professora deve lembrar-se de que :

1.º) ensinar muita cousa de uma só vez produz indigestão mental ;

2.º) um vocabulario só se fixa depois de muito repetido, não em um dia, mas de tempo em tempo e no momento oportuno ;

3.º) é necessario estabelecer intima associação da cousa com a palavra que a nomêa.

a) Collocado um menino deante da classe, a professora lhe vai indicando e nomeando vagarosamente as diversas partes do corpo.

b) Um alumno aponta e nomêa as partes do seu proprio corpo ou do corpo de um collega.

c) A professora diz um nome e todas as crianças mostram no proprio corpo a parte nomeada.

d) A professora aponta uma parte do corpo e a classe dá o respectivo nome.

e) A professora dá ordem assim : pôr o dedo indicador sobre a fonte, sobre o olho direito ; collocar a mão direita sobre a nuca, sobre a espadua esquerda, etc. (exercicio simultaneo).

f) Exercicios com estampas da figura humana.

g) Exercitamento para que as crianças adquiram exactidão e rapidez no uso do vocabulario.

2.^a LIÇÃO

Fim especial : Ensinar a formação do plural dos nomes mais communs.

I. *Nomes terminados em* ão—mão, pão, cão, portão, leão, limão, pião, balão, botão, garrafão, vagão, sabão, irmão, etc.

II. *Nomes terminados em* al, el, il, ol e ul—laranja, papel, barril, funil, sal, dedal, portal, quadril, carretel, castiçal, lençol, anel, anzol, coral, movel, paúl, etc.

III. *Nomes terminados em* ar, er e or—colher, flor, mulher, lugar, cor, doutor, dor, poder, mar, tear, jaguar, etc.

IV. *Nomes terminados em AZ, EZ, IZ, OZ e UZ*—rapaz, capuz, cartaz, chafariz, nariz, cruz, torquez, tenaz, luz, retroz, noz, etc.

V. *Nomes que têm a voz fechada ô na syllaba tónica*—olho, globo, almoço, dorso, forro, moço, gafanhoto, pescoço, gosto, rolo, gomo, bolo, fogo, rosto, morro, ferrolho, etc.

VI. *Nomes compostos*—guarda-chuva, carta-bilhete, segunda-feira, amor-perfeito, pontapé, guardanapo, etc.

SUGGESTÕES DIDACTICAS

1) Desenhar *um* objecto e, ao lado, *dois* objectos da mesma especie. Exemplo : um pião e dois piões ; um castiçal e dois castiçais. Fazer as crianças exprimirem em sentenças o que estão vendo desenhado.

2) Mostrar *um e mais de um* objecto da mesma especie. Exemplo : botão, olho, rosto, mão, noz, bolso, etc. Expressão pelas crianças.

3) Dar o singular e pedir o plural dos nomes. A professora dirá, por exemplo,—*um almoço, dois*, deixando que a classe complete a phrase.

Um dos vícios mais communs, pelo menos em certas regiões do Estado, é não se fazer ouvir a flexão do plural. A professora deve exigir clara pronuncia por parte das crianças, fazendo-as repetir a palavra quantas vezes for necessario.

Serão assumptos de outras lições :

- a) Formação do feminino dos nomes.
- b) Idem » diminutivo dos nomes.
- v) Idem » dos derivados.
- d) Graus dos adjectivos.
- e) Uso dos adverbios e locuções adverbias.
- f) Idem das formas verbaes, etc.

A'quelles que só conhecem o trilho mil vezes batido, parecerão inuteis as lições que apresentamos. Habitados a ouvir o fatal pregão de que «*no só exprimir-se está o todo da linguagem*», cuidam exclusivamente da sentença. Esquecem-se, entretanto, de que não é possível construir sem material ou com defeituoso material. De mais uma coisa se esquecem : o embellezamento da construcção. O resultado ali o temos : os alumnos das escolas primarias, mau grado o esforço dos mestres, falam e escrevem mal o portuguez.

Longe de nós desejar a volta da grammatica nas classes infantis. Uma cousa é o apprendizado de formulas vacias, outra cousa é a acquisição de formas grammaticalmente correctas.

LINGUAGEM NAS CLASSES ADIANTADAS

COMPOSIÇÃO

1.ª LIÇÃO

Fim especial : Estudo de um trecho literário, como preparatvo para composição.

Escrever no quadro negro :

O SÍTIO

• A cabana de reboco, colmada de sapé, ficava isolada num alto, entre viçosos cafeeiros de basta folhagem, roçagante, aberta em saia. Num cercado de ceva o bacorinho coinchava, atolado na lama, focinhando regaladamente. O paiol, sob um alpendre de zinco, por onde trepava a ramada opulenta de um pé de maracujá, estava atulhado de espigas de milho e, na moenda tosca, dentre os cilindros de madeira, pendiam bagaços esfarpados e resequidos de cana. A um canto erguia-se o forno de barro, alto como um cupim, sob a galhada protectora de uma velha mangueira.

Por entre os milhos, já seccos, gallinhas cacarejavam e um gato nédio dormia sobre a palha de café amontoada, como estrume, na raiz dos cafeeiros. »

(Ext. do «Sertão», de Coelho Netto.)

1. Leitura silenciosa pela classe.
2. Leitura, em voz alta, de palavras apontadas pela professora : *colmada, alto, aberta, cercado, paiol, alpendre, esfarpados, erguia-se, forno, dormia.*

Insistir sobre a pronuncia de taes vocábulos, pois está muito generalizado o vicio da confusão entre os phonemas 'l e 'r.

3. Leitura expressiva por uma ou mais alumnas.

4. Exercício de visualização :

- a) do conjuncto ;
- b) das partes.

Por suas palavras e gestos, e por outros meios adequados formará a professora, em um espaço imaginario, o quadro completo, tal qual o autor o descreveu. As phrases, e bem assim os vocabulos, serão explicados de modo a evocarem imagens chromaticas, estereoscopicas, cineticas e emotivas. Evitar a explicação por meio de definições e synonymia. O essencial é que o educando *veja e sinta* o que o autor *viu e sentiu*.

5. *Situação.* O autor localiza apenas a cabana—num alto.

Não é necessario mais, porquanto as outras partes (cercado de ceva, paiol, moenda, etc.) se acham naturalmente nas proximidades da habitação.

6. *Ponto de vista.* Qual o ponto de observação do autor? No quadro apresentado ha detalhes apanhados de pontos diferentes?

7. *Ordem.* Em primeiro lugar se destingue a casa de morada. Seguem-se os demais elementos, conforme a vista os vai apanhando: ali, o cercado de ceva; acolá, o paiol; a um canto, o forno; além, a plantação...

8. *Detalhes.* Quaes os detalhes que o autor eliminou em cada uma das partes componentes do quadro? Para a evocação das respectivas imagens são sufficientes os caracteres apresentados?

9. *Vocabulario.* Quaes as palavras que se acham repetidas no trecho? Quaatas vezes empregou o autor a particula *que*? Quaes os adjectivos que se podem supprimir ou substituir sem prejuizo da idéa?

Recommendar ás alumnas que observem uma qualquer habitação rustica nos arrabaldes da cidade, para servir de thema na proxima aula de composição.

Salientar a importancia que tem a fixidez do ponto de observação.

2.^a LIÇÃO

CRITICA

Professora.—Eu lhes havia recommendado que observassem o exterior de qualquer habitação rustica nos arrabaldes da cidade. O presente trabalho seria, então, a pintura do quadro que tivessem observado.

Noto, porem, que, com poucas excepções, vocês não attenderam aos meus conselhos. Em vez de pintarem cada uma o *seu* quadro, limitaram-se a reproduzir a descripção que eu lhes apresentara como simples modelo.

Prova-o a quasi uniformidade dos conjunctos, onde existem alguns detalhes que abso'utamente não se encontram nas moradas proximas da cidade. Aqui estão, por exemplo, a casinha de sapé, os cafeeiros viçosos, o forno de barro, o paiol, a moenda tosca, as gallinhas cacarejando no milheiral, o bacorinho, o gato .. tal qual na descripção-modelo.

Algumas modificaram o quadro conhecido, quer ajuntando-lhe minucias, quer alterando a forma ou a natureza de certos elementos já existentes. Assim, es-

tas figuram na scena um rio caudaloso; estoutras, um tanque com alvos cysnes, uma arvore frondosa, um poço; aquellas fazem apparecer vultos humanos, lavadeiras, uma linda moça, crianças louras, uma velhinha enforando pães... emfim, cousas que foram pensadas mas não foram vistas. E' interessante notar-se que este ultimo detalhe, a velha enforando pães, apparece em quatro moradias muito differentes.

A falta de verdade é visivel e, portanto esses trabalhos não podem ser tomados em consideração.

Dentre as poucas composições que apresentam um certo cunho de originalidade e que, porisso, devem ser o resultado de observação propria das autoras, eu destaco para nosso exame a de Maria Izabel. (Escreve no quadro-negro, com as devidas correções orthographicas).

«UMA CHACARA

A's seis horas da manhan eu fui a uma chacara tomar leite.

Na porteira avista-se uma casa vermelha, muito bonita, e, ao lado, um casebre de barro, com coberta de zinco e o chão de terra. Muitas criancinhas já levantaram, e estão brincando no chão, enquanto suas mães estão lavando roupa em um rio que passa proximo. As roupas, muito alvas, estão na graminha estendidas. As gallinhas com os pintinhos pastam por perto.

Ao lado ve-se um curral com muitos porcos e vaccas espalhados, comendo barro; dois carneirinhos com a lan muito alva estão perto da porteira.

Muitos perús, cabritos, gallinhas e uma patinha estão pastando em um vasto canavial, que fica perto da porteira e dá para o caminho.

Escuta-se o mugido de muitos bois, que parecem estar atrás da casa, e o barulho de um rio com um monjolo. Os passarinhos cantam alegremente, parecendo saudar aquella manhan tão linda, e a suave brisa que traz um aroma agradável de flores.»

A autora desta composição deu mostra de esforço. A scena está bem apanhada e descripta em estylo de certa sobriedade. Contudo, mediante alguns retoques, o trabalho poderá apresentar forma ainda mais agradável. Leia o seu trabalho, Maria Izabel. (A alumna lê em voz alta). Pode a classe apontar algum defeito na composição?

A classe.—A palavra *muito* está empregada sete vezes. Também se acham repetidas as palavras: *porteira, estão, alva, perto, gallinhas...* Maria Izabel diz que os porcos e as vacas estão comendo barro...

Professora.—Bem. Vamos examinar os períodos, um por um.

A' primeira vista parecerá desnecessario declarar o motivo e a hora da ida á chacara, entretanto não o é. A indicação da hora caracteriza melhor o aspecto da scena, fazendo subentender-se uma serie de detalhes que se não encontram explicitos, taes como a relva orvalhada, o sol ainda baixo, a disposição do gado. A declaração do motivo da ida, fixa o ponto de observação--junto á porteira, do lado de fóra. O primeiro período pode conservar-se como está redigido.

No segundo ha cinco observações a fazer-se. Em primeiro lugar, sendo o ponto de observação—junto á porteira, não sei como é que você podia avistar a casa *na porteira*.

Maria.—E' erro. Eu queria dizer *da porteira*.

Professora.—*Avistar* significa ver ao longe, ver imperfeitamente... Será que você apenas avistava a casa?

Maria.—Não, senhora. A casa estava perto, eu a via perfeitamente.

Professora.—Nesse caso o termo proprio é...

A classe.—Vê-se.

Professora.—Que casa era esta que você via? Era uma casa qualquer, indeterminada?

Maria.—Era a casa de morada.

Professora.—Não diremos, então, *uma casa*, mas sim...

A classe.—A casa.

Professora.—Muito bem. Maria diz que a casa é *muito bonita*, porem não mostra em que consiste essa boniteza. Uma vez que tal affirmativa não caracteriza o objecto, é inutil para a percepção do quadro, e deve ser eliminada. Também me parece inutil dizer que o casebre tem *chão de terra*, pois este caracteristico se acha implicito na idéa de *casebre de barro, coberto de zinco*. Façamos a mudança. (Corrige). Leia agora o período, F.

Uma alumna.—«Da porteira vê-se a casa, vermelha, e, ao lado, um casebre de barro, coberto de zinco.»

Professora.—Passemos ao terceiro período. Maria escreveu: «muitas criancinhas já levantaram e estão brincando no chão...» As palavras devem evocar só imagens das cousas percebidas na scena. Segue-se dahi o descabimento da phrase—*já levantaram*, a qual, aliás, deveria ser—*já se levantaram*. (Apaga a phrase). O

vocabulo *criancinhas*, dá idéa de crianças muito pequenas, de collo. Ora, as crianças tinham-se levantado e estavam brincando no chão, e, portanto, não é crível que fossèm *criancinhas*. Como se deve dizer?

A classe.—Crianças.

Professora.—Perfeitamente. (Faz a substituição). Estamos vendo um grande numero de crianças, são muitas, um bando, dez, vinte, talvez. Donde vieram tantas crianças?

Maria.—Não são muitas... umas cinco ou seis...

Professora.—Bem, o numero exacto não importa. Poderíamos substituir a palavra *muitas*, porem a eliminação dá mais elegancia á phrase e não lhe altera o sentido. (Apaga a palavra). As duas expressões—*estão brincando* e *estão lavando*, collocadas assim, muito perto uma da outra, não soam bem. Como poderíamos substituir a expressão—*estão brincando*?

A classe.—Brincam.

Professora.—(Modifica a expressão). Apesar das alterações feitas, o periodo não agrada ao ouvido. Alem disso é pouco nitida a imagem das crianças brincando. Onde estão ellas? Como estão?

Maria.—Estão sentadas á beira do rio.

Professora.—Vamos dar outra forma ao periodo. (Escreve).
Leia, F.

Uma alumna.—«Em um rio que passa proximo algumas mulheres estão lavando roupa, enquanto os filhos brincam sentados á beira d'agua.»

Professora.—No quarto periodo nota-se algum defeito de construcção, impropriedade de termos ou repetição de palavras?

A classe.—Nota-se o emprego das palavras *roupas*, *muito*, *estão e alvas*, que se encontram tambem em outros lugares. A palavra ROUPAS parece que está erradamente determinada...

Professora.—Têm razão. Reconstruam o periodo, de modo a desaparecerem os defeitos apontados.

A classe.—Sobre a graminha alvejam roupas estendidas.

Professora.—Aceitemos a nova construcção. (Escreve). Leia você, F.

Uma alumna.—«Sobre a graminha alvejam roupas estendidas.»

Professora.—Analysem o quinto periodo. Existe algum erro ou impropriedade?

A classe.—A palavra *gallinha* não deve estar determinada.

Professora.—Têm razão. Devem notar tambem a impropriedade do termo *pastam*. Pastar significa comer a herva que ainda está na terra, e só se emprega com referencia ao gado. As aves não pastam, ellas.....

- A classe.*—Ciscam, catam, bicam. . . .
- Professora.*—Redijam de novo a sentença.
- A classe.*—Gallinhas com os pintinhos andam catando por perto.
- Professora.*—Serve. (Escreve). Leia você, F.
- Uma alumna.*—«Gallinhas com os pintinhos andam catando por perto.»
- Professora.*—No periodo seguinte já se notou um erro. De facto, nem os porcos, nem as as vaccas comem barro. Maria enganou-se com certeza. Que faziam, então, os porcos e as vaccas?
- Maria.*—Os porcos afocinhavam e as vaccas ruminavam.
- Professora.*—E' melhor dividir este periodo em dois. Eu vou redigil-o de novo, procurando evitar a repetição de vocabulos e determinando o nome *curral*, que está erradamente indeterminado. De que lado se acha o curral?
- Maria.*—A' esquerda.
- Professora.*—(Depois de escrever). Leia você, F.
- Uma alumna.*—«A' esquerda é o curral, onde, espalhados, porcos afocinham no lodo e vaccas ruminam. Dois carneirinhos muito alvos permanecem junto da porteira.»
- Professora.*—No setimo periodo devemos, pelos motivos já expostos, eliminar a palavra *muitos* e substituir o termo *pastando*. A construcção do periodo é frouxa. Convem dividil-o em dois outros. Proponho esta redacção. (Redige). Leia você, F.
- Uma alumna.*—«Um vasto canavial fica logo á entrada e segue beirando o caminho. Perús, cabritos, gallinhas e uma patinha andam pelo meio da plantação.»
- Professora.*—O periodo seguinte, embora aceitavel, apresentará melhor aspecto si for assim redigido. (Escreve). Leia você, F.
- Uma alumna.*—«Escuta-se o mugido de bois, que parecem estar atrás da casa, e o ruido dagua no monjolo, que está batendo.»
- Professora.*—No ultimo periodo se nota a expressão *tão linda*, que não evoca imagem alguma e, portanto, deve desaparecer. Impõe-se ainda a mudança do termo *parecendo*, por se achar repetido. Como está redigido o periodo, entende-se que os passarinhos saú tam a manhan e a brisa. E' isso mesmo o que você quer dizer, Maria?
- Maria.*—Não, senhora. Os passarinhos saúdam a manhan, e a brisa traz um aroma. . .
- Professora.*—Como devemos escrever, então?
- Maria.*—Os passarinhos cantam alegremente, como que saudando a manhan, e a suave brisa traz um aroma agradavel de flores.

Professora.—Muito bem. (Emenda o periodo). Vejamos agora a construcção e conveniente disposição dos paragraphos. Discutida e assentada esta parte, a composição apresentará approximadamente a forma seguinte:

«UMA CHACARA

A's seis horas da manhan eu fui a uma chacara tomar leite.

Da porteira vê-se a casa, vermelha, e, ao lado, um casebre de barro, coberto de zinco.

Em um rio que passa proximo algumas mulheres estão lavando roupa, enquanto os filhos brincam sentados á beira dagua. Sobre a graminha alvejam roupas estendidas. Gallinhas com os piutinhos andam catando por perto.

A' esquerda é o curral onde, espalhados, porcos afocinham no lodo e vaccas ruminam. Dois carneirinhos muito alvos permanecem junto da porteira.

Um vasto canavial fica logo á entrada e segue beirando o caminho. Perús, cabritos, gallinhas e uma patinha andam pelo meio da plantação.

Escuta-se o mugido de bois, que parecem estar atraz da casa, e o ruido dagua no monjolo que étas batendo.

Os passarinhos cantam alegremente, como que saudando a manhan, e a suave brisa traz um aroma agradavel de flores.»

3.^a LIÇÃO

Fim especial: Estudo de um trecho literario, como preparativo para composição.

Escrever no quadro negro:

A CABANA

«A cabana, de construcção provisoria, compunha-se de uma sala e dous quartos. A sala espaçosa e clara, com duas grandes janellas, era ao mesmo tempo cozinha e despensa. Em uma das faces o fogão: trez pedras em triangulo, sobre as quaes pousava a panella de barro, tres outras mais adiante para a chaleira, sempre ao fogo. Em cordas de tucum a manta de carne, o toucinho, as linguiças, o lombo, o bacalhau, as restecas d'alho e de cebollas.

O tecto, enfumarado, parecia tinto a piche e reluzia. Uma mesa de pinho ennegrecida, duas cadeiras de assento de embira trançada, uma velha caixa, um tamborete eram a mo-

bilha. Na parede a viola, o facão na bainha de couro e uma espingarda de dous canos. Em um dos quartos, illuminado por uma janella que abria para a matta, dormia o casal, protegido por uma «*Conceição*» no seu oratorio envernizado: no outro quarto guardavam as grandes arcas de roupa, a sella, os ferros da lavoura, as sementes.»

(Ext. do «Sertão», de Coelho Netto.)

O plano de estudo será approximadamente o mesmo que foi estabelecido para a 1.^a lição. A leitura de palavras isoladas, com o fim de exercitar as alumnas na pronuncia de certos phonemas, poder-se-á substituir pela leitura de phrases, com o fim de exercita-las nas elisões e ligações.

Terminado o estudo deste trecho, a professora recomendará ás suas alumnas que observem um determinado aposento da casa onde moram, ou, então, lhes apresentará uma estampa que represente o interior de habitação. Ali estará o assumpto para a composição, cuja critica constituirá o objectivo da

4.^a LIÇÃO

CRITICA

A arte de compor, como todas as artes, se adquire pela imitação dos bons modelos. Desta pratica, feita intelligentemente sob a direcção dos mestres, é que hão de nascer as regras indispensaveis para escrever com acerto e com belleza a nossa lingua.

Precisamos abandonar a rotina. A composição ainda é aquelle velho exercicio que se faz para *corrigir erros de portuguez*. Façamos della um instrumento de cultura mental, apurador dos mais nobres sentimentos, creador de vontade, e sob o ponto de vista formal não tenha outro objectivo que não seja a formação do estylo.

O plano que apresentamos indica um novo rumo. E' simples e tem a vantagem de ser economico. Resume-se no seguinte: examinar e sentir a obra do artista; compor sob a inspiração da obra examinada; analysar e corrigir a propria obra.

Um rico manancial literario existe á disposição dos professores. Escolham os modelos convenientes quanto ao fundo e á forma, sobretudo aquelles que se mostram caracteristicamente nacionaes, e os offereçam á apreciação dos seus discipulos.

O plano é economico, dissemos. De facto, simultaneamente cultiva-se á expressão oral, desenvolvem-se os sentimentos, permite-se a manifestação da individualidade e põem-se em actividade as funcções mentaes de perceber, recordar, julgar, imaginar...

Do prof. dr. Amadeu Mendes, digno director do Gymnásio do Estado, em Campinas, recebemos um exemplar do folheto «*Ligeiras considerações referentes ao ensino gymnásial*». E' um trabalho cuidadoso em que o A. estuda a defeituosa organização actual dos gymnásios, a impossibilidade, della decorrente, de realizar um ensino proveitoso; e, depois de mostrar lacunas graves e sobrecargas desnecessárias, indica as bases de uma reforma imprescindível. Fá-lo em linhas geraes, mas com a segurança de um perfeito conhecedor do assumpto. Applaudimo-lo vivamente e esperamos que nossos dirigentes darão ouvidos aos clamores justos que se levantam contra a decadencia do ensino secundário. A leitura deste folheto abrirá os olhos aos que não têm ideias seguras sobre a questão e orientará os que desejarem agir em favor da educação nacional.

No amphitheatro da nossa Escola, realizou o doutorando de medicina sr. Ulysses de Souza e Silva, em 5 de abril do p. p., uma conferencia sobre a prophylaxia da ankylostomiase. Illustrou fartamente o seu trabalho, tornando-o claro e a todos accessivel. Prestou por isso um óptimo serviço e recebeu da assistencia francos applausos.

—A 13 de maio último, o sr. dr. Ernesto de Moraes Leme, illustre advogado em Catanduva, a convite do prof. Mariano de Oliveira, director de nossa Escola, realizou no mesmo local, uma bellíssima conferencia sobre «*A Justiça*». S. S. devia ter percebido que agradou francamente, pois foram expressivas as palmas e as felicitações que recebeu.

—Além destes distinctos amigos, os collegas do estabelecimento não

deixaram passar oportunidade sem malhar nas teclas das aspirações nacionaes. Neste semestre ouvimos os profs. Ant. Firmino de Proença e Sebastião Pontes; o primeiro, por ocasião da entrega de cadernetas aos reservistas do exército, instruidos na Escola; e o segundo, a 21 de abril. E' um empenho de nós todos:—dar o melhor do nosso esforço em favor das crianças e da mocidade das escolas.

Nossa REVISTA tem merecido os louvores de todos que a recebem ou que a lêem. Muitíssimo nos agrada este facto. Entretanto, necessitamos lembrar a nossos amigos que ella nos custa trabalho pesado e não pequeno sacrificio pecuniário: distribuimo-la gratuitamente. Todo o auxilio, por isso, nos é grato e valioso. Tornamos público aqui, com grande satisfação, a verba que nos destina a Câmara Municipal de São Carlos, por indicação de nosso bom collega e seu actual presidente dr. Theodorico de Camargo. Deu-nos em 1918 e em 1919 a importancia de 300\$, annuaes, e dar-nos-á, no corrente anno, esse mesmo auxilio. Com agradecimentos á illustre edilidade, salientamos a sua alta compreensão dos interesses vitaes da Pátria. Não só a Câmara, tambem o consagrado literato sr. Alberto Faria, membro da Academia Brasileira de Letras, trouxe-nos o seu apoio, a 27 de março p. p., realizando, em um saráu literario-musical, em benefício da Santa-Casa local e da nossa REVISTA, uma interessante conferencia sobre «*O gallo através dos seculos*». A população sancarlense encheu a nossa sala de festas, accorrendo ao nosso appello. Taes factos nos animam, e, contando com outros idênticos, que alliviarão nossa carga, esperamos publicar, com toda a regularidade, esta REVISTA, que alguns serviços já tem prestado.

TABOA DOS 8 NUMEROS PUBLICADOS

CARLOS DA SILVEIRA

- Numero 1.º As Escolas Normaes do Estado de S. Paulo.
» 2.º Um programma de historia da pedagogia.
» 3.º A lingua patria e a unidade nacional.
» 4.º Historia da instrucção e da educação no Brasil (I)
» 5.º Historia da instrucção e da educação no Brasil (II)
» 6.º Historia da instrucção e da educação no Brasil (III)
» 7.º Culto civico -- Conferencia em Araraquara.
» 8.º Questões de ensino normal.

RAPHAEL FALCO

- » 1.º Como deve ser a sala de desenho.
» 4.º A arte e o seu objecto.
» 8.º Fim do desenho nas escolas primarias e normaes.

LAZARO R. LOZANO

- » 1.º Orientação do ensino da musica.

A. RAGGIO NOBREGA

- » 1.º Filologia portuguesa (Colossal abismo).
» 5.º Ruy Barbosa (Conferencia em S. Carlos).

ANTONIO FIRMINO PROENÇA

- Numero 1.º O estudo da natureza nas classes primarias.
 » 2.º Methodo didactico.
 » 4.º O ensino primario.
 » 6.º Juvenal Penteado (Elogio funebre)
 » 7.º Ensino primario.
 » 8.º A escola e a caserna (Discurso)
 » 8.º Linguagem nas classes inferiores.

FRANCISCO Z. OLIVEIRA PENTEADO

- » 1.º A geometria, sua origem, seu progresso, seu ensino.
 » 2.º A geometria (Os factores da geometria).
 » 3.º Desertos e climas ; a devastação das matas.
 » 4.º A imaginação na geometria
 » 5.º A geometria geral.

JOÃO TOLEDO

- » 1.º Linguagem—Apontamentos para meus alumnos.
 » 2.º Evolução e pedagogia.
 » 3.º A escola brasileira.
 » 4.º Hereditariedade e educação.
 » 5.º Nossa gente.
 » 6.º Aprendizado activo (I).
 » 7.º Aprendizado activo (II).
 » 8.º Os ideaes nacionaes e as escolas elementares.

WALDOMIRO CALEIRO

- » 1.º Henri Bergson.
 » 2.º Rusticidade.
 » 3.º Typos brasileiros ; a alma nacional.
 » 4.º Transmutação de valores.

EZEQUIEL DE MORAES LEME

- » 2.º Pela patria.
 » 3.º Bellezas naturaes do Brasil.
 » 5.º Campos Salles e o civismo (Conferencia em S. Carlos)
 » 6.º Povoamento e educação.
 » 7.º Geographia e o seu ensino.
 » 8.º Questões do ensino.

MARIO NATIVIDADE

- Numero 2.º Discurso iuaugural da Sociedade de Estudos e Conferencias.
 » 3.º Discurso ao professorandos de 1917.
 » 8.º Um problema de annuidades.

THEODORICO L. A. DE CAMARGO

- » 3.º O problema do urbanismo no Brasil ; a volta aos campos.

DR. ASTOR DIAS DE ANDRADE

- » 3.º A medicina escolar e o futuro de nossa nacionalidade.

DGOBERTO SALLES

- » 3.º Vida de um brasileiro que é uma lição de civismo (Campos Salles)
 » 5.º A moral civica (Conferencia em Jahú)
 » 7.º Republica no Brasil (Conferencia em Ribeirão Bonito).

ATUGASMIN MEDICI

- » 3.º Mestres e soldados.

ELIZIARIO FERNANDES DE ARAUJO

- » 3.º Instituições nacionaes.

SEBASTIÃO P. DE T. PONTES

- » 3.º Conferencia de 15 de Novembro (1917)
 » 8.º Conferencia de 21 de Abril (1920)

MARIANO DE OLIVEIRA

- » 3.º Conferencia de 19 de Novembro (1917)
 » 8.º Escolas Normaes (Trecho de um relatorio)

DOMINGOS DE VILHENA

- » 7.º O ensino da lingua francesa nas nossas escolas normaes.

MANOEL DE TOLEDO SILVA

- Numero 3.º Quadro das medidas anthropologicas (I).
» 5.º Quadro das medidas anthropologicas (II).

J. E C.

- » 8.º Quadro de conceitos pedagogicos.

REDACÇÃO

- » 1.º Programma da «Revista».
» 4.º Transcripção de um trecho de Olavo Bilac.
» 8.º Resenha de trabalhos.

SECRETARIA DA ESCOLA

- » 2.º Apontamentos diversos, pag. 29 a 33.
» 3.º Apontamentos diversos, pag. 150 a 158.
» 5.º Apontamentos da pag. 90.
» 7.º Apontamentos de pag. 68 e 69.

1920

Estab. Graphico JOAQUIM AUGUSTO

San Carlos